

A LAVOURA

Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura

ANNO XXV

Rio de Janeiro — Brasil

Ns. 10 e 11

A união das classes ruraes

Um dos objectivos que mais de perto interessam ao programma de acção da Sociedade Nacional de Agricultura tem sido sempre a união das classes ruraes em cada Estado, para o fim de ser possível opportunamente constituir-se uma grande confederação com séde na Capital da Republica.

Alguns dos Estados brasileiros possuem ligas agricolas nos municipios e aggremações de maior vulto nas respectivas capitães. A experiencia tem demonstrado que os esforços isolados de taes entidades associativas são em geral de muito limitada efficiencia pratica.

A razão disso está em que ainda não foram de todos comprehendidas, como é mister, as vantagens da união das classes productoras ruraes em um nucleo regional, aparelhado para o momento em que se possa e se deva crystallizar em realidade a grande e benemerita idéa, felizmente em marcha, da confederação geral de todas as sociedades e ligas locais numa organização prestigiosa na séde dos poderes publicos da Nação.

E' o problema agudo e importantissimo da liga nacional das federações ruraes que se estabeleçam no territorio brasileiro, como resultante da fusão das sociedades ou ligas agricolas municipaes num organismo de connexão nas capitães dos Estados.

A este respeito, o Rio Grande do Sul já offerece inapreciavel contribuição á solução definitiva d'esse magno problema economico, um dos mais imperativos e exigentes do nosso tempo neste paiz.

A Sociedade Nacional de Agricultura registou com a mais viva satisfação a noticia de ter sido recentemente fundada a Federação Rural na capital do grande e prospero Estado, com o con-

curso da antiga Federação das Associações Ruraes e da União dos Criadores Riograndenses, pela fusão de todas as associações e ligas agro-pecuarias que o Estado possuia em grande numero, como nenhum outro departamento da Federação Brasileira.

Viu, pois, a Sociedade Nacional de Agricultura em começo de execução a idéa por que se tem batido com infatigavel solicidade, e particularmente appreciou que esse movimento, destinado a robustecer a resistencia da economia do paiz, partisse do Estado que tem incontestavelmente situação privilegiada no conjuncto da produção nacional pela grande variedade das suas explorações agricolas e, muito especialmente, pelo valor estavel e progresso crescente com que a sua industria pastoril contribue para a expansão da riqueza brasileira.

Retenham-se estes simples algarismos, collidos na ultima mensagem do Dr. Borges de Medeiros:

"A produção agricola geral do Rio Grande do Sul subiu em 1920 a 4.117.330 toneladas, com o valor de 674.708:300\$000, contra 3.808.700 toneladas, avaliadas em 674.718:020\$000, em 1919. Augmento: no valor, 13.990:300\$000; no peso, 308.630 toneladas. E a área cultivada, que era de 2.561.450 hectares em 1919, passou a ser de 2.581.300 em 1920. O accrescimento foi, pois, de 19.850 hectares, dos quaes 2.000 correspondem ás lavouras de milho.

"A produção industrial, agricola e pastoril dos setenta e dois municipios foi calculada em réis... 1.209.231:600\$000.

"O valor dos rebanhos do Estado, em 1920, era de 1.362.965:500\$000, relativos a 22.084.820 cabeças.

"A população bovina correspondiam, nesse total 950.178:000\$000, ou 9.171.700 cabeças; á equina, 91.295:000\$000, ou 1.548.000 cabeças; á muar, 43.198:000\$000, ou 394.000 cabeças; á ovina, 97.663:500\$000, ou 5.059.720 cabeças; á suina, 179.114:500\$000, ou 5.575.100 cabeças; á caprina, 1.146:000\$000, ou 135.100 cabeças.

"Esses algarismos accusam sobre os de 1919 as seguintes differenças para mais: população bo-

vina, 5.918:000\$000, ou 242.200 cabeças; equina, 1.545:000\$000, ou 24.800 cabeças; muar,..... 755:000\$000, ou 6.400 cabeças; ovina, 3.720:300\$000, ou 236.100 cabeças; suina, 30.659:500\$000, ou 850.100 cabeças; caprina,.... 70:600\$000, ou 7.600 cabeças."

Um Estado que já se affirma com essa pujante potencialidade acha-se naturalmente indicado para nortear os emprehendimentos fundamentaes da nossa vida economica, que precisam do contagio de taes exemplos.

Compreende-se, dess'arte, facilmente, a significação do acto memoravel praticado pelos lavradores e criadores gauchos, acto de que decorre, com o bello effeito moral de tão patriótica iniciativa, a incontestavel autoridade de um estimulo salutar a todo o paiz.

S. Paulo é outro Estado que toma a dianteira nesse movimento, porquanto, sob os auspícios das suas prestigiosas associações de classe da Capital, Sociedade Paulista de Agricultura, Sociedade Rural Brasileira e Liga Agricola Brasileira, estão se multiplicando as ligas agricolas pelos municipios produtores, com o que se prepara, talvez para breve, a fusão federativa que acaba de realizar-se no Rio Grande.

Minas Geraes, outro vasto centro de desenvolvimento de associações ruraes, fomentado pela importante Sociedade Mineira de Agricultura, não tardará, estamos certos, em encaminhar para o hemfazejo objectivo os esforços de todas as classes ruraes que impulsionam o surto do vigoroso progresso economico do Estado.

A conjugação desses exemplos, pela influencia que podem exercer nas directrices superiores da economia nacional, apressará sem duvida alguma o advento da Confederação Rural do Brasil, que será a Liga das Federações Ruraes Estaduaes, como supremo organismo propulsor, coordenador e defensor da produção da terra no Brasil.

Devemos todos, na medida dos nossos meios e responsabilidades, propagar essa indiesimulavel e premente necessidade entre os lavradores e criadores nacionaes, fazendo-lhes ver que o individualismo, em que até hoje as circumstancias loaes têm segregado e esterilizado os seus esforços, e apoucado os resultados do seu trabalho, não pôde

mais prevalecer diante das diversissimas modalidades creadas pela renovação dos valores economicos no mundo inteiro. Longe vaee já o tempo em que o productor se bastava a si mesmo, prescindindo do apoio do espirito associativo, que deve ser o apanagio de todas as classes que produzem.

A economia rural entrou definitivamente no gremio dos factores decisivos de sobrevivencia das nações. Mas, para que ella mantenha essa qualidade, mister se torna possua efficiencia, e hoje em dia esta efficiencia depende de multipas circumstancias que, á feição de um imperativo categorico, não podem ser desdenhadas, ou esquecidas, sem evidente annullação, ou, quando menos, neutralização das energias consagradas á produção da riqueza agricola.

Urge, portanto, que, entendendo a economia rural no sentido moderno das realidades praticas, e tendo muito em vista que esse sentido affecta particularmente as condições peculiares da vida economica brasileira, os nossos produtores ruraes busquem amparo, defesa, assistencia, estimulo na sua approximação reciproca, num mutuo entendimento de interesses, que isoladamente continuariam precarios e não poderiam alcançar nem reivindicções, nem realizações uteis.

Não esqueçamos que é indispensavel demonstrar aos poderes publicos, sempre com empenho, zelo e tenacidade, a conveniencia de medidas de toda sorte, as mais das vezes urgentes, exigidas pela segurança ou expansão do trabalho agricola, para obter as iniciativas que só a administração publica pôde tomar em beneficio de classes, em cujo labor, aliás, ella vaee buscar os recursos de que precisa.

Mil aspectos compõem hoje o problema da economia dos campos, e muito embora neste momento sejam visiveis os esforços dos poderes publicos em favor da lavoura cafeeira, nem por isso se torna prescindivel a voz dos productores nos conselhos do governo.

E, como isto não será possivel jamais sem a identificação dos interesses ruraes por meio da união das respectivas classes, união que comece nos municipios e se corporifique em finalidade federativa no cerebro da Nação, não se-

rão nunca ociosas, ou demasiadas, as palavras de incitamento que são objecto deste artigo, inspirado no exemplo intelligente e patriótico dos productores riograndenses.

A Suissa é, como se sabe, um paiz rural modelo, quer como organização de classes, quer como valorização das utilidades produzidas no regimen d'essa organização. Pois a esse invejavel aperfeiçoamento economico, que lhe estabeleceu definitivamente a riqueza agraria, chegou a Republica Helvetica por meio de uma instituição nos moldes da Confederação que se intenta estabelecer no Brasil — a "Union Suisse des Paysans".

Fundada em 1907, com cem mil socios, todos camponeses, nasceu a "Union" da necessidade de defender a proprie-

dade agraria e a riqueza d'ella derivada contra a imminente preponderancia dos partidos avançados, que ameaçavam apoderar-se do governo e submeter o paiz ao regimen communista. Foram esses camponeses, assim organizados, que salvaram as instituições nacionaes e, do mesmo passo, conseguiram ver attendidas as velhas reivindicações da agricultura suissa; e a elles ficou ainda devendo a Republica Helvetica a possibilidade das providencias economicas que durante a guerra impediram a fome e a miseria no paiz.

E a "Union Suisse des Paysans" é hoje uma formidavel organização propulsora e reguladora da economia nacional, podendo, portanto, ser apontada como exemplo ao nosso bom senso e ao nosso patriotismo.

A missão Pearse e o futuro da produção algodoeira no Brasil

A comissão chefiada pelo Sr. Arno Pearse, e que veio ao Brasil por delegação da "International Cotton Federation", despertou tão grande interesse nos nossos meios agricolas e industriaes, que convem analysar, em breves linhas, o que tem sido a acção dessa importante associação no tocante á industria e á produção algodoeira no mundo, e o que podemos esperar do empenho demonstrado por ella em relação ao nosso paiz como productor de algodão.

Não pôde deixar de ser da mais alta significação para nós a resolução tomada por aquella corporação de mandar estudar por especialista de tal nomeada as possibilidades que o Brasil offerece ao desenvolvimento da produção algodoeira, pois demonstra isso o vivo desejo de secundar os nossos esforços, como já o fizera na India e no Egypto, de modo que possamos occupar posição condigna ao lado desses paizes, que, graças as seus esforços e conselhos, tanto augmentaram e aperfeiçoaram a cultura da preciosa malvacea.

As conferencias, realizadas pelo chefe da missão, depois de visitar os varios Estados do Brasil, e nas quaes se depararam tantos conselhos uteis e tantas observações sobre a excellencia das nossas condições naturaes para sermos um dos maiores fornecedores daquella valiosa fibra, traduzem bem o espirito que presidiu á escolha dos membros da missão, cujos fructos serão mais copiosos para nós do que para os proprios paizes representados na citada corporação internacional, se nos não quedarmos na indiferença, que nos é habitual, deante dos casos mais graves da nossa vida economica.

Repare-se no contrario de procedimento. Quando todos aqui estavam descoroçados com a baixa dos preços do algodão, chegava a comissão internacional incumbida de estudar os meios de augmentar a sua produção no Brasil. Parecia um contrasenso, mas, antes mesmo de regressar

ella á Europa, já as cotações do algodão conseguiam alta sensível, que só tende a accentuar-se.

E' que a Federação vem ha longos annos reunindo os elementos necessarios sobre a marcha da produção e do consumo do algodão no mundo e não se illudia sobre a queda subita dos preços, que se não poderiam manter baixos por muito tempo, visto que, sendo inferiores ao custo de produção nos Estados Unidos e no Egypto, acarretariam a redução immediata da produção nesses paizes, além da repercussão que haviam de exercer sobre a expansão do consumo.

Tem sido um dos nossos maiores males o alheamento em que vivemos das condições universaes de produção e de consumo para os principaes generos do paiz, e, a proposito do algodão, já em 1916, assim me pronunciava eu em entrevista dada ao "Jornal do Commercio":

"A experiencia de todos os paizes mostra que, sem inqueritos minuciosos e repetidos, não se logram vantagens permanentes em tal ramo de actividade, sempre sujeito a influencias complexas e variaveis. Era por isso que, antes da guerra, todas as nações interessadas na produção algodoeira concorriam aos congressos, que se realizavam annualmente, por iniciativa da "International Cotton Federation", e nos quaes se analysavam e discutiam os dados relativos ao assumpto, reunidos com o maior escrupulo e procedentes das varias partes do mundo, approvando-se conclusões de grande interesse, que influiram sensivelmente sobre a attitude dos productores de algodão, maxime nos Estados Unidos, no Egypto e na India.

"Os inqueritos especiaes, feitos *de visu* pelos membros da Federação nesses paizes, ministraram ensinamentos preciosos para nós. O Brasil, infelizmente, nunca se interessou pelos trabalhos desses congressos, onde se grupavam innumerables especialistas e cujas suggestões orientavam os capitalistas europeus, que se propunham applicar haveres na cultura do algodão."

Foi, pois, com viva satisfação que acompanhei os actos do Governo tendentes a nos pôr em contacto com a Federação Internacional do Algodão, visto que estaremos, por seu intermedio, bem orientados sobre o que nos cumpre fazer em materia de producção algodocira.

Para se avaliar o interesse que ligam os industriaes inglezes á multiplicação dos centros productores da preciosa malvacea, afim de obviarem os inconvenientes multiplos do monopolio que possuem, no particular, os Estados Unidos, e que lhes tem occasionado, a revezes, prejuizos de não pequena monta, reproduzo aqui o seguinte trecho de Todd, cuja autoridade é incontestavel: "It may seem paradoxical in view of the persistent outcry of the cotton trade against high prices during the last ten or fifteen years, yet it is nevertheless true that, from the point of view of the supply of raw material, the greatest danger to the cotton trade just now is too low prices". Esta phrase, em que se declara serem os baixos preços o maior perigo para o commercio do algodão, foi escripta em relação á crise de preços, que se produziu logo após a declaração da guerra em 1914, e é de inteiro cabimento ainda agora. Por ahí se vê que os industriaes inglezes estão convencidos de que, sem preços elevados, não é possível alargar a área de plantio do algodão nos paizes em que essa cultura é incipiente.

Mas, não se trata sómente de elevação transitoria, como a especulação tanta vez se compraz em promover, para desanimar, com a queda repentina dos preços, os esforços dos que teniam iniciar esse ramo da lavoura; o que pretende a Federação Internacional é a estabilização dos preços do algodão pela criação de uma reserva internacional desse producto, formada nas épocas de safras excessivas, para supprir as deficiencias dos máos annos. Constitue um dos pontos capitaes do seu programma a realização desse objectivo, tão calorosamente propugnado por Sir Charles W. Macara, ha longos annos. Em publicação recente, inserta na *Révue Economique Internationale*, assignalava elle os esforços que envidára nesse sentido: "Como presidente da Federação Internacional do Algodão, um dos pontos que mais chamaram a minha attenção, desde que tomei posse desse cargo, foi obter o equilibrio, na medida do possível, da materia prima entre os annos de colheita abundante e os de colheita deficiente.

"Reflecti detidamente sobre o assumpto e cheguei á conclusão de que o melhor meio de resolver a difficuldade estava em crear uma reserva de algodão com a producção dos annos bons, para estabelecer compensação durante os annos em que a colheita fosse insufficiente ás necessidades das fabricas. O momento ideal para a realização deste projecto foi precisamente o da declaração da guerra. Os Estados-Unidos acabavam de ter a maior safra até então verificada, e a Alemanha e a Austria haviam cessado de figurar entre os consumidores. Propuz aos Governos dos Estados Unidos e da Inglaterra a compra do algodão habitualmente consumido naquelles paizes, afim de se constituir uma reserva no interesse dos consumidores e dos productores.

"Além disso, suggerí que conviria entregar a execução do plano a pessoas que estivessem habituadas a operar nesse ramo de negocio. Nada se fez.

"Qual foi o resultado? O resultado immediato foi que o algodão baixou de 7, 5 a 4 pence a li-

bra, causando enorme prejuizo a todos os que estavam ligados a essa industria.

"Calcula-se que os productores perderam..... 90.030.000 de libras esterlinas, e o algodão americano subiu, desde então, de 10 a 90 libras esterlinas por fardo.

"*Esperamos ainda a criação de uma reserva de algodão.*

"Supposto que tal suggestão houvesse sido realzada, que se teria produzido?

"Em primeiro lugar, a offerta de materia prima ficaria estabilizada dentro de certos limites. Ter-se-ia comprado e armazenado, sob a vigilancia dos governos dos Estados-Unidos e da Inglaterra, uma reserva de 3 a 4.000.000 de fardos. Entregando-a ao consumo por partes, quando se fizesse preciso, a especulação sobre a materia prima annullar-se-ia, ou, pelo menos, diminuiria consideravelmente."

Não ha parte do programma da Federação mais importante para nós do que a da criação da reserva internacional do algodão, com a consequente estabilização dos preços em nível remunerador, pois que nada influe de modo tão pernicioso sobre o moral dos nossos lavradores, privados ainda do conforto do espirito de solidariedade, como a incerteza nos preços de venda dos seus productos. Sabem elles que, com a falta de organização do credito no nosso paiz, não poderão dispôr de meios para preparar e custear as suas safras com a perspectiva de máos preços, e facilmente desanimam, abandonando alguns, de vez, o ramo da lavoura a que se dedicavam.

Ora, para que o algodão adquira no Brasil a importancia que occupa na vida economica dos Estados-Unidos, é indispensavel fixar as nossas populações do interior na exploração dessa cultura, e attrahir para ella a applicação de grandes capitães, o que não será possível conseguir, de prompto, sem a estabilidade nas cotações preconizada pela Federação e já posta em pratica, sob a fórma de preços minimos nas colonias inglezas.

Miguel Calmon.

O Brasil e a immigração italiana

A abolição da lei Prinetti vae reatar a corrente immigratoria italiana que tão util tem sido á nossa prosperidade agricola.

As estatisticas de entrada do colono italiano no Brasil assignalam os primeiros algarismos no anno de 1902. Nesse anno, recebemos 23.479; dahi até 1911, a cifra decresceu: 10.515 em 1903; 9.809 em 1904; 11.297 em 1905; 12.413 em 1906; 11.836 em 1907; 9.596 em 1908; 9.295 em 1909; 8.434 em 1910; 18.011 em 1911.

No anno seguinte, retomamos, um pouco excedido, com 23.488 colonos, o algarismo de 1902, caindo successivamente a 9.162 em 1914; 2.575 em 1915; 1.212 em 1916; 151 e 118 em 1917-1918; subindo em 1919 a 4.135 e em 1920 a 8.593.

A tendencia, felizmente, é para augmento.

Federação das Associações Rurales do R. G. do Sul

Em meados de Novembro deve reunir-se em Bagé um congresso de lavradores e criadores, especialmente para sancionar o acto da recente fusão da União dos Criadores do R. G. do Sul com a Federação das Associações Rurales do mesmo Estado.

A industria dos frigorificos e o exaggero dos impostos

Na sessão de 12 de julho proximo findo, o Sr. Dr. Carlos Monteiro de Barros fez uma detalhada communicação á Sociedade Nacional de Agricultura a respeito do regimen verdadeiramente excessivo de impostos de toda ordem, municipaes, estaduais e federaes, a que está sujeita a materia prima utilizada nos frigorificos nacionaes, lendo, para isso, o importante memorial que em seguida publicamos, subscripto tambem pelo Dr. Orlando Silveira.

Não se precisa de melhor attestado para ter-se a triste certeza de que, em materia tributaria, o nosso habito de ir ás ultimas consequencias acabará tornando impossivel, no Brasil, a sobrevivencia de empreendimentos industriaes que representem grandes fontes de riqueza exploravel e possam concorrer para a maxima expansão economica do paiz.

A tal respeito, licito é dizer que reina um verdadeiro regimen de insensatez, pois que outra coisa não são os diferentes e exorbitantes tributos cobrados simultaneamente pelo fisco municipal, pelo fisco estadual e pelo fisco federal, (sem esquecer o odioso imposto interestadual), que oneram implacavelmente a industria em geral.

Este caso dos frigorificos é typico dessa insanía. Industria nova, o magnifico surto que tomou em poucos annos não pode evidentemente continuar, se os governos não se detêm no caminho perigoso do exaggero com que a tributam.

Eis o memorial:

"Nesta hora em que a situação angustiosa do paiz reclama medidas de emergencia e socorro á produção nacional, é myster que se promova, com urgencia e em acção conjuncta e harmonica, se possível, a decretação das medidas necessarias por parte dos poderes publicos, Federal, Estadual e Municipal, para salvar a nossa pecuaria, na situação de agonia em que se encontra.

Ha um anno já que um dos signatarios deste memorial, representando os fazendeiros de Barretos, veio em commissão pedir recursos pecuniarios ao Governo Federal, para que aquella principal praça e centro commercial de gado não viesse a perecer, de chofre, por falta, exclusivamente, de numerario. E como sabeis, a despeito da boa vontade do Exmo. Sr. Presidente de S. Paulo, nada foi obtido do Governo Federal, e o resultado desastroso foi, infelizmente, além do que poderíamos prever naquella época, pois as medidas tomadas para jugulação da peste vieram dar o ultimo retoque ao quadro desolador. Por falta de numerario falliram as firmas nacionaes, muitas dellas millionarias, e os negocios ficaram entregues e reduzidos ás companhias estrangeiras, unicas que tiveram ainda dinheiro para comprar as boiadas gordas existentes então, e as magras que, em quantidade muito diminuida, entraram do sertão, nesta safra.

Vieram por fim as medidas contra a peste, a prohibição dos embarques e matança, a paralyção de todos os negocios e extincção consequente da unica fonte que ainda alimentava, pareca e avaramente, o commercio de gado — o dinheiro das companhias.

A praça de Barretos, que num crescendo, cheio de real futuro e esperanças illimitadas, num curto periodo progressivo, chegou a produzir um valor de cerca de 50.000:000\$000 por anno em boi gordo, vê-se de um anno para outro reduzida a uma situação de real penuria, de verdadeira miseria. Firmas (e são muitas) que jogavam com centenas de milhares de contos de réis em transacções bovinas, não podem hoje levantar 1:000\$000 sequer.

O Triangulo Mineiro, que tinha as suas maiores transacções com Barretos, luta naturalmente com as mesmas difficuldades; as fallencias se succedem, desastrosamente.

Matto-Grosso, ainda ha pouco, mandou, como sabeis, uma representação á Sociedade Rural de São Paulo, dizendo que lá o unico producto de que fazem dinheiro é o boi; estando este sem prego e sem sahida, a calamidade é geral.

Goyaz está em situação semelhante á de Matto-Grosso.

E ainda não é tudo, senhores representantes; esta riqueza illimitada e incomparavel, que os vossos Estados poderiam criar em pouco tempo com as possibilidades de que dispõem para a pecuaria, — achase ameaçada de um golpe mortal no nascedouro, que é preciso ser evitado, a bem dos nossos creditos de gente equilibrada.

Perechendo o vasto campo de possibilidades de que a pecuaria dispõe no Brasil, vieram estabelecer-se aqui algumas companhias de frigorificos, hoje base indispensavel em todo o mundo para a industrialisação do boi. Sommas consideraveis foram por ellas invertidas na construcção e montagem de estabelecimentos dignos do nosso acolhimento e curso, pois rivalisam com os melhores do mundo. E laes estabelecimentos, ora fechados pelas razões que conheceis, é muito provavel que assim se conservem, segundo dizem seus directores, em consequencia, por um lado, das causas expostas, que veem lhes diminuir a materia prima e restringir, portanto, o campo de acção, e por outro lado, em consequencia dos impostos com que se acham gravados pelos Governos federal, estaduais e municipaes, sem produzir o sufficiente para fazer face a esses pagamentos volumosos.

E de facto, v'amos, pelos algarismos, se elles têm ou não razão, tomando, para exemplo, os impostos que paga o frigorifico "Armour", que é de todos o maior, o estabelecimento que, se já o pudéssemos supprir de materia prima para preencher sua capacidade de produção, representaria, por si só, uma das grandes cifras de tabellas annuaes da exportação brasileira.

Impostos Municipaes: (Industrias e Profissões).

Matadouro de 1ª classe...	50:000\$000	
Outras industrias, conservas, etc.....	40:000\$000	
Mais 20 %, sobre o valor locatario	12:000\$000	
Inspeção veterinaria.....	15:000\$000	117:000\$000

Imposto estadual:

Imposto de capital.....	104:500\$000
-------------------------	--------------

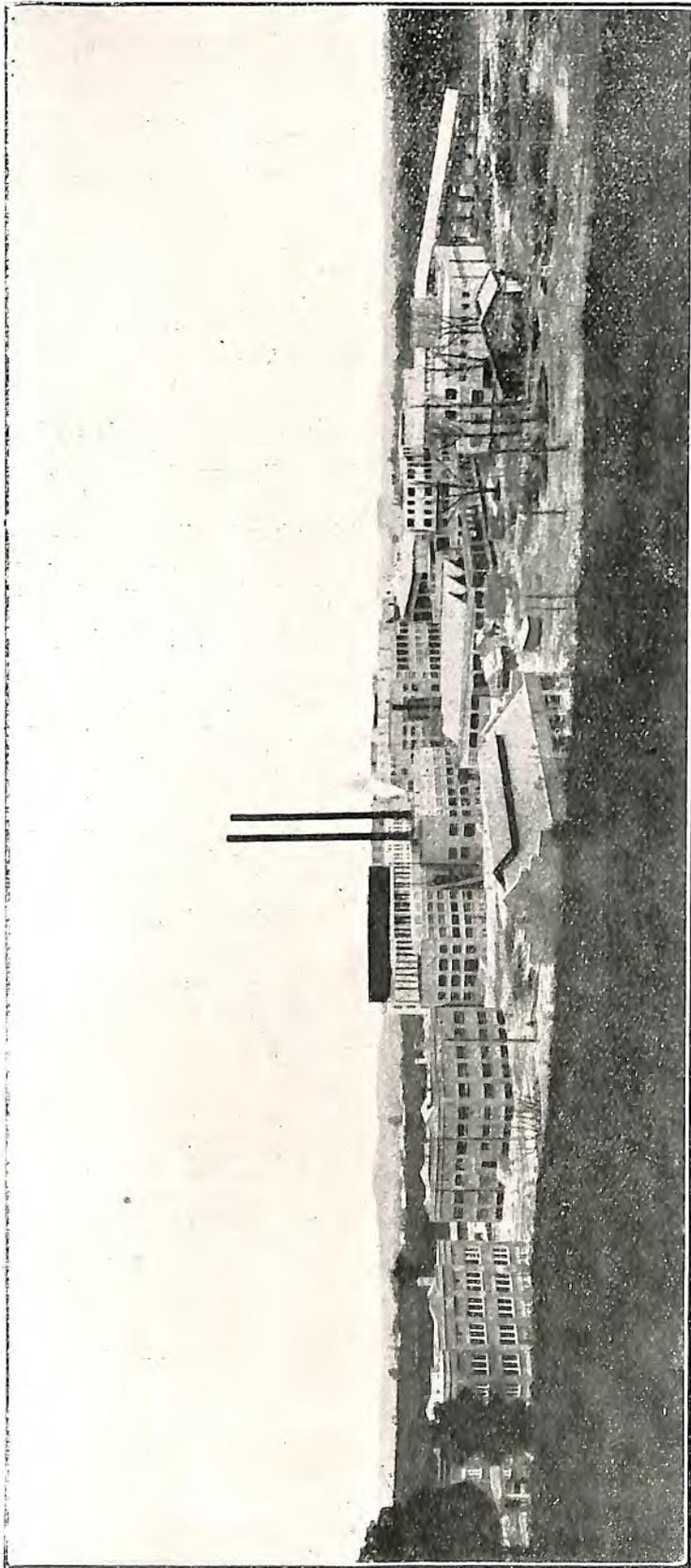
Imposto Federal:

Inspeção veterinaria — 2 réis por kilo de carne, e sobre couros, conservas, etc. taxas variantes, calculado em um total por anno de.....	250:000\$000
	<hr/> 471:500\$000

Além desta somma de Rs. 471:500\$000, de impostos grandes, ainda paga a Companhia diversos outros, pequenos, sem falarmos, por enquanto, nos impostos que incidem directamente sobre o boi.

Mas poderá, perguntamos, um estabelecimento que dispõe em rigor de materia prima para 15 parte de sua capacidade de produção pagar esta somma de impostos e obter ainda lucros que correspondam ao avultado capital que empregou em nosso paiz?

Vejam, agora, quaes os onus que recaem sobre o boi, desde que sae do criador, até ao frigorifico:



O "Frigorífico S. Paulo" da Companhia Armour do Brasil. Capacidade de matança: 5.000 cabeças de suínos e 2.000 cabeças de bovinos, por dia (Photographia gentilmente cedida pela direcção da Companhia)

Imposto de exportação municipal.	18000	
Imposto de exportação estadual.	78000 (M. Grosso)	8\$160 (Minas)
Feira (no mínimo)	38000	
Condução de M. Grosso e Goyaz para S. Paulo.	258000	
Travessia de rios	38000	398000
Do criador até ao invernoista		398000
Engorda:		
Pasto, sal e custeio para engordar.	308000	
Perdas na viagem e na engorda.	108000	
Juros (12 % s) media 1508 em 8 mezes)	128000	528000
		918000

E todos esses impostos e fretes têm vindo num continuo crescendo de anno a anno, como se vê dos seguintes dados:

Fretes de estrada de ferro dos diversos pontos de embarque a Mendes (E. F. C. B.)

	Tres Corações	Bemfica	Sítio Palmar	(por cabeça)
1917.....	13.827	10.846	12.441	11.480
1919.....	18.580	15.290	17.100	21.480
1920.....	19.700	16.290	18.260	26.500
1921.....	20.150	16.750	18.710	26.950

Impostos de exportação de S. Paulo e Minas

Minas	8\$160
São Paulo	108000

Por estes dados, que são perfeitamente justos, dispõe um boi criado em M. Grosso e abatido no Frigorifico de Mendes, embarcando em:

Tres Corações....	918000 + 208150 + 88160 = 1198210
Bemfica	918000 + 168750 + 88160 = 1158910
Sítio	918000 + 188710 + 88160 = 1178860
Palmar (Pauлиста)	918000 + 2168950 + 108000 = 1278950

Acrescente-se a isto nada menos de 58000 que os frigorificos abatem no preço de compra para pagamento dos impostos a que estão sujeitos, e veremos que um boi criado no sertão e abatido nos frigorificos, custa, em despesas e impostos:

Abatido em Mendes:

De Tres Corações	1248310
De Bemfica	1208910
De Sítio	1228870
De Palmar	1328950
Abatido em São Paulo.	1228950

A media de peso de nosso gado é de 15 arrobas e o preço tem oscillado entre 128 e 168000 por arroba, dando ao boi o valor de 1808000 a 2408000.

O preço do boi acha-se, como o de todos os productos, em franco declínio; portanto, não é licito suppôr-se, para base de qualquer calculo sensato, mais de 1808000 por cabeça.

E assim, tirando desta importancia os onus acima verificados, teremos que, do boi abatido nos frigorificos de S. Paulo, fica para lucro do criador e do invernoista

$$180 \quad 1228950 = 578050$$

No frigorifico de Mendes, vindo:

De Tres Corações.....	1808000 - 1248310 = 558690
De Bemfica.....	1808000 - 1208910 = 598090
De Sítio.....	1808000 - 1228870 = 578130
De Palmar.....	1808000 - 1328950 = 478050

Estes algarismos traduzem-se pelo "Requiescat in pace" da pecuaria nos Estados contraes, se não houver uma acção conjuncta e decisiva dos quatro Estados interessados, no sentido de modificá-los com a presteza que a situação, numericamente exposta, exige.

As medidas que os algarismos estão apontando, para salvação da nossa pecuaria incipiente, são

umas de natureza a ser immediatamente applicadas, e outras dependem de tempo.

As primeiras consistem na redução dos impostos de exportação e feiras, que o boi paga a primeira vez ao Estado onde foi criado (Matto Grosso e Goyaz) e a segunda vez áquelle onde vem engordar (São Paulo ou Minas).

Esta parcella monta em cerca de 208000 por cabeça. Consistem ainda na redução dos fretes de estrada de ferro, que, de 1917 para cá, toram etevados de cerea do dobro e andam tambem proximos de 208000 por cabeça.

Consistem tambem na redução dos impostos lançados sobre os frigorificos que, naturalmente, os pagam tirando do productor.

A maior de todas essas medidas, a questão já por demais debatida, é, porém, a questão do credito, do capital, obtenivel em condições "supportaveis e adequadas" ao negocio.

As outras medidas não podem ter a applicação prompta que o caso exige, como recursos de salvação, pois ellas consistem no barateamento do transporte do gado do sertão para as invernoadas, no melhoramento das vias de transporte que ainda são primitivas, e pelo consequente barateamento do sal, do arame e de tudo quanto é indispensavel á vida e ao trabalho do habitante e do negociante do sertão para produzir e transportar o boi.

A animação que a industria do frio, e as necessidades da guerra vieram despertar no Brasil, acha-se, como vêdes desta exposição, golpeada de morte, sem possibilidade de expansão em época de commercio normal, pela contingencia em que os poderes publicos collocaram o producto, com tributos que elle não supporta e sem amparo de especie alguma no sentido de baratear-lhe o custo de produção. E não se pense que, com taes gravames, pesando sobre o boi e os frigorificos no Brasil, a exportação de carne congelada para o estrangeiro baste para fazer a nossa riqueza pastoril. Se os impostos e despesas continuarem a absorver para mais de 2/3 do valor do boi, desaparecerá o interesse de sua produção e o capital fugirá de uma industria que não o pode remunerar.

Os frigorificos são, no caso, o industrial, o intermediario, e nada mais poderão dar ao productor do que a differença que restar entre o valor do boi vivo e o de seus productos, depois de transformado, abatidas todas as despesas e lucros que lhes competem. Se essa differença não fôr sufficiente para animar aos productores, que outros proventos poderão dar-lhes os frigorificos? Se a produção não fôr incrementada e desanimar, não será com os remanescentes, que temos, com a miseria do nosso "Jéca" sertanejo, que as grandes companhias, recém-estabelecidas aqui, hão de se manter. Se os dirigentes do Brasil cercarem as possibilidades de produção da materia prima aqui, ellas irão trabalhar nos outros paizes, onde a encontram e estará desfeito o nosso sonho de pecuaria, por tempo indeterminado.

Sendo esta, positivamente, a situação, Sr. Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, os abaixo-assignados, que têm seus interesses pendentes desse genero de produção nacional, produção que interessa ao nosso paiz inteiro, vêm com este memorial chamar a vossa attenção para o caso e pedir as providencias que apontam e julgam opportunas.

Rio de Janeiro, 12 de Julho de 1921 — **Dr. Orlando Silveira, Carlos Monteiro de Barros**"

Finda a leitura desse memorial, que foi acolhido com o maior interesse e vivamente commentado pelos directores presentes, o Sr. Miguel Calmon, presidente da Sociedade, assegurou o inteiro apoio da Directoria, ás justas reclamações nelle contidas e declarou que a Sociedade as transmittiria aos poderes publicos, envidando todos os esforços para obter que se reduzissem os consideraveis onus, que pesam sobre uma industria creada por iniciativa particular e que constitue uma das mais bellas conjuistas da nossa vida economica.

A defesa permanente do café

Mensagem presidencial ao Congresso. — Parecer do Sr. Sampaio Vidal — Debates na Comissão de Finanças da Camara — Como ficou organizado o projecto

Em data de 17 de outubro, o Sr. presidente da Republica dirigiu ao Poder Legislativo a seguinte mensagem:

"Srs. membros do Congresso Nacional. — O café representa a principal parcella no valor global da nossa exportação, é, portanto, o producto que mais ouro fornece á solução dos nossos compromissos no estrangeiro. Para verificá-lo, basta lançar os olhos sobre os quadros estatísticos. Longa experiencia nos tem demonstrado que da situação do café depende a segurança da nossa economia. A defesa do valor do café constitue, portanto, um problema nacional, cuja solução se impõe á boa politica economica e financeira do Brasil.

Justo seria, sem duvida, que se regulasse a defesa de toda a nossa produção. Assim deve ser, e, para isto, cumpre-nos cuidar sem demora da nossa organização bancaria.

Emquanto, porém, o não fazemos, será imperdoavel descuido deixarmos que continue entregue ás astucias da especulação o nosso principal producto quando facil nos é, mesmo sem aquella organização, amparal-o desde já por meios capazes e efficientes. E' mister não esquecer que o Brasil produz 70 % ou 75 % do café que se consome no mundo, e tem, assim, nas proprias mãos, elementos decisivos para fiscalizar e regular os mercados desse artigo.

O estudo consciente dos mais competentes no assumpto tem chegado á conclusão de que a defesa do café reside na regularização da offerta. A offerta foi sempre considerada a base principal dessa defesa, tanto assim que a velha experiencia de antigos negociantes estranha que até hoje não a tenhamos regulado.

As causas que perturbam a offerta do café são principal e incontestavelmente, de uma parte, a desigualdade das colheitas que chegam a variar de dous, tres e quatro milhões de saccos de um anno agrícola para outro, e de outra parte, a falta de aparelhamento bancario apropriado para custear o armazenamento ou retenção da mercadoria á espera de melhores preços. O café, pelo seu valor avultado, reclama grandes recursos pecuniarios, de que ainda não é capaz a nossa deficiente organização de bancos. Dahi a posição precaria dos vendedores, obrigados a sacrificar o artigo para acudir á premencia dos compromissos. Esta situação se agrava com a falta de organização do mercado productor, constituido, como é, por uma massa diffusa de vendedores, sem cohesão, sem unidade de acção, sem resistencia financeira, em frente de dez ou doze casas compradoras, apercebidas de todos os recursos para a luta, e ligadas pelo interesse commum de comprar a baixo preço.

E' nessa fraqueza do mercado productor que a especulação firma as suas manobras. A intervenção federal, iniciada em março do corrente anno, já salvou mais de trezentos mil contos que, sem ella, teriam ido engrossar os lucros dos especuladores. E' pois, principalmente contra os abusos destes que importa defender os frutos do trabalho nacional. Por que o especulador ha de forçar-nos a vender por 8 ou 10 aquillo que elle vae revender aos consumidores por 30 ou 40 ?

Deante do papel preponderante que o café representa hoje na economia nacional, a lição amarga e eloquente dos factos, tornou inilludivel a necessidade de se organizar quanto antes a defesa perma-

nente desse producto, afim de prevenir o mais possivel os abusos da especulação e assegurar a estabilidade dos preços de accordo com as exigencias do consumo. Para isto, seria sufficiente um orgão, de simples contextura, apoiado em dous elementos cardeaes, unidade de acção e força de resistencia, como seria, por exemplo, um conselho composto de pessoas de notoria competencia, para dirigir as operações da defesa, e provido de capital proprio e consideravel para occorrer ás necessidades desta.

O conselho teria uma organização commercial completa para ministrar informações a respeito de todos os mercados e da situação dos centros productores, colheitas, remessas, etc., e um pessoal de technicos contractados para trazel-o ao corrente da posição do café nas diferentes praças do mundo. As suas reuniões seriam presididas pelo ministro da Fazenda, que teria direito de "vêto" contra as resoluções porventura contrarias aos fins do novo instituto. Este possuiria succursaes nos principaes mercados productores do Brasil, e representantes nos grandes centros compradores. A sua vice-presidencia caberia ao ministro da Agricultura.

O capital seria de trezentos contos e se destinaria exclusivamente a estas operações: I. Empréstimos aos interessados, com base e juro modico, determinados pelo Conselho, mediante garantia de café depositado em armazens geraes ou nos armazens officiaes da União ou dos Estados. II. Compra de café para retirada provisoria do mercado, quando o Conselho julgasse opportuno e necessaria á regularização da offerta. III. Propaganda do café para augmento de consumo e repressão das falsificações.

O capital poderia ser constituido com os recursos seguintes: a) lucros apurados nas operações de valorização que estão sendo realizadas pelo governo federal; b) lucros apurados na liquidação do convenio commercial com a Italia; c) lucros apurados nas operações effectuadas pelo Conselho; e sendo necessario: d) emissão de papel-moeda sobre lastro ouro, constituido pelas sobras do fundo de garantia, e, por ultimo, sobre lastro café, na razão de 80 %, tanto quanto bastasse para completar o capital.

Nesse ultimo caso, uma vez liquidadas as operações, seriam incineradas semanalmente as notas correspondentes á importancia emitida.

Certo, essa emissão especial e limitadissima, com lastro ouro, ou mesmo com lastro café — producto depositado e transformavel em ouro — e incinerada á medida da liquidação das operações, não produziria os males geralmente e com razão apontados como consequencias do abuso do papel-moeda, e veria os inconvenientes, que acaso ainda pudesse ter, largamente compensados com as vantagens decorrentes da valorização de um genero que é hoje fundamental na economia brasileira. Mas a verdade é que, no plano figurado, tudo leva a crer que a autorização para emittir seria puramente nominal, visto que os demais recursos indicados muito provavelmente bastariam para assegurar o exito da defesa.

Com esses elementos teriamos um orgão simples e dotado da necessaria elasticidade, a actuar de um lado, pela unidade da acção e especial competencia dos dirigentes e, do outro, pela resistencia poderosa do seu capital — como instrumento

de defesa do nosso café, instrumento que, naturalmente, jamais deveria ser utilizado na criação artificial de preços abusivos. Vantagem importante desse órgão seria também a de estabelecer relações de cordialidade e confiança entre os mercados vendedores e compradores, por meio de um serviço de informações baseado na verdade dos factos e que pudesse deter o passo às mystificações actualmente empregadas pelos especuladores.

Convencido de que esse importante problema da nossa economia reclama solução inadiável, venho solicitar para elle a esclarecida attenção do Poder Legislativo. Estou certo que, com adoptar os alvitreos acima suggeridos ou outros melhores, que lhe aconselhe a sua sabedoria, o Congresso prestará a nação o relevante serviço de realizar a estabilidade relativa das cotações do nosso principal producto de exportação, com real proveito para a estabilidade cambial, e abrirá assim caminho a reformas mais profundas, entre as quaes avulla a organização bancaria, imprescindível para a plena expansão das forças productoras e defesa geral dos interesses economicos do paiz".

Na reunião de 19, da comissão de finanças, da Camara, o Sr. Sampaio Vidal leu extenso parecer sobre a mensagem supra e do qual inserimos este resumo:

"A queda formidavel dos preços do café em 1920, arrastando consigo a queda do cambio, causou prejuizos de tal monta ao Brasil — que hoje ninguem mais põe em duvida o papel preponderante do café na economia nacional.

Se essa convicção era geral, passou ella, depois dessa demonstração dolorosa, a ser inabalavel e a reclamar dos poderes publicos as mais urgentes providencias. Para aquelles que estudam taes assumptos sob o elevado ponto de vista da collectividade — a defesa do café apresentou-se agora mais do que nunca como problema nacional por excellencia a reclamar a mais prompta solução, para que não se reproduza o cataclisma de 1920 que já ia penetrando pelos primeiros mezes de 1921. Seria um crime os poderes publicos cruzarem os braços perante a imminencia desse perigo. Qual seria hoje a situação do Brasil com café a 78000 ou 88000 por 10 kilos ?

Eis a razão pela qual o governo federal iniciou a sua intervenção nos mercados em março do corrente anno.

Eis a razão da mensagem do presidente da Republica pedindo ao Congresso medidas tutelares que assegurem para os interesses geraes do Brasil — a defesa permanente do principal artigo de sua exportação, base da estabilidade cambial, e, portanto, de toda a economia nacional.

Qual o melhor processo a adoptar ?

Eis a questão a resolver.

O monopolio é um processo violento e complicado, perturbando o commercio e a vida dos productores, importando para o governo na organização de um vasto serviço commercial cuja gestão poderia acarretar os mais graves inconvenientes.

Mas, o maior mal seria mesmo aniquilar o importantissimo commercio de café, que representa um grande bem para os productores quando se acha perfeitamente regularizado sem os abusos da especulação desenfreada.

Outros processos têm sido lembrados mas todos elles perdem de vista este facto fundamental: o mercado de café não passa de uma arma de lutas formidaveis.

Os factos já demonstraram que nessas lutas os compradores ou antes os especuladores são archipoderosos e os vendedores são fracos. Os compradores são as mais ricas casas commerciaes que, além do grande capital proprio, contam com a poderosa assistencia bancaria de seus paizes, e os vendedores representam uma enorme massa difusa de fazendeiros, commissarios, sem cohesão alguma, sem unidade de orientação nos seus negocios, e sobre tudo são desaparelhados de re-

ursos para defesa da mercadoria deante da ganancia da forte especulação.

Uma vez demonstrada de modo irrefragavel a necessidade de organizar uma defesa permanente do café — restava estudar a fundo a forma pratica dessa defesa.

Entre os mais competentes — é materia passada em julgado que a base dessa defesa está na regularização da offerta. Aliás, isso é verdade e ensinamento elemental da economia politica. Se a offerta é abundante e precipitada, é natural que a procura diminua e o comprador tire o melhor partido dessa situação, tratando de comprar pelo menor preço e assim irá forçando a baixa ao sabor de seus interesses.

Assim sendo, o primeiro problema a resolver é esse: a regularização da offerta.

Ora, essa regularização terá de ser feita mediante a retenção ou retirada do mercado de uma parte da produção.

Essa retirada para regularização da offerta poderá ser feita pelos proprios donos do café pela warrantagem ou pelo governo, como já tem sido praticado diversas vezes.

Aquelles que estudaram agora o melhor meio de organizar a defesa permanente do café chegaram a esta conclusão de sabedoria pratica, que o melhor meio seria aproveitar a experiencia já feita, isto é, organizar a defesa nos moldes dos processos que já foram adoptados e que ainda agora estão dando os melhores resultados com a intervenção federal nos mercados. Essa intervenção, começada em março do corrente anno, já salvou para o paiz mais de 300.000:000\$000.

O processo é o mesmo desde a primeira valorização levada a effeito pelo Estado de S. Paulo em 1906. Recebida a principio com surpresa nos meios financeiros do estrangeiro, a "Valorização do café", diz o eminente economista Brouillet, fez afinal, a sua prova como processo notavel de deza da produção".

Deante da realidade desses factos foi que o presidente da Republica, reputando a solução desse problema como verdadeira necessidade nacional — pediu providencias ao Congresso, lembrando que a organização poderá ser a mais simples possivel. Toda a organização deve respeitar estes principios cardaes: a unidade da acção e um grande capital para resistencia, isto é, para assegurar a retirada do café dos mercados.

Para isso bastaria a criação de um órgão especial ou conselho composto de cinco pessoas de notoria competencia no assumpto, presidido pelo ministro da Fazenda.

Esse conselho terá sua sede no Rio de Janeiro a uma completa organização commercial para informação a respeito de todos os mercados de café de modo a estar perfeitamente aparelhado para deliberar e agir no momento opportuno, com plena efficacia.

O Conselho disporá de um capital de réis..... 300.000:000\$, que será applicado exclusivamente em:

I — Emprestimos aos particulares para a warrantagem do café, a juros modicos.

II — Retirada provisoria de café do mercado quando o Conselho julgar opportuna, para regularizar a offerta.

III — Propaganda do café e repressão das falsificações.

Esse capital será constituído por estes recursos:

I — Lucros da liquidação do stock de café comprado pelo governo federal.

II — Lucros da liquidação do Convenio Commercial com a Italia e, sendo necessario:

III — Emissão de papel-moeda para completar o capital de 300.000:000\$000.

A emissão terá por lastro as sobras do fundo-ouro de garantia e resgate do papel-moeda e, na base de 80 %, o café que for adquirido pelo Conselho, para retirada do mercado.

Uma vez liquidadas as operações, as notas serão incineradas semanalmente.

Como se vê, a emissão será rigorosamente lastreada por ouro e por café, que se converte em ouro pela exportação — e as notas respectivas não ficam na circulação. Liquidada a operação do café para venda, as notas são incineradas.

A organização da defesa permanente do café constitue, pois, um mecanismo muito simples. É uma direcção composta de homens de notoria honrabilidade e competência no assumpto, servida por technicos num escriptorio commercial, tendo esses directores, sob a presidencia do ministro da Fazenda, um capital consideravel para defesa do mercado — quando a sua acção for necessaria.

Claro é que a funcção unica desse orgão é a defesa do mercado — contra as manobras da especulação. Seu fim não é impôr preços, nem abusar dos compradores.

O fim é exclusivamente a defesa dos nossos legitimos interesses contra o abuso do especulador poderoso que nos tem causado prejuizos tão avultados.

Além disso, esse orgão visa tambem estabelecer relações de cordialidade e confiança entre os mercados compradores e produtores. Essas relações hoje são muito comprometidas pelas mystificações da especulação ao sabor de seus interesses.

Um orgão, como esse, de defesa do café — poderá, pelas suas informações sempre honestamente baseados na verdade, inspirar a maxima confiança a todos os que têm interesses ligados ao importante commercio do café.

Consequentemente, além da funcção especifica desse orgão, isto é, da defesa permanente, exercerá elle essa influencia benefica, estreitando as relações commerciaes com as nações amigas, sob o criterio elevado de uma confiança reciproca.

A discussão deste parecer deu ensejo a votos em separado e emendas diversas, por parte dos Srs. Antonio Carlos, Octavio Rocha, Octavio Mangabeira, João Guimarães, Estacio Coimbra e Corrêa de Brito.

O Sr. Antonio Carlos mostrou-se infenso ao processo preconizado no parecer do Sr. Sampaio Vidal para a defesa permanente do café.

O Sr. Octavio Rocha fundamentou um importante substitutivo, tornando extensivas as medidas de defesa propostas no parecer a toda a producção nacional exportavel.

É o seguinte o substitutivo:

“O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º Fica o governo autorizado a organizar o serviço de defesa permanente do café, borracha, assucar, cacão, algodão, productos da pecuaria e cereaes do maior valor e maior quantidade exportavel.

Art. 2.º Para os fins do art. 1.º, o governo instituirá um conselho permanente composto de cinco membros, nomeados pelo presidente da Republica, entre pessoas de notoria competencia, em assumptos relativos á materia, designando tambem um presidente.

Art. 3.º Das decisões do conselho haverá recurso para o ministro da Fazenda, interposto pelo presidente do conselho, quando julgar necessario.

Art. 4.º O conselho terá sua sêde na Capital Federal, e succursaes nos mercados onde o governo as julgar necessarias, sendo assistido por pessoal tecnico contractado especialmente para o serviço interno e externo, nos differentes mercados.

Art. 5.º A defesa permanente consistirá em:

1.º, empréstimos aos interessados mediante condições e juros modicos, determinados pelo conselho e garantia da producção depositada nos armazens geraes da União ou dos Estados;

2.º, compra dos productos para a retirada provisoria do mercado quando o conselho a julgar opportuna, para regularização da offerta;

3.º, propaganda dos productos para augmento do consumo e repressão das falsificações.

Art. 6.º O capital destinado á valorização será assim constituido:

a) lucros que forem apurados na liquidação dos “stocks” de productos adquiridos pelo governo federal;

b) lucros que forem apurados na liquidação do convenio commercial com a Italia;

c) operações de credito até a quantia de réis 600.000:000\$, que ficam autorizadas pela presente lei.

Art. 7.º Os lucros resultantes das operações serão levados á conta de capital ou fundo permanente da defesa da producção.

Art. 8.º O governo regulamentará a presente lei, estabelecendo a preferencia dos productos a valorizar, conforme o fundo de valorização de que dispuzer.

Art. 9.º Revogam-se as disposições em contrario.”

Posto em discussão o assumpto, o Sr. Antonio Carlos pediu vista dos papeis, por vinte e quatro horas, para formular o seu voto. O Sr. Octavio Mangabeira apresentou as seguintes emendas:

N. 1 — Ao art. 1.º: Onde se diz defesa permanente de café, escreva-se “permanente da producção nacional”. Onde se diz “cinco membros nomeados pelo presidente da Republica”, diga-se “tres membros de livre nomeação e demissão do presidente da Republica”. Ao § 1.º: depois das palavras “que forem contrarias aos intuitos da presente lei”, acrescente-se: “ou que considerar inopportunas”.

N. 2 — Onde convier, disponha-se Art. Quaisquer despezas de pessoal e de material, para instalação ou custeio do serviço, serão marcadas mediante proposta do Conselho, pelo governo, que as submeterá, não obstante, a aprovação do Congresso, e correrão por conta dos recursos que ao referido serviço forem attribuidos nesta lei.

N. 3 — Ao artigo 3.º. Faça-se a redacção adaptada á defesa, não só do café, mas da producção nacional, cabendo, entretanto, ao Conselho regular, para cada caso, ou para cada genero de producção, as garantias ou as regras pelas quaes a defesa se exerça. Onde se diz, no numero 1, “armazens officiaes da União ou dos Estados”, acrescente-se “ou que forem designados pelo Ministerio da Fazenda, não podendo exceder o empréstimo a 50 % da mercadoria depositada, pela cotação do dia”. Estabeleça-se que as resoluções relativas a operações de compra serão, em qualquer caso, dependentes da unanimidade dos votos do Conselho e da aprovação do ministro.

N. 4 — Ao art. 5.º—Acrescente-se, aos recursos oriundos do governo federal, o seguinte: contribuição dos Estados interessados, na medida dos seus interesses, e na conformidade dos acordos que se autoriza o governo a realizar para este fim. Inclua-se o seguinte paragrapho: Enquanto não se verificarem ou liquidarem os lucros a que se referem as alíneas a e b (valorização do café e convenio com a Italia) é autorizado o governo a, sob a garantia de taes lucros, fazer as operações que julgar convenientes, no sentido de tornar-se positiva, para os planos do serviço creado nesta lei, a recruta de que tratam as mencionadas alíneas.

N. 5 — Ao art. 7.º. Substitua-se pelo seguinte: “Os lucros resultantes das operações da defesa serão applicados: a) no custeio do serviço; b) no custeio, ou no auxilio do custeio das operações de credito que forem realizadas para o mesmo; c) na gradual indemnização á União ou aos Estados dos dinheiros que houverem fornecido para a constituição do capital; d) na majoração do capital e do fundo permanente”.

A emenda dos Srs. Estacio Coimbra e Corrêa de Brito foi assim apresentada:

“Para a defesa commercial dos outros productos nacionaes, fica o poder executivo autorizado a en-

trar em accordo com o Banco do Brasil, para: 1° — Serem admittidas a redesconto, na respectiva carteira e dentro do seu actual regimen, letras ou notas promissórias com uma firma de productor, industrial ou commerciante, e endosso do mesmo Banco do Brasil, com audiência, em cada caso, do fiscal do governo; 2° — Organizar uma carteira especial de credito agricola, a titulo provisório, passando as suas operações para o Banco de Credito Hypothecario, que vae ser creado”.

Defendendo longamente seu parecer na commissão de finanças, o Sr. Sampaio Vidal opinou para que fossem mantidas as linhas geraes, daquelle trabalho. Louvou a collaboração dos seus collegas, mas aconselhou a rejeição de todas as emendas, exceptuando apenas uma do Sr. Octavio Mangabeira, que institue a contribuição dos Estados para o fim de constituir o fundo de defesa do café e a dos Srs. Correia de Brito e Estacio Coimbra, que publicámos acima.

Com isso, impugnou o relator a protecção aos gemais productos, conforme propuzeram os Srs. Octavio Rocha e Octavio Mangabeira, e accitou apenas a valorização do café.

Votadas as emendas, uma a uma, soffreram todas a derrota proposta pelo relator, ficando, afinal, assim redigido o projecto a ser offerecido ao exame da Camara:

“Art. 1°. O poder executivo é autorizado a organizar o serviço de defesa permanente do café, o qual ficará a cargo de um conselho, composto do ministro da Fazenda, como presidente; do ministro da Agricultura, como vice-presidente, e mais cinco membros nomeados pelo presidente da Republica, entre pessoas de notoria competencia em assumptos agricolas, commerciaes e bancarios.

§ 1°. Além da presidencia, o Ministerio da Fazenda, ou, em sua falta, o da Agricultura, terá o direito de veto das deliberações do conselho que forem contrarias aos intuitos da presente lei.

Art. 2°. O conselho terá sua séde na Capital Federal e succursaes nos mercados que o governo julgar necessarios, sendo assistido por pessoal te-

chnico contractado especialmente para serviço interno e externo, nos differentes mercados.

Art. 3°. A defesa permanente do café consistirá em: I — Empréstimos aos interessados mediante condições e juros modicos, determinados pelo conselho, e garantia de café depositado em armazens geraes ou nos armazens officiaes da União ou dos Estados. II — Compra de café para retirada provisoria do mercado, quando o conselho a julgar opportuna para regularização da offerta. III. — Propaganda do café para augmento do consumo e repressão das falsificações.

Art. 4°. O capital para o serviço de defesa permanente do café será de trezentos mil contos de réis.

Art. 5°. Esse capital será constituído pelos recursos seguintes: a) lucros que forem apurados na liquidação do “stock” de café adquirido pelo governo federal; b) lucros que forem apurados na liquidação do convenio commercial com a Italia; c) contribuição dos Estados caféeiros, e, sendo necessario; d) emissão de papel-moeda para completar o capital, ficando o poder executivo expressamente autorizado, para esse fim, pela presente lei.

§ 1°. A emissão terá como lastro as sobras do fundo ouro de garantia do papel moeda, e, na proporção de 80 %%, o café que fôr adquirido pelo conselho ou warrantado pelos particulares;

§ 2°. Uma vez liquidadas as operações, serão incineradas semanalmente as notas correspondentes ás importancias emitidas.

(O art. 6° ficou reformado pela emenda Estacio Coimbra, acima transcripta).

Art. 7°. Logo que estejam funcionando o Banco de Emissão e o Banco Hypothecario e Agricola, a assistencia financeira da defesa do café passará a ser feita por essa organização bancaria.

Art. 7°. Os lucros resultantes das operações, deduzidas as despezas, serão levados á conta do capital ou fundo permanente da defesa do café.

Art. 8°. O poder executivo expedirá o regulamento necessario para a execução da presente lei.

Art. 9°. Revogam-se as disposições em contrario”.

Uma festa da riqueza nacional

A distribuição solenne dos premios, no Ministerio da Agricultura, aos expositores brasileiros da 5ª Exposição Internacional de Borracha e outros productos tropicaes, de Londres

Foi um acto de grande brilho, e de alta significação para a riqueza nacional, a solemnidade da entrega, no dia 24 de Outubro, no salão de honra do Ministerio da Agricultura, dos premios que obtiveram no recente certamen internacional de Londres os expositores brasileiros.

A mesa compunha-se do Sr. Presidente da Republica, do Sr. Ministro da Agricultura e do Sr. Dr. Hannibal Porto, delegado do Brasil e das Associações Commercias do Pará e do Amazonas ao dito certamen.

Na grande assistencia, viam-se os ministros de Estado, o Prefeito Municipal, o Chefe de Policia, varias outras autoridades e numerosos representantes de todas as classes productoras.

Fazendo a entrega dos premios, o Sr. Presidente da Republica pronunciou um notavel discurso, no qual disse que o acto a que presidia era, na rea-

lidade, uma festa do trabalho, da riqueza brasileira.

Seguiu-se com a palavra o Dr. Hannibal Porto, que proferiu a seguinte oração:

“Exmo. Sr. Presidente da Republica.

Exmo. Sr. Ministro da Agricultura.

Meus senhores:

O facto de ter merecido, com o meu illustre collega Consul Hypolito de Vasconcellos, a honra de representar o Brasil na 5ª Exposição Internacional de Borracha e outros productos tropicaes, realizada ha poucos mezes em Londres, augmenta em mim o orgulho natural de brasileiro perante a alta significação desta solemnidade.

Se, no decurso e ao cabo da nossa delegação, tivemos ensejo de constatar, com um desvanecimento bem comprehensivel, que a posição economica e a projecção politica da Republica Bra-

sileira marcam hoje, no concerto internacional, a mais auspiciosa conquista a que pôde aspirar, nas suas relações com o exterior, uma nação nova, que apenas inaugura, pôde-se dizer, a sua entrada na concorrência universal, neste momento verificamos todos, aqui presentes, que não é um exagero de amor patrio a exuberante confiança com que temos o direito de enfrentar o futuro. As exposições economicas são sempre um thermometro fiel, que permite aferir, sem possibilidade de engano, dos elementos de riqueza e da capacidade de trabalho de um povo. Até hoje, nós tínhamos comparecido a diversos certamens estrangeiros sem a apresentação de uma finalidade economica con-



A taça de ouro (maior recompensa da Exposição) ganha pelo Brasil

creta, inequívoca, definida. Não podia ser de outro modo. Ainda em 1914 eramos quasi integralmente um paiz de importação, que dependia do estrangeiro até para alimentar-se. A produção nacional era apenas uma bella phrase com que illudiamos as susceptibilidades do nosso amor proprio nacional. Tínhamos café, assucar, borracha e carne e, verdadeiramente, exceptuados o café e a borracha, mal chegavam esses artigos para os nossos suprimentos, se tomarmos em consideração os fracos e irregulares contingentes que elles representavam no nosso intercambio commercial.

Não fôra concebível, portanto, que nessas exposições figurássemos de outro modo, se não de

um modo platonico, pois que, dependendo do estrangeiro para as necessidades mais comensuradas da nossa vida interna, pedindo-lhe 80 % do que consumiamos, não poderíamos ter a pretensão de alcançar uma situação de destaque como paiz productor, entre os nossos proprios fornecedores.

Não se veja nestas palavras condemnação ou censura ao passado.

Não. Nenhum mal geral nos adveio desse platonismo, porquanto, se, desde logo, não se converteram em realidades as esperanças que afagávamos toda a vez que comparecíamos aos certamens do exterior, sobejou-nos, pelo menos, a convicção de que nos cumpria desenvolver e aperfeiçoar incessantemente as nossas actividades productoras, ante o exemplo que nos davam os povos bem orientados e bem dirigidos.

Era como se, nessas occasiões ensaiássemos as nossas primeiras tentativas no campo da competição mundial, e fizessemos as primeiras experiencias do que poderia ser capaz a nossa energia propulsiando o aproveitamento dos recursos ilimitados da nossa riqueza inexplorada.

Compreendeis perfeitamente, senhores, o objectivo desta evocação. Até 1914, nós figurávamos nas exposições estrangeiras quasi que a méro titulo decorativo. Em 1921, sete annos depois, os papéis inverteram-se, e passamos a figurar como paiz fornecedor. Era necessario estabelecer este confronto, frizar este contraste, para obter e constatar o realce notabilissimo, implicito na significação, ao mesmo tempo economica e politica, do triumpho brilhante do nosso comparecimento á feira de Londres.

Eu não sei, senhores, de nação alguma que houvesse realizado esse verdadeiro prodigio de converter-se, em tão exiguo espaço de tempo, de paiz de importação quasi absoluta, em paiz fornecedor de quasi todas as utilidades commerciaes que se consomem no mundo.

Certamente, as circumstancias excepcionaes do periodo da grande guerra foram a causa primaria dessa conversão, mas é o caso de considerar que essas circumstancias nos passariam em grande parte despercebidas, se não tivéssemos qualidades de intelligencia, intuição e descortino para apprehender a premencia e a singularidade da situação e pôr em campo, para enfrental-a, a conjugação de todos os nossos esforços, não obstante o desamparo de certos factores materiaes, imprescindíveis ao successo de empreendimentos gerados pelas contingencias de uma improvisação inelutavel. Porque, senhores, essas circumstancias excepcionaes que permittiram ao Brasil a mais assombrosa — não me acoimeis de exaggerado — transformação economica de que ha memoria entre os povos jovens da terra, se nos apresentaram sob dous aspectos distinctos: um, extremamente auspicioso, outro, extremamente desfavoravel. Auspicioso, porque rasgou á nossa riqueza os horizontes que de ha muito entreviamos apenas, e a que ardentemente aspirávamos; desfavoravel porque nos poz na conjunctura de trabalhar de improviso, sem o aparelhamento financeiro que exigia uma transformação desse vulto e sem possibilidade de recorrer ao credito, que essas mesmas circumstancias nos vedavam.

Foi, portanto, sem nenhum exaggero, um prodigio o que fizemos; foi um milagre de energia, de coragem, de intelligencia, se cotejarmos o que eramos em 1914 e o que somos hoje, sendo, portanto, jusússimo o orgulho com que temos o di-

reito de assignalar as vantagens decorrentes desse paralelo.

Pois bem: foi esta nova situação que vimos admiravelmente reflectida na significação do nosso comparecimento á 5ª Exposição de Borracha e outros productos tropicaes da metropole britannica. Não eramos mais o paiz que se exhibia com materias primas que não correspondiam sequer a um simulacro de organização commercial; um



A medalha de ouro que coube ao Ministerio da Agricultura

paiz que apresentava variados elementos de sua produção, mas que não poderia efficientemente attender aos pedidos dos mercados de consumo. Desta vez, comparecemos como paiz de exportação, prestigiados por cinco annos de fornecimentos ininterruptos á Europa exhausta, tendo, pois, demonstrada nossa capacidade commercial e podendo aceitar encomendas em relação a todas as amostras exhibidas.

Essa, senhores, a lição admiravel do certamen de Londres. Os nossos antecedentes como paiz produtor de cereaes, carnes, fibras textis, minérios, etc., haviam preparado á nossa representação um ambiente de confiante expectativa, a que, felizmente, correspondemos em toda linha.

Mas, os excellentes resultados do nosso mostruario e da nossa propaganda na Exposição de Londres não teriam sido o que, na realidade, foram, sem a orientação superior que á sua organização imprimiu o Governo da Republica. Desvanço-me de poder dar o meu testemunho aos esforços patrioticos despendidos infatigavelmente pelo eminente Sr. Ministro da Agricultura para que o pensamento do grande brasileiro que preside aos destinos da Nação tivesse execução pratica immediata e proficua.

Sem esta resoluta vontade conjugada, que triumphou de embaraços occasionaes por ter apprehendido a altissima conveniencia de não perdemos o incomparavel ensejo que se nos offerecia, teriamos, certamente, desdenhado de uma occasião unica para patentearmos ao estrangeiro a prova

tangivel da nossa evolução economica, a certeza concreta de que o mundo podia contar com o concurso das nossas possibilidades no campo commercial.

Penso traduzir o reconhecimento dos Estados representados em Londres ao Sr. Presidente da Republica e ao Sr. Ministro da Agricultura, no momento em que quatro dentre elles recebem os premios glorificadores do seu espirito de iniciativa e do seu trabalho. O incitamento, que esses premios significam, é duplicado agora pela honra da assistencia do Exmo. Sr. Dr. Epitacio Pessoa á sua distribuição, demonstrando, d'ess'arte, o seu patriotico interesse por tudo quanto entende com a prosperidade do Brasil.

Não occultarei, senhores, o pesar que experimentamos, meu collega de delegação e eu, com a ausencia de alguns Estados de grande adiantamento agricola e pastoril, que teriam possivelmente dado á representação do paiz a impressão de uma amplitude maior dos nossos recursos disponiveis, uma prova mais completa do nosso adiantamento no terreno industrial. Revivo hoje esse pesar não os vendo nesta cerimonia, que é, legitimamente, acima de tudo, uma festa da economia nacional. Mas essa inagua é mitigada pelo successo que nos foi dado alcançar em Londres e pelo jubilo de estarmos todos reunidos aqui para celebrar essa victoria pacifica e honesta do trabalho e do progresso.

Conseguida a suprema recompensa da Exposição, essa soberba taça de ouro que se destaca á vossa vista, o Brasil marcou a etapa do triumpho



A taça que coube ao Estado de Minas Geraes

entre numerosos concorrentes magnificamente apercebidos para a disputa. Mas esse galardão, por maior que seja o seu valor moral, não synthetisou o nosso reconhecido direito a novas recompensas. E a medalha de ouro conferida ao Ministerio da Agricultura e as taças de prata conferidas aos Estados de Minas Geraes, Bahia, Pará

e Amazonas são outros tantos títulos de inestimável valia, que attestam a importancia do nosso mostruario e a confiança que soubemos inspirar aos juizes da nossa contribuição.

De tudo isso resulta, senhores, esta verdade meridiana: sejam quaes forem as falhas, ou defeitos, da organização economica do Brasil, elle tem projectado no mundo a irradiação da sua força, como elemento efficiente da riqueza mundial. Somos hoje uma nação em marcha vigorosa para os destinos superiores que a aguardam, como inexgotável reserva natural de artigos indispensáveis á vida da humanidade.

E' o caso, portanto, de encararmos o presente com serenidade e o futuro com optimismo. A hora actual, de difficuldades para todos os povos, não nos deve sinão infundir confiança em nós mesmos. Saibamos converter essa confiança em labor, trabalhemos unidos sem desfallecimentos, com uma visão elevada do nosso dever de brasileiros e não tardaremos em ver accrescido e assegurado o patrimonio de permanente prosperidade que nos auspicia esta querida Patria, que é a mais rica e a mais bella das Patrias."

Terminado este discurso que, tal qual succedeu ao do Sr. Presidente da Republica, foi longamente appaludido, o chefe da Nação procedeu á entrega dos premios: taça de ouro, conferida ao governo federal, (maior recompensa da Exposição de Londres) confiada ao Sr. Ministro da Agricultura; medalha de ouro, conferida ao Ministerio da Agri-



A taça conquistada pelo Estado da Bahia

cultura, entregue ao mesmo; taças de prata, conferidas aos Estados de Minas, (entregue ao deputado Bueno Brandão); Bahia, (ao deputado José Maria Tourinho); Pará, (ao senador Lauro Sodré); Amazonas, (ao deputado Aristides Rocha), e leu, então, a lista dos premiados com menção honrosa:

Estado do Amazonas — Governo do Estado (3), Associação Commercial, Ferreira de Oliveira & Sobrinhos e J. V. M. Sobrinho.

Estado do Pará — Governo do Estado (3), e Associação Commercial.

Estado do Piahy — Governo do Estado.

Estado do Rio Grande do Norte — Governo do Estado.



A taça com que foi premiado o Pará

Estado da Parahyba — Governo do Estado, municipio de S. Antonio, Itabayana, municipio de Souza.

Estado de Sergipe — Governo do Estado, fazenda Bello Horizonte, Peixoto Gonçalves, Empresa Industrial S. Christovão, Cortumes Sergipano, Serraria Macedo, Brittos Menezes e Cruz Ferraz & C.

Estado de Pernambuco — Governo do Estado e delegacia regional de Pernambuco.

Estado da Bahia — Governo do Estado, Dannemann & C., Ständer & Hannibal Pedreira, José Brito, Costa Ferreira & Penna, Ribeiro & C., Hannibal Pedreira, José Britti, Companhia Commercial e Industrial do Brasil, Bernardo Castro & C., Syndicato dos Agricultores de Cacão, Municipalidade de Jequié, Secretaria da Agricultura do Estado da Bahia, Syndicato Assucareiro, Snochero & Soummers e Municipalidade de Itabuna.

Estado de Goyaz — Franklin Domingues de Carvalho e Antonio Alves de Araujo.

Estado do Maranhão — Governo do Estado.
Estado de Minas Geraes — Governo do Estado,
Horto Florestal de Bello Horizonte, Villela



A luça do Estado do Amazonas

& C., Colonia Rodrigo Silva, de Barbacena; Companhia de Aguas S. Lourenço, Usina Queiroz, de Itabira do Campo; Municipalidade de S. José de

Além Parahyba, Prates & C., Dolabella & Portella, Instituto João Pinheiro, Sergio Neves & Irmão, Bomfioli & C., Fabrica Vita, João Velloso, Andrade & Andrade, João Vieira da Silveira, Alberto Boeke, Jorge & C., Camara Municipal de Ferros, I. Guimarães & C., José Rienda Moraleida, Barbosa & Marques, J. F. Castro & C., Camaradel & Caabrial, Renato Dias, Companhia Brasileira de Palmyra, viuva Weiss, Dr. João Teixeira Soares, Claudionor Martins Fontes, Aprendizado Agricola de Barbacena e Lino Antonio da Cruz e Silva.

Estado do Rio de Janeiro — Governo do Estado, Municipalidade de Campos, Luiz Limonge & C., e Companhia Fiação e Tecidos Industrial Campista.

Districto Federal — Companhia Manufactora de Conservas, Ferreira Souto & C. Companhia de Fumos Veado, Companhia Cordoalha e Lopes Sá & C..

Estado do Paraná — Governo do Estado, David Carneiro & C., Xavier Miranda & C., Nicoláo Mader & C., Guimarães & C., e Azambuja & C.

Estado de S. Paulo — Luiz de Queiroz & C., e Zanotta Lorenzi & C.

Estado do Rio Grande do Sul — Fabrica Alliança, de Leite Nunes & C., e Company Swift of Brasil.

Estado de Alagoas — Governo do Estado, Carlos Lyra & C. e Aprendizado Agricola de Satauba.

Durante a solemnidade esteve exposto um magnifico pneumatico de borracha, producto da Companhia Brasileira de Artefactos de Borracha, e que foi apreciadissimo, principalmente por ser todo feito de materia grama nacional: borracha amazonica para o revestimento e camaras de ar de lona paulista, fabricada com algodão paulista.

A lavoura do cacau na Bahia

O Serviço de Inspeção e Fomento Agricola do Ministerio da Agricultura tomou, de ha muito, a inapreciavel iniciativa de fazer, por intermedio de seus funcionarios technicos, inquiritos especiaes ás principaes fontes de nossa producção rural.

Diversas têm sido as lavouras que já foram objecto desses inqueritos, achando-se concluido o mais recente, sobre o cacau bahiano.

Segundo as informações colligidas, a cultura do cacauero começou a desenvolver-se na Bahia na segunda metade do seculo passado, tendo sido recebidas do Estado do Pará as primeiras sementes para plantio. Suppõe-se que essa cultura foi iniciada no município de Cannavieiras, cujos antigos moradores affirmam terem sido plantados na fazenda "Cubiculo", no baixo rio Pardo, as primeiras sementes de cacau entradas no Estado. O certo é que Cannavieiras possui, hoje, plantações que datam de 80 annos, existindo, ainda, na fazenda acima citada, 2 ou 3 pés de cacauero tidos como oriundos das arvores do Pará. Dessa zona a cultura do cacau se estendeu pelos outros municípios bahianos, sendo que em alguns delles só ultimamente tem ella tomado maior incremento.

As principaes variedades de cacau cultivadas no Estado são a "commum", a do "Pará" e a do "Maranhão", medrando todas ellas muito bem em

terras baixas. E' certo que, em egualdade de condições de clima e sólo, o cacauero commum produz mais do que os outros e mantém maior regularidade na producção. As variedades do Pará e do Maranhão, entretanto, por sua rusticidade, resistem melhor ás pragas, são mais precoces e exigem menor cuidado, produzindo embora menos 30 a 40 % do que a outra especie citada.

A região cacauera da Bahia reune, admiravelmente, condições climatericas necessarias a essa cultura. O clima quente, humido e regularmente ennevoado dessa zona offerece um ambiente propicio ao desenvolvimento e á producção do cacauero. As terras baixas, dos valles e das varzeas, são as que mais se prestam á cultura, não só pela sua natureza, como também em virtude do ambiente humido de taes logares. Essas terras se encontram mais frequentemente nas vizinhanças dos rios Pardo, das Contas, Jequitinhonha, etc. Têm ellas o inconveniente de se tornarem alagadiças, mas o uso das vallas e de drenagem commumente corrige taes defeitos.

As terras altas são as menos recommendaveis para a cultura em questão, mas, ainda assim, nos ultimos tempos, essas mesmas têm sido valorizadas na Bahia, nas vizinhanças dos rios Pardo e

Jequitinhonha, devido á sua procura para plantio do cacau do Pará e do Maranhão.

Quanto aos cuidados dispensados á lavoura cacauero no Estado, consistem elles, apenas, em limpas, replantas, podas, desbrotamento e tiragem de parasitas, não sendo empregado nenhum processo de adubação.

Em Cannaviellas obtêm-se até 100 arrobas por mil pés de cacaueros communs e 60 a 70 para as variedades do "Pará" e "Maranhão"; nos outros municipios, porém, esses algarismos decrescem, havendo alguns, como os de Valença, em que elles ficam em 18 a 22 arrobas por mil arvores.

Quasi sempre, a uma safra boa succede outra pequena e desanimadora. A colheita é feita de preferencia nos dias quentes. Os frutos colhidos são grupados em "bandeiras", para a operação da "quebra", afim de que, retirados dos mesmos amendoas, sejam estas levadas aos côchos ou tinas de fermentação. A operação de fermentação é considerada como a mais importante no preparo do cacau, pois della depende a boa ou má qualidade do producto.

As casas compradoras e exportadoras de cacau costumam fazer a selecção do artigo, para estabelecerem typos diversos, obedecendo, porém, com isso, exclusivamente a interesses commerciaes.

A área total comprehendida pela cultura do cacau na Bahia está avaliada em 254.516 hectares, abrangendo 24 municipios. Em 1920, a exportação do cacau do Estado montou a 827.234 saccos e, no corrente anno, já ultrapassou de um milhão de saccos.

ARROZ NATIVO

Em referencia á nota que a respeito desta planta inserimos no ultimo numero, temos a esclarecer que ha 14 annos a trouxe para a Sociedade Nacional de Agricultura o illustre goyano Sr. Henrique Silva, que a incluiu na lista das forrageiras por elle organizada em 1907 com estas palavras: "CAPIM ARROZ — Especie de arroz sylvestre (oriza tabulada NEES). Este arroz, nativo do interior do paiz, vegeta na orla das lagoas e mesmo dentro dos alagadigos razos e tambem nas margens dos rios. Distingue-se por um esporão aspero, comprido. É comestivel — e tambem excellente forraginosa".

O problema brasileiro do pão

Graças á solicitude com que aos que lhe reclamam os prestimos valiosos sóe attender a Directoria de Estatística Commercial, posso offerecer aos leitores d'"A Lavoura" o interessante quadro infra estampado, por onde se vê quanto tem crescido a nossa importação de trigo e farinha, de vinte annos a esta parte. Cresceu de tal modo a nossa importação de trigo e farinha, que nos tres ultimos annos nenhum outro artigo estrangeiro pesa tanto na nossa balança commercial quanto a precioso grão. Assim é que, subindo em 1920 o nosso dispendio em carvão á somma de 134 mil contos, a dos tecidos a 98 mil, a do bacalhão a 44 mil, só com trigo e farinha dispendemos, no alludido exercicio de 1920, a fantastica somma de 221.792:000\$!! Todavia, ha apenas dous decenios, ou seja em 1901, nossa importação de trigo e farinha era de tão sómente 48.353:000\$. isto é, quatro vezes e meia approximadamente menor do que a importação actual referente á mesma rubrica.

Relanciando o leitor a vista sobre o interessante quadro estatístico que aqui exponho, certamente

concluirá que uma medida nacional se impõe visando tapar o rombo por onde se escôa grande parte das nossas economias, e essa medida se impõe com tanto maior razão, quanto é ella facilmente exequivel, desde que para a sua realização se empenhe com firme deliberação o Governo Federal.

QUADRO ESTATISTICO DA IMPORTAÇÃO DE FARINHA DE TRIGO E TRIGO EM GRÃO, DE 1901 A 1920

ANNOS	Farinha de trigo		Trigo em grão	
	Tonels.	C. de réis	Tonels.	C. de réis
1901.	141.551	31.887	141.557	16.466
1902.	105.591	24.064	149.719	20.195
1903.	117.124	24.989	168.745	22.223
1904.	131.049	31.106	193.561	25.064
1905.	140.469	25.065	214.282	16.466
1906.	153.916	26.748	231.639	23.450
1907.	170.253	31.696	246.853	26.687
1908.	151.076	29.644	259.948	29.860
1909.	146.305	30.563	259.904	32.185
1910.	158.965	30.612	316.313	35.950
1911.	158.761	29.966	333.146	26.053
1912.	189.655	36.260	381.286	43.347
1913.	170.163	32.022	438.426	49.365
1914.	133.589	27.465	382.295	48.681
1915.	128.812	38.560	370.745	82.139
1916.	118.121	36.657	423.872	89.269
1917.	109.960	59.186	191.935	60.535
1918.	149.439	85.529	297.605	96.690
1919.	216.334	107.600	311.735	100.511
1920.	109.379	80.724	281.478	141.068
	2.912.024	820.343	5.667.044	1.001.236

Pelos numeros supra alinhados e admittindo-se o rendimento medio em farinha de 75 %, resulta que, desde quatro annos para cá, a nossa importação corresponde a pouco mais de 400 toneladas metricas, o que é effectivamente pouco para uma população que se estima superior a 25 milhões. Dahi se conclue, pois, que, querendo deveras o Governo Federal libertar o paiz do pesado tributo de mais de 200 mil contos que pagamos annualmente ao estrangeiro, será cousa facillima, pois 400 mil toneladas de trigo só o Rio Grande as produzirá, sem que para isso tenha de transformar desde as bases a sua economia rural.

E a resolução do problema da libertação do estomago nacional é tanto mais facil, quanto não só o Rio Grande se presta á produçção do trigo, centeio e outros productos panificaveis. Todo o planalto de Santa Catharina e Paraná se presta admiravelmente ao cultivo do trigo e centeio como industria de franca e segura remuneração; nas terras altas de Minas, Goyaz, S. Paulo e Matto Grosso, é tambem possivel a cultura do trigo e centeio.

E a resolução do problema em debate é, portanto, tanto mais facil, quanto disponhos, graças á Providencia dadivosa, de outros vegetaes que, si não dispensam o trigo "in totum", permittem reduzir a farinha de trigo para a preparação do pão na razão de 50 %. Assim sendo, e de facto o é, porque não tomam os poderes federaes uma medida decisiva de que resulte a nossa independencia no tocante a um producto estrangeiro essencial á soberania effectiva dos povos — o trigo?

Durante a guerra, quando nos vimos ameaçados de ficar sem trigo, cogitou o Commissariado da Alimentação Publica de se criar um typo de pão mixto em que devesse entrar a farinha de mandioca, ou outro producto proprio para tal fim; passada, po-

rém, a crise, voltámos a uma situação ainda mais precária do que a que conhecemos até então, por isso que o nosso dispendio em trigo duplicou em valor daquella data até hoje. Todavia, si desde então para cá, houvessemos cogitado com sinceridade e persistência de produzir um pão nosso brasileiro em que entrasse a mandioca, o centeio, o milho ou o sorgo, e ao mesmo tempo se tratasse da acclimação de novas variedades de trigo e criação de híbridos e variedades adaptaveis ao nosso meio, é certo que já a esta hora a nossa importação de trigo e farinhas, em vez de orçar em mais de duzentos mil contos, estaria reduzida a uma fracção minima desta somma.

Encontrar ou crear typos de trigo, respondendo ás deficiências telluricas e climatericas do nosso paiz e simultaneamente descobrir novos processos de fermentação e panificação, tal é o escopo que devemos visar, si de facto nos quizermos emancipar da dependencia em que vivemos do estrangeiro.

Affirma-se que a produção de trigo no Rio Grande ultrapassa cem mil toneladas, o que, a ser verdade, é segura promessa para a almejada emancipação do estomago brasileiro, porquanto seria a quarta parte do nosso consumo total. Admittindo-se além

disso, que possamos crear um typo de pão mixto em que o trigo entre apenas com 50 %, ficaríamos assim necessitando apenas de duzentas e tantas mil toneladas do precioso grão, ou, dado o desejado impulso á cultura do trigo em terras do Brasil, dentro em pouco tempo as duzentas mil toneladas de trigo que agora compramos ao estrangeiro ficariam reduzidas e uma migalha.

Não ha muito a nossa situação, com referencia ao arroz, era mais ou menos idêntica á do trigo na quadra actual; bastou, porém, a elevação da Tarifa aduaneira e a acção esclarecida de Carlos Botelho, introduzindo novo processo cultural, tributando o producto estrangeiro, para de prompto surgir a lavoura rizifera como das mais prosperas do paiz, que de chefe se transformou de importador em exportador de arroz.

Com o trigo, é certo, não podemos esperar resultado tão rapido, porém, se conseguirmos reduzir a nossa importação de trigo e farinha apenas á metade, ou á terça parte do que é presentemente, já será uma conquista, um triumpho.

E' para tal conquista, para tal triumpho, que devemos trabalhar com ardor e persistência.

W. de V.

QUESTÕES DE HORTOLOGIA

FUNDAMENTOS

INTROITO — Importancia — Excusado seria encarecer o valor que representa na economia domestica, um tracto de terra cultivado de hortaliças.

Os habitos grandemente liberaes — para não dizer perdulários — do brasileiro em geral, talvez influencia deste solo uberrimo, impedem-no que comprehenda e pratique as boas normas da parcimonia e da sobriedade, como resalva do futuro.

Quem percorre os bairros desta Capital, e viajou os Estados Unidos, tem a impressão triste dessa verdade. Chacaras enormes, verdadeiros sitios em miniatura mostram a terra desnuda, á sombra dumas poucas de arvores pomareiras, cobertas de parasitos de toda a sorte, por vezes com uns repicados de solo na frente da morada, á guisa de jardim, mal vestidos de flores afeidadas pelo descaso, evidenciando a nossa desidia de povo imprevidente. No entanto, si cada municipe revolvesse uma parte, apenas, da área de que dispõe, e nella deitasse as principaes plantas horticolas de consumo diario, quão menos pesado não seria o encargo de numerosas familias que por ahí se espalham, lamentando privações e angustiando necessidades?! Tudo é uma questão de habito, de trabalho, dum pouco de boa vontade, dum esforço a mais, que não exhaure organismos, nem anniquila existencias...

A vida torna-se cada vez mais difficil, contrariamente á expectativa de todos, por isso que a importancia da horta é innegavel, quer nas villas do interior, onde as populações reservam seus trechosinhos de terra para nelles installarem suas *quitandas*, quer nos suburbios das capitales, cuja gente, não obstante sua natural indifferença pelas coisas da agricultura, devia cultivar, pelo menos, algumas das hortaliças de seu consumo diario.

Este é o lado propriamente pecuniario da horta. Acresce, ainda, o indiscutivel valor dietetico das hortaliças, e não ha quem não goste de

variar a sua mesa com verduras frescas, que, além de concorrerem para conservar o organismo em bom estado de saude, constituem o que muito acertadamente se chamou de "pharmacia da familia".

Objectivos. — Ao planejar a horta, devem-se ter em vista uns certos fins realmente uteis. Os mais importantes, que se não podem deixar de formar em consideração, são: a produção duma quantidade constante, uniforme e sufficiente das hortaliças mais apreciadas pelos membros da familia, para quem se destinem; a qualidade das mesmas, coisa de maior interesse, neste caso, do que na exploração commercial horticola; as variedades das verduras, as quaes devem ser no maior numero possivel.

O habito de plantarem-se sómente os vegetaes de consumo forçado, deve ser banido, de maneira que as culturas menos communmente praticadas possam occupar o seu devido logar no engrandecimento do valor da horta.

LOCACÃO — Na escolha do sitio para a localização da horta, é preciso não esquecer os seguintes pontos: 1) A horta deve estar bem proximo da casa, de modo a tornar-se facilmente accessivel nos trabalhos de cultura e colheita; 2) Proximidade do reservatorio d'agua, por causa das frequentes necessidades de rega, principalmente por occasião das sementeiras e transplantações; 3) O terreno em declive é mais vantajoso do que o plano, pois, como é sabido, aquelle offerece aplanagem das aguas e, ás vezes, tambem do ar. No caso de só haver recurso a um terreno plano, uma drenagem completa, por meio de valletas, é necessaria. Nas terras ladeiradas, a inclinação deve ter uma exposição a sudeste, pela razão muito simples de que aquece mais cedo na primavera, tornando possivel a produção de plantas precoces; 4) Protecção contra os ventos dominantes, sem o que poderá haver perda de humidade do sólo e demora na maturação das plan-

tas. Póde abrigar-se a horta dos ventos do norte e do oeste por meio dum edificio, dum morro, de arvores ou arbustos, etc; 5) A sombra de arvores, casas, barracões, ou outras estruturas grandes, deve ser evitada, afim de que não resulte no estiolamento das plantas e seu crescimento incompleto; 6) O sólo é um factor importante. Um solo arenoso é preferivel a um barrento, ou argiloso, apesar destas desvantagens: 1) Pequena capacidade de retenção d'agua, por causa das suas particulas grandes; 2) Facil penetração pelo ar, que tende a aquecer o sólo na primavera, devido á areia grossa ser quente; 3) Sendo um sólo de cor clara, não absorve os raios solares e perde-os pela refração. Mas, as suas vantagens compensam de sobejo: 1) A terra arenenta esquenta mais cedo na primavera, e mais cedo, portanto, póde ser amanhada; 2) A temperatura conserva-se sempre

trume de curral, seja na de adubo verde; taes applicações envolvem despezas e o material tem que ser enterrado com o arado, muito cedo.

Temos, agora, um sólo arenoso do typo medio. Em geral, contem maior quantidade de alimentos para as plantas do que a areia grossa, e pede menos irrigação, porque as particulas mais finas do sólo retêm a humidade por um periodo de tempo mais longo. Não é tão precoce na produção como o typo mais grosso, nem tão productivo como o typo mais fino.

As areias finas são consideradas os sólos hortícolas mais productivos. As despezas com a manutenção da sua fertilidade são menores, tendo, ao mesmo tempo, as qualidades vantajosas dos sólos do typo médio.

PREPARO DO SOLO — *Applicação de adubos* — Depois de escolhido o trecho de terra nas



Abrindo o sulco com um arado de mão

alta e os trabalhos culturaes podem ser continuados pelo adeantado do outomno; 3) A areia responde á irrigação, porque absorve a agua mais rapidamente; 4) A areia enxuga mais depressa depois das chuvas; 5) Os adubos dão resultados mais promptos no sólo arenoso; 6) O amanho e a transplantação podem ser executados mais facilmente; 7) A colheita de raizes torna-se menos difficil; 8) As plantas para raizes formam-se melhor e são mais limpas de particulas de terra; 9) A limpeza e o preparo das plantas, para consumo, ficam reduzidos.

O hortelão deve escolher o melhor dentre os sólos arenosos, por isso que elles apresentam diferenças na qualidade. Si quer uma terra de produção precoce, bem drenada e respondendo promptamente á irrigação, tem a areia grossa. Este sólo, entretanto, como todos da sua especie, requer applicações repetidas e abundantes de material formador de humus, seja na fórmula de es-

trume de curral, o que importa fazer, em seguida, é applicar o material fertilizante.

Convém notar, antes de mais nada, que o estrume de curral, bem applicado e cedo, é de maiores beneficios para a terra do que os adubos químicos ou commerciaes. Algumas culturas precoces, porém, como a alface, rabanetes, repolho precoce, produzirão melhor com uma adubação de nitrato de soda (Salitre do Chile), na proporção de 100 kilos por hectare, e as batatas inglesas, tambem, pedem uns 300 kilos de potassa por hectare; isto tudo, em addição a uma boa applicação de estrume de curral bem curtido. O estrume fresco e palhoso deve, de preferença, ser applicado no outomno ou muito cedo, na primavera, e sempre enterrado com o arado, ao passo que o estrume bem curtido vai melhor um pouco antes da plantação e póde ser enterrado ligeiramente por uma lavra superficial, ou com a grade.

Arção — O estrume deve ser enterrado com

o arado, bem graduado e misturado com o sólo. O arado deve virar bem a leiva, de maneira que estas se acamem direito pelo plano superior e fiquem bem justas umas ás outras. Segue ao arado uma grade de discos, trabalhando na direcção dos regos. Obtem-se uma superfície plana e pulverulenta por meio do ancinho de mão, ou da grade e nivelador Meeker. Si fôr necessario um amanho mais perfeito do sólo, emprega-se o methodo da "inversão da leiva", que é um dos mais

cultura, por um ou outro motivo. No caso, o hortelão tem que recorrer aos instrumentos communs manuaes, como a enxada, o ancinho, etc., no preparo da terra. O trabalho destes, si feito systematicamente, deixa o sólo leve e igual, prompto para os serviços de planta ou transplanta.

ESCOLHA DAS VARIEDADES — Antes de escolher as variedades, devem determinar-se quaes as especies a cultivar, e depois a qualidade. A differença entre as hortaliças, neste ponto, é grande.

Por exemplo: quando se fica acostumado com o milho doce "Golden Bantham", não se deseja mudar, assim, de prompto, para as variedades de grãos maiores, mais grosseiros e inspidos.

Alguns factores têm a sua influencia na escolha das variedades, taes como: tempo necessario á maturação, adaptabilidade ao sólo e clima, etc., todos de grande relevancia. Devem evitar-se sempre as novidades em materia de sementes, preferindo as marcas antigas e reputadas.

Quando se tem de comprar as sementes, é preciso obter o que ha de melhor no mercado, embora pagando mais. Além disso, é aconselhavel, em todas as hypotheses, determinar, de antemão, a vitalidade das sementes, por meio do ensaio germinativo. Este consiste em contar um certo numero de sementes (25 a 100, dependendo do tamanho), e collocal-as em condições favoraveis á germinação, como, por exemplo, entre duas folhas de papel mata-borrão, humidecidas, que fazem um bom "germinador". Determina-se, por um exame diario das sementes, quaes as que germinam mais depressa e conta-se o total obtido, tirando dahi, por uma proporção simples, a "porcentagem germinativa". A maior parte das sementes de hortaliças, fornece uma porcentagem germinativa de 80 por cento, de quatro a oito dias, e só assim podem ser consideradas boas.

O valor do ensaio germinativo, em horticulura, é tão grande quanto nas culturas em grande escala, e relativamente maior, porque essa é uma forma mais intensiva de agricultura.

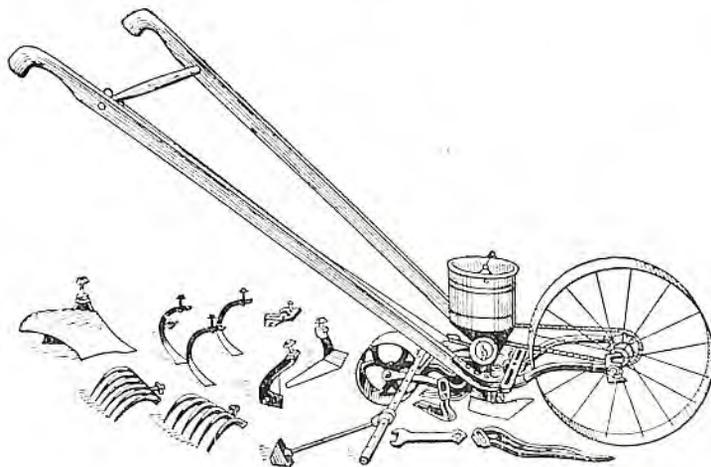
Outro factor, ainda, a enumerar na escolha das variedades, é o vigor e o tamanho de crescimento das plantas, que se devem conhecer, afim de poder determinar as distancias proprias na plantação.



Germinador, consistindo de duas folhas de papel mata-borrão entre dois pratos. As sementes são collocadas entre as folhas de papel

recomendados na horticulura intensiva.

Acontece, porém, e frequentemente entre nós, que não é possível o uso desses aparelhos de



Combinação cultivador — semeadeira, de mão

OPERAÇÕES CULTURAES COM AS SEMENTES — Viveiro — No sentido geral, a horta inteira é um viveiro, porque as sementes de muitas plantas são enterradas permanentemente onde estas têm de crescer. A palavra "viveiro", porém, conforme aqui usada, refere-se a um local especialmente preparado para nascedouro das

Semeação — As sementes devem sempre ser enterradas em carreiras direitas, quer no viveiro, quer na horta. O sólo do viveiro convém que seja bem calcado e, depois, marcado em linhas rectas distantes duas pollegadas uma da outra. As plantinhas, em carreiras direitas, serão mais uniformes no tamanho e na conformação, além de



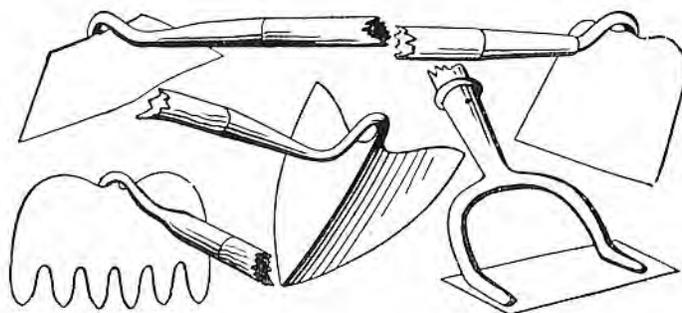
Uma semeadeira de mão, moderna. Abre o sulco, deita a semente, cobre-a, comprime a terra e marca a carreira seguinte, ao mesmo tempo

plantas, donde podem ser retiradas para as suas posições definitivas na horta. O viveiro deve estar de tal modo localizado, a poder-se regal-o facilmente, e sempre abrigado dos ventos quentes.

A melhor terra para o viveiro, consiste de uma parte de estrume bem curtido, duas de terra de horta (vermelho-escuro), e uma parte de areia fina. O estrume deve ser bem curtido, mas, não deve ter estado exposto ao ar, nem enfraquecido

tornar-se mais fácil o trabalho de desbaste e limpeza. Depois das sementes cobertas, a superfície deve ser, de novo, prensada por meio duma taboa lisa.

Quanto ao tempo em que se deve semear, não é possível estabelecer uma data definitiva, tudo dependendo destes factores preponderantes: humidade e temperatura do sólo, condições de cli-



Sacholas de mão

pela lavagem das aguas de chuva. A adição de folhas decompostas, torna o sólo mais adaptavel ao fim. Misturam-se todos os ingredientes, conjuntamente, num monte, mexendo bem com a pá, depois do que peneira-se a terra e colloca-se-a, depois disso, em caixotes ou no viveiro, prompta para a semeadura.

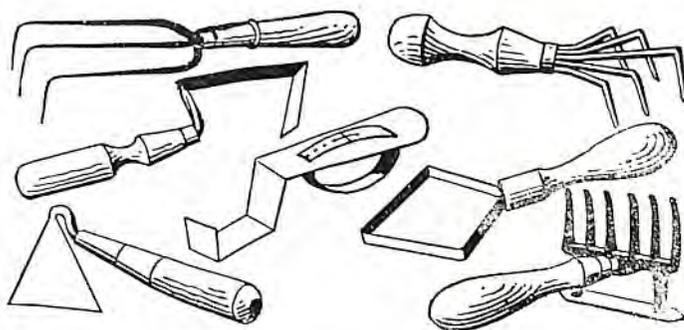
ma e, em certos casos de exploração para commercio, a situação dos mercados. As condições de humidade e temperatura podem ser quasi que satisfeitas no sólo recentemente revolvido, muito melhor que nos não revolvidos. O hortelão deve procurar precisar o periodo de tempo que decorre entre a semeadura e a colheita de cada planta, de

modo a poder produzir desde cedo e prolongar a produção durante toda a estação.

Quantidade de sementes a semear. — Não deve ser excessiva, afim de evitar-se o accumulo de plantas e trabalho demasiado. Ha que fazer as seguintes considerações, a respeito da quantidade de sementes a semear: 1) A época da semeia:

para outubro, deve-se tel-as promptas para uso a esse tempo.

A semeadura pôde ser feita de dois modos: a lança e em regos, ou linha, sendo o primeiro mais rapido que o segundo. As vantagens deste sobre aquelle, porém, tornam o primeiro muito pouco usado.

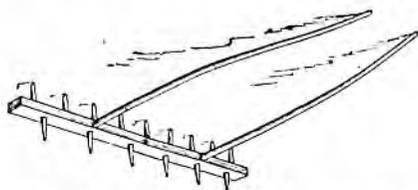


Escarifadores de mão

quanto mais cedo, maior é a quantidade de sementes precisa; 2) A natureza physica do sólo: os argilosos requerem maior numero de sementes do que os arenosos; 3) O tamanho e o vigor das plantinhas; 4) A vitalidade da semente: a porcentagem da semente, num dado volume, que germi-

A semeadura á mão devia ser abandonada, porquanto o processo mechnico moderno economiza muito mais tempo e, consequentemente, mais dinheiro. Uma semeadeira mechnica á mão executa o seguinte trabalho, o que justifica perfeitamente o seu emprego: 1) Abre o rego; 2) Deixa cahir a semente ao sólo; 3) Cobre a semente; 4) Comprime o sólo; 5) Marca a carreira seguinte, e o trabalho prosegue tão mais ligeiro quanto maior é a agilidade do operador.

Profundidade — A questão da profundidade a que se deve enterrar a semente, é de muita importancia. Não ha regra para isso; tudo depende, pelo menos, do tamanho da semente, da natureza

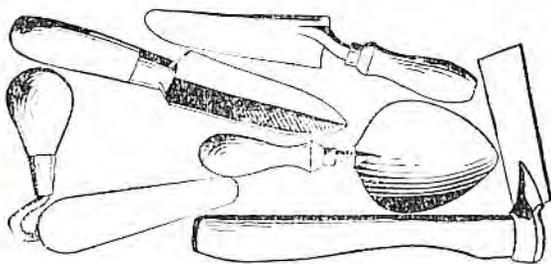


Marcaador de carreiras, feito á mão

ará, pôde ser estimada pelo ensaio germinativo; 5) Despeza com o desbaste: mais espaçada a semeadura, menos dispendioso é o desbaste. Molestias e pragas de insectos: no caso da existencia de molestias e insectos, será preciso uma maior quantidade de sementes; 7) Modo de semear: quando



Como se semeia com os dedos pollegar e indicador, no campo ou no viveiro



Differentes fórmias de pás e excavadores

uma cultura tem de ser colhida no logar onde é semeada, devem usar-se menos sementes e as plantinhas desbastadas ao numero necessario, depois da germinação; si as plantas têm de ser mudadas, a semeação será mais densa; 8) Necessidades domesticas: por exemplo, si se deseja couve-flôr

ou contextura do sólo, da humidade do mesmo, e da estação do anno. Maior a semente, mais fundo deve ser plantada; nas terras arenosas, a semente ficará mais enterrada do que nas argilosas; num sólo secco, a semeadura deve ser mais profunda que nos humidos ou bem irrigados; por causa da porcentagem de humidade, no sólo, maior no começo da primavera e durante a ultima parte do outomno do que no verão, as sementes plantadas nestas épocas devem estar mais proximo da superficie que as semeadas no estio, devido ao facto que a humidade é quasi nenhuma nas camadas superiores.

A pratica de comprimir o sólo que cobre as sementes apresenta muitas vantagens, uma vez que o contacto estabelecido entre a semente e as particulas de terra é maior, daí resultando a absorção da agua pela semente, a estimulação da vida no protoplasma e o desenvolvimento rapido



Semeando directamente do cartucho, com movimentos certos de vibração do dedo indicador

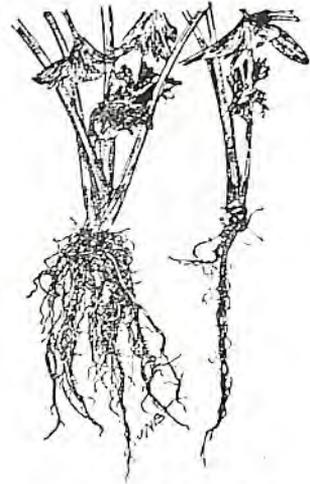
do embrião. O calcamento com os pés auxilia o crescimento das raizes, bem como habilita a plantinha a tirar a humidade e os alimentos do sólo com mais facilidade..

IRRIGAÇÃO — Devem fazer-se régas abundantes, de modo a conseguir-se uma larga produção de hortaliças. A importancia da régua é clara e, portanto, desnecessario encarecer. Tomando em consideração o valor da horta, não ha garantia melhor e menos custosa, onde ha agua sob pressão, do que a instalação duma mangueira commum, adaptavel a um puxado do encanamento geral até a um ponto central acessivel.

DESBASTE — O processo do desbaste consiste em remover as plantas mais fracas ou defeituosas, deixando todo o espaço necessario ao desenvolvimento normal dos individuos mais vigorosos.

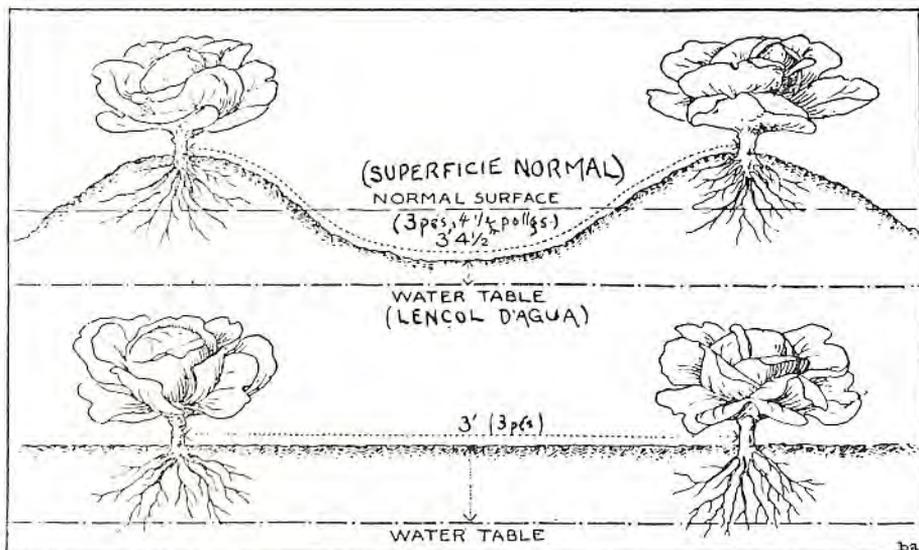
TRANSPLANTAÇÃO — Muitas das apreciadas hortaliças são mais efficientemente cultivadas,

semeando-se-as em viveiros e transferindo, depois, as plantinhas, na occasião opportuna, para os seus logares definitivos. Estas são as razões que justificam o processo da transplanta: 1) Algumas plantas amadurecem mais cedo si semeadas em viveiro e transplantadas, depois, para a horta; 2) Ha uma centralização de operações quando as sementes são deitadas em pequeninos talhões; 3) Dispense-se menos dinheiro em combater as hervas damninhas, os insectos e molestias, num pequeno viveiro do que numa larga área de terra; 4) Em pequenos canteiros, é possível prover as condições idéas ás plantas que requerem cuidados especiaes; 5) A transplantação per-



Plantas de aipo, mostrando o effeito da transplantação no desenvolvimento do systema radicular, à esquerda

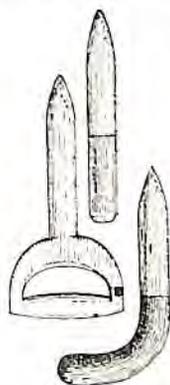
mitte o emprego do terreno para outras culturas mais precoces da estação; 6) A transplanta facilita o desenvolvimento dum systema radicular melhor e mais amplo na planta; 7) A transplantação concorre para augmentar a precocidade de algumas plantas, especialmente o tomate.



A cultura em nivel plano do solo é hoje preferivel

A maneira de preparar o sólo para transplantação, é a mesma que para a sementeira.

E' preferível retirar a plantinha do viveiro depois dum lapso definitivo de tempo, e a remoção deve ser feita em dia de chuva, ou num dia nu-



Differentes fórmias de cavadores para transplanta

blado que preceda ou siga á chuva.

Os instrumentos manuaes de que se servem na transplantação, podem resumir-se no "transplantador", de madeira, na pequena pá ou enxada talhadas para esse fim, facilmente manejaveis.

PRECAUÇÕES PARA EVITAR O ATAQUE DE INSECTOS E MOLESTIAS. — No controle de insectos e molestias que infestam as plantas hortícolas, pode obter-se uma grande somma de beneficios observando uma hygiene rigorosa. Depois que as plantas forem colhidas, os restos de folhas, ramos, etc., devem ser apanhados e levados para a estrumeira, ou queimados no caso de estarem atacados de molestias ou insectos. Muitas das pragas de insectos fazem seu abrigo sob pedaços de taboas, ou outro qualquer material deixado no terreno. Ramos mortos ou folhas de plantas estão, frequentemente, cobertos de espóros de molestias que infestam as culturas durante o seu desenvolvimento, e, por isso, devem ser queimados, visto que possuem um valor fertilizante diminuto.

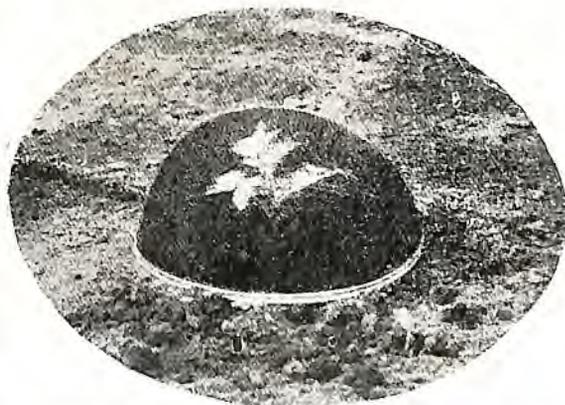
Recommendamos aos nossos leitores que, em casos de molestias cryptogamicas ou insectos, sempre que apparecerem nas suas hortas, dirijam-se a esta Redacção, remetendo um pouco do material para estudo, pois, com a maior boa vontade, procura-

remos responder ás consultas que nos fizerem.

PRECEITOS GERAES. — Boa fertilidade e constante amanho do sólo, são indispensaveis para bem succeder-se na empresa hortícola.

O terreno destinado a esta exploração, deve receber, annualmente, applicações de estrume de curral, na proporção de 10 a 20 toneladas por hectare, considerando-se que o uso liberal e conciente do estrume bem curtido, diminua a necessidade do emprego de adubos do commercio.

Cultura, sachação e limpeza devem merecer a maior attenção, não devendo o hortelão nunca permittir a formação duma crosta resistente na superficie do sólo, evitando o apparecimento de hervas daninhas por meio de capinação completa entre as plantas. E' vantajoso lavar os sólos pesados no outomno, e quando não tiver sido feito até á primavera, deve sel-o o mais cedo possível, afim de evitar qualquer demora em começar as plantas precoces.



Protecção das plantas contra o ataque de insectos, por meio de tela de arame fina

A mudança de cultura no mesmo terreno, com intervallos de tempo — ou "rotação" — deve ser observada tanto quanto possível. Deve, igualmente, haver associação ou intercalação de culturas no mesmo talhão, com o que muito se lucrará.

THOMAZ COELHO FILHO
Engenheiro agronomo

PECUARIA NACIONAL

Evoluir é progredir

A inferioridade das nossas carnes, classificadas em terceira e quarta ordem, nos centros consumidores e, por outra parte, a desvalorização do gado para corte, exigem dos criadores o patriótico sacrificio de melhorar a nessa criação pelo cruzamento das raças aperfeigoadas para a produção de carne.

Os estabelecimentos industriaes começam a exigir bois de typo frigorífico, conseguidos unicamente com o emprego de reproductores das tres grandes raças Durham, Hereford e Aberdeen-Angus.

Em prova do que antecede, vejamos o que ocorre em paizes mais adelantados em criação e cujo ensinamento não devemos desprezar:

Na exposição de Palermo, effectuada no mez pas-

sado em Buenos Aires, o total das vendas de reproductores, se elevou á respeitavel quantia de Rs. 9.027.851\$800.

No detalhe das vendas figuram 886 Durham, com o preço medio de Rs. 7:917\$000; 114 Hereford, com a media de Rs. 5:746 e 101 Aberdeen-Angus, com a media de Rs. 5:150\$600. O restante foi distribuido em differentes raças, sendo a maioria de leite.

Considerando que a crise monetaria é geral nos paizes americanos e que a Argentina exporta carne considerada de primeira classe, chegaremos forçosamente a conclusão de que o principal motivo da compra daquelles reproductores consiste no melho-

ramento das criações, certos, como estão, os criadores de que, augmentando o peso de seus bois, proporcionalmente augmentarão o seu valor.

Como se vê pelos numeros acima, nas tres grandes raças foram empregados Rs. 8.189:716\$600, restando apenas Rs. 838:115\$200 para a compra de representantes de outras raças. A grande differença que se nota evidencia a preferencia pelos Durham, Hereford e Aberdeen-Angus.

Não devemos illudir-nos com a pretensão de ensaiar e formar novas raças, por constituir um problema que necessita varios seculos. E' mais pratico e economico utilizar o esforço intelligente e perseverante dos inglezes naquelle espaço de tempo.

A existencia das tres grandes raças em todos os continentes destroe a tradicional affirmação de que para cada comarca, convem determinada raça bovina. Isto succederia anteriormente, porém hoje, a pratica tem demonstrado que os bovinos são cosmopolitas, como a raça humana.

Para os criadores do centro e norte do paiz, não ha duvida que os reprodutores importados da Inglaterra, Norte-America e mesmo do Prata, terão contra si a brusca differença do clima, que os atrazará até que se identifiquem com o meio ambiente. Taes difficuldades estariam em parte atenuadas, si os criadores procurassem reprodutores das referidas raças dentro do paiz. Temos, infelizmente a mania de desprezar o que possuímos, de boa classe a reduzido preço, para adquirir de longe a preços mais elevados e ás vezes de qualidade inferior. Não só entre nós isto succede, mas em toda parte.

No Rio Grande do Sul existem criadores e cabaneiros das raças mencionadas que possuem productos, "verdadeiros" puros por cruzamento, que em pureza e formas, competem com os melhores que possam vir de fora. Verdadeiros, dissemos, pelo abuso que se faz de tal gradação de sangue, que os interessados poderão evitar, exigindo dos vendedores certificados ou pedigree dos registros genealogicos.

Os productos do Rio Grande do Sul, além de serem criados em clima já intermedio, têm a vantagem de serem immunes á tristeza, devido a existencia de carrapatos. Menor despesa em transporte, livres de requisitos e exigencias alfandegarias.

O nosso governo, que favorece a importação e que dentro do paiz facilita o transporte de productos estrangeiros, julgamos que, sendo solicitado, com mais razão facilitará o transporte de productos nacionaes.

Na referencia acima sobre a venda de productos em Buenos Aires, nos falhou o resultado das vendas effectuadas no local Bulrich, exclusivamente de Aberdeen-Angus, pois que, como se sabe, desde o anno de 1917 se tem effectuado exposições unicamente desta raça, o que nunca se deu com outra qualquer. Este facto prova o aprego que ultimamente vem conquistando esta raça e que, em nossa modesta opinião, é a que mais convem para o centro e norte porque, além da superioridade da sua carne sobre as suas rivaes, a cor preta lhe serve de defesa contra os rigores do calor. "J. Travassos — Monographias Agricolas, pag. 267".

D. M. RIET

CONHECENDO O BRASIL DE PERTO

De Pirapóra a Joazeiro pelo rio S. Francisco

Na sessão de 23 de Agosto proximo findo, na S. N. de Agricultura, o illustre Sr. Octavio Carneiro realizou uma conferencia extremamente empolgante, e intelligentemente documentada, relatando recente viagem que fez pelo nosso magestoso S. Francisco, num dos trechos mais bellos e ricos do seu percurso.

E' uma parle d'essa interessantissima conferencia que publicamos a seguir:

1 — DESCORTINANDO O SERTÃO

Regressando de uma excursão de Pirapora a Joazeiro, pelo rio São Francisco, 2.738 kms. de ida e volta a bordo do vapor "Wencesláo Braz" em inspecção ao serviço de navegação da Companhia Industria e Viação de Pirapora, estudando a região, registrando informações, observando os costumes — recebi do Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura convite para fazer a narrativa das impressões da viagem.

Eis porque venho contar alguma coisa do que vi e ouvi.

Quando em Junho de 1918, a pedido do Dr. Leopoldo de Bulhões commissario da Alimentação Publica, fizemos succinta exposição sobre a navegação do rio S. Francisco e as condições do commercio e agricultura ribeirinhas, prestavamos informações que eram desconhecidas no nosso meio, raras excepções se encontrando. Entre estas, o actual presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, Dr. Miguel Calmon, que tinha percorrido o alto S. Francisco quando secretario da Agricultura, na Bahia. Conhecedor da grande bacia fluvial, declarei ao Dr. Leopoldo Bulhões que a organização de um novo serviço de navegação, para servir-a, bastaria para justificar a criação do Commissariado.

São decorridos apenas tres annos, e dado o balanço, abstracção feita das medidas transitorias e de emergencia, que pégadas deixou o Commissariado? Das 63 resoluções dos seus grandes dias de magico prestigio, qual a que se conservou de pé? Uma sómente. A que teve o n. 25 e cuidou da navegação do S. Francisco "para attenuar a crise angustiosa e pobre pela deficiencia de transporte", como foi dito então.

Em fevereiro de 1919 publicavamos no "Jornal do Commercio" um longo artigo sob o titulo "O Rio São Francisco — Condições de Navegação — Desenvolvimento Agricola — Aproveitamento Industrial", artigo que foi largamente transcripto não só no paiz como no estrangeiro, por que os Consulados de alguns paizes e as Camaras de Commercio julgaram util dar-lhe divulgação.

Em memorial dirigido ao Presidente de Minas expuzemos a situação da região mineira banhada pelo rio, e esboçamos o plano de seu desenvolvimento futuro. Manifestou o Presidente Arthur Bernardes o desejo de visitar pessoalmente o São Francisco.

Obrigado pelos acontecimentos politicos e preoccupações administrativas a adiar esse projecto, em Novembro do anno passado, incumbiu ao Dr. Clodomiro Oliveira, secretario da Agricultura, de precedel-o na excursão de Pirapora a Carinhanha.

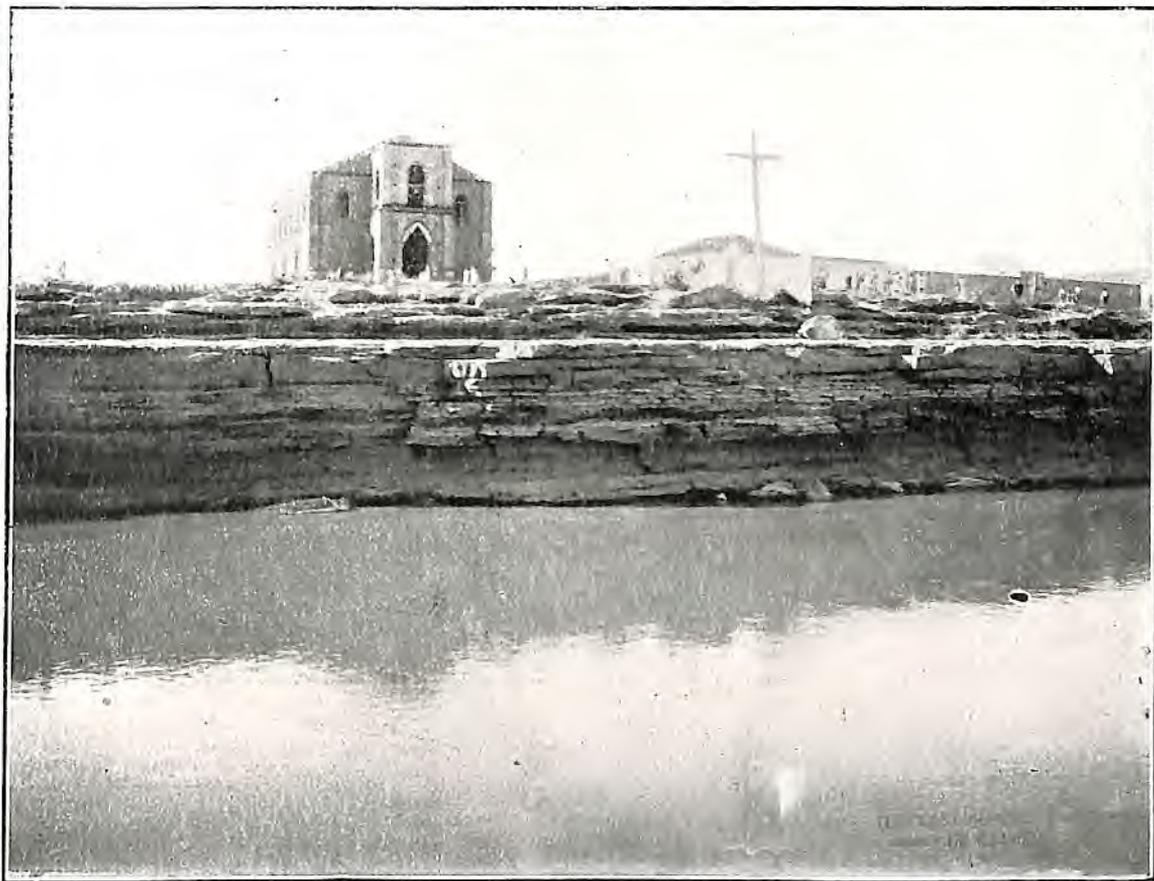
O Dr. Raul Soares, que acabava de resignar a pasta da Marinha, era um dos convidados do secretario da Agricultura, avisados á ultima hora, para uma excursão que a muita gente se afigurava temerosa, porque a campanha de descredito resumida na phrase academica de que "o Brasil é um vasto hospital" pintava as margens do S. Francisco como pau'l pestilento onde não se poderia penetrar impunemente.

Creto não errar assegurando que foi por ocasião dessa excursão que se esboçou a candidatura, hoje resolvida, do futuro Presidente de Minas. O S. Francisco não transportava em suas águas o Presidente do Estado; mas, advertido pela sagacidade dos políticos sertanejos, alvorçava-se com a visita de quem deveria succeder-lhe. Sellava por essa forma um pacto pelo qual a administração futura cuidaria, com carinho, da navegação, do desenvolvimento agrícola, da diffusão da instrução, dos melhoramentos materiaes dessa região uberrima que tem vivido como a gata borralheira da fabula, esquecida e relegada, mas que um dia calçará o sapatinho que lhe pertence.

Mas, já não estamos nos dias de Commissariado, em que os gritos de angustia dos agricultores que

Francisco, — Saint Hilaire, Martius, Richard, Burton, James Well.

A bibliographia moderna do S. Francisco, embora muito mais leve e apressada do que os trabalhos citados, tem popularizado o que mais interessa conhecer. Em 1909, sob o titulo "Aspectos de um Problema Economico", o Dr. Elpidio de Mesquita publicou um livro interessante no qual fez transcripções escolhidas dos autores que escreveram sobre o grande rio. Em excursão com o saudoso engenheiro Souza Bandeira, o deputado Alberto Maranhão escreveu impressões de viagem, publicadas em 1918 e illustradas com varias photographias, e ahi esboçou dois projectos de lei para melhoramento do rio. Nessa mesma occasião o engenheiro Souza Bandeira escreveu seu relato-



Cães natural e igreja do porto de São Francisco

assitiam impotentes ao apodrecimento dos cereaes accumulados de um anno para outro nos barrancos do rio, se dirigiam á autoridade nova que surgia, e que justificou as esperanças dos que lhe batiam á porta.

Por se divulgarem noticias e se repisarem informações, essa região já foi incorporada aos conhecimentos geographicos e economicos de toda gente. Não ha necessidade de recorrer aos trabalhos de Henrique Halfeld, ainda hoje os mais completos, publicação rara, em formato immenso, cujos bellos mappas são o melhor roteiro do rio, cujo texto é o repositório mais detalhado de tudo que diz respeito ao S. Francisco. Nem tão pouco aos que lhe succederam, em commissões officiaes de estudos — Milnor Roberts, Orville Derby, Theodoro Sampaio, Liaís, Placido Amarante, Branner, Eduardo de Moraes, Carlos Kraus; — ou ao que, em viagens scientificas escreveram sobre o São

rio sobre o S. Francisco, publicado em 1920, depois de sua morte prematura. E' o trabalho tecnico mais recente sobre o grande rio e o autor justificando a viagem diz: "O facto da minha passagem em Aracaju me despertou a idéa de fazer uma excursão pelo S. Francisco desde Pirapora até o oceano, afim de ter uma visão rapida das condições desse rio e dos serviços que ali podem ser executados, os quaes entram no quadro das attribuições da Inspectoria Federal de Portos, Rios e Canaes". E mais adiante: — "Sempre considere o rio S. Francisco de grande importancia na solução de diversos problemas que interessa de perto o desenvolvimento economico do nosso paiz". "No melhoramento do rio S. Francisco estão enfeixados diversos problemas que dizem respeito ao desenvolvimento não só dos cinco Estados por elle banhados, como de outros vizinhos".

O Sr. Alfredo dos Anjos, viajante que mais de-

talhadas informações pôde dar da bacia do grande rio, fez na Sociedade Nacional de Agricultura uma conferência, que publicou em folheto, e cujos senões devem ser desculpados pelo conjunto de informações uteis que contém.

No jornal "Estado de Minas", de Belo Horizonte, publicamos uma serie de artigos sob o titulo "Um problema da Viação e Colonização", chamando a attenção do governo e do publico para os problemas daquelle futuro sertão.

Para realizal-o, é preciso um devotamento de apostolo; não será com discursos declamatorios nem com artigos retumbantes que se dará solução ao grave problema.

Para conseguil-o, seria preciso fazer como em Lassance, onde, ha já alguns annos, um jovem medico, recém-chegado, podendo desfrutar a vida venturosa da cidade, ali se internou voluntariamente, separado da familia que adorava, ali viveu annos seguidos, segregado do resto do mundo,



Vista geral das usinas de algodão e fabrica de óleo da Companhia Industria e Viação de Pirapora

A Commissão do Serviço Geológico do Ministerio da Agricultura, chefiada pelo Sr. Horacio Williams, tem effectuado naquella região estudos e excursões de real interesse.

Muitas outras publicações esparsas têm concorrido, nestes ultimos tempos, para libertar o São Francisco do esquecimento e da ignorancia em que jazia.

Finalmente, desde que o vapor "Wenceslão Braz" começou a navegar, offerecendo aos passageiros o conforto que faltava na viagem fluvial, numerosos são os excursionistas que têm visitado o rio. Estes não transmittindo a outros o desejo de realizar essa interessante excursão onde os menos observadores ficarão empolgados pelos panoramas magestosos, e poderão constatar uma população de sertanejos inteligentes, sadios e robustos, trabalhando sem esmorecer, de sol a sol, mas não depararão nem com o "jeca-tatu" dos pseudo-psychologos das cidades, nem com o "vasto hospital", seu irmão gêmeo, e tambem como elle em vóga litteraria.

É certo que ha muitos doentes e faltam medicos, nessa vasta região, e que só merecerá louvores o programma de uma assistencia sanitaria sem compressão e sem exploração mercantil; tal projecto seria recebido de braços abertos de um a outro extremo do sertão.

Installado em um wagon de mercadorias, que era seu consultorio e seu laboratorio, acompanhado por alguns amigos dedicados, fazia clinica gratuita para todo mundo, impondo-se ao respeito e á estima dos sertanejos, atrahindo doentes das regiões mais longinquoas, rompendo enfim, pelo seu labor e devotamento, o silencio das summidades medicas das capitães, que de lá voltaram surprehendidas com os estudos realizados em pleno sertão. Proclamaram-n'o tão alto que a nova atravessou os mares e interessou aos scientistas do velho e novo mundo.

Tudo se poderá contestar — o merito scientifico inclusive, mas a dedicacão, o desprendimento, o valor moral daquelle jovem medico de 1910, ninguem ousará pôr em duvida. É de dedicacões dessa ordem que o sertão precisa.

II - A CULTURA DO ALGODÃO — O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DE PIRAPORA

O algodão é nativo no valle de S. Francisco, mas nunca recebeu ali estudo especial dos competentes.

Quando se annunciou a vinda ao Brasil da Missão Algodocira de Manchester, empenhamo-n'os para que fizesse parte do programma de estudos sobre o nosso algodão, uma excursão p. lo rio São

Francisco, a qual foi incorporada ao plano de viagens promovidas e custeadas pelo Ministerio da Agricultura.

As observações feitas *in loco* pela Missão Algodoeira, ou com mais precisão, pelo Sr. Arno Pearse, Secretario Geral da Federação Internacional dos Fiadores de Manchester, redundarão com certeza em beneficio da immensa região algodoeira servida por mais de 2.000 kilometros de navegação fluvial.

Faço essa restricção porque de facto só o Sr. Arno Pearse conhecia o assumpto que vinha estudar entre nós, só elle se preocupava seriamente e activamente com os estudos que se propoz realizar.

Acompanhei-o nessa excursão e aproveitei para aprender sobre o algodão tudo quanto me foi possível, collaborando nos inqueritos, visitando as plantações, pedindo esclarecimentos, copiando notas, ouvindo os conselhos do perito cuja competencia, nessa especialidade, ninguém porá em duvida. O Sr. Arno Pearse, ao contrario do que costumam fazer alguns charlatães rotulados de sumidades, não fazia mysterio de cousa alguma, e manifestava prazer em ensinar, quer aos companheiros de

nal, seja principalmente o de fibra longa, com o qual possa contar a industria estrangeira, quer para os tecidos finos, quer principalmente para as applicações especializadas, notadamente para a fabricação de pneumáticos para automoveis e télas para aeroplanos.

E' possivel que esse inquerito sirva tambem para esclarecer os industriaes inglezes no projecto de empregar fortes capitaes nas colonias africanas para intensificar a cultura do algodão. Não creio que o objectivo da viagem tenha sido para um jogo de bolsa tendo em vista a materia prima e os artigos fabricados, de modo a descongestionar com vantagens os stocks inglezes com prejuizo da nossa industria textil, como já foi aventado. Tambem não acredito que fizesse parte do programma da viagem qualquer projecto de empenhar capitaes estrangeiros na nossa produção. Póde bem ser que do resultado do inquerito feito, suriam novas preocupações, mas as que decidiram a viagem do Sr. Pearse ao Brasil, não foram outras senão as que assignalei.

Em duas conferencias, uma feita para a Sociedade Mineira de Agricultura, outra realizada no Centro Industrial da Bahia, resumiu o Sr. Arno



Bôde do sertão (Pedras de Maria da Cruz)

excursão, quer principalmente aos sertanejos. Permittia que se copiassem suas proprias notas, transmitia com boa vontade o que sabia, e aceitava com prazer as observações para corrigir o que não interpretara bem.

Creio poder resumir o objectivo da viagem do Sr. Pearse ao Brasil dizendo que elle aqui veio para verificar qual a possibilidade da nossa produção em algodão, seja o de fibra curta, destinado ao abastecimento da industria fabril nacio-

nal, seja principalmente o de fibra longa, com o qual possa contar a industria estrangeira, quer para os tecidos finos, quer principalmente para as applicações especializadas, notadamente para a fabricação de pneumáticos para automoveis e télas para aeroplanos. E' possivel que esse inquerito sirva tambem para esclarecer os industriaes inglezes no projecto de empregar fortes capitaes nas colonias africanas para intensificar a cultura do algodão. Não creio que o objectivo da viagem tenha sido para um jogo de bolsa tendo em vista a materia prima e os artigos fabricados, de modo a descongestionar com vantagens os stocks inglezes com prejuizo da nossa industria textil, como já foi aventado. Tambem não acredito que fizesse parte do programma da viagem qualquer projecto de empenhar capitaes estrangeiros na nossa produção. Póde bem ser que do resultado do inquerito feito, suriam novas preocupações, mas as que decidiram a viagem do Sr. Pearse ao Brasil, não foram outras senão as que assignalei.

Em duas conferencias, uma feita para a Sociedade Mineira de Agricultura, outra realizada no Centro Industrial da Bahia, resumiu o Sr. Arno

Afim de não alongar esta exposição deixaremos

para outra oportunidade as observações pessoais que fizemos e as notas que tomamos sobre a cultura e industria do algodão ao longo do São Francisco.

Pela primeira vez realizou-se entre nós um estudo systematico da cultura do algodão, começando pelo Estado de São Paulo, onde adquiriu recentemente surprehendente importancia, passando aos Estados de Minás e Bahia, onde tem longa tradição mas tem se conservado estacionaria, se-

concurso util, de que beneficiarão os mais ricos como, principalmente, os mais pobres, sem precisar de valorização artificial, porque o seu consumo interessa á Humanidade inteira, e por toda parte assignala que vae faltar, ou já está faltando, apesar dos preços minimos que neste momento desolam os agricultores, e que se explicam pela paralysação das fabricas e desorganização mundial das industrias.

Para realizar a excursão pelo rio S. Francisco,



Vista do porto de Pirapora

guindo depois para os Estados do Nordeste, onde as fibras longas, sedosas e resistentes, cultivadas embora por processos rotineiros, rivalizam com as melhores do mundo, e nos darão, no futuro, a hegemonia do mercado de algodão, si não se repetir o erro de querer substituil-as por typos inferiores importados do estrangeiro, como já se fez.

Até hoje ninguém fizera entre nós esse estudo, e, no seu conjuncto, só o Sr. Arno Pearse o realizou, pois ninguém o acompanhou de principio a fim nessa excursão. Para mim, essa inspecção methodica e conscienciosamente realizada, já registrada com natural e comprehensivel reserva em conferencias parciaes, e que naturalmente formará um relatório minucioso, como se fez na India, constitue serviço real prestado pelo Sr. Pearse ao paiz e justifica as despezas feitas pelo Governo Federal e pelos Governos Estaduaes para eustear as viagens.

Graças a esse relatório, vamos conhecer o que pensam os especialistas inglezes do que temos feito, do que estamos fazendo, e o que convem que façamos para intensificar e melhorar a produção da preciosa malvacea, destinada a proporcionar ao paiz uma receita maior do que a do Café sommada a dos outros productos que exportamos. Ainda mais, destinada a prestar ao mundo inteiro um

encontro-n'os em Pirapora no dia 25 de Maio. Faziam parte da Comitiva do Sr. Arno Pearse dois jovens suissos, Srs. Max Syz e Fritz Jenny, o Sr. Alberto Jacobina, delegado do algodão em Minas, o Sr. Oscar Piquet, representando o Centro Industrial do Brasil, os Srs. Freitas Machado e Azevedo Sadré, recentemente formados em agronomia e em viagem de instrucção.

No dia 26 pela manhã inauguramos os descarregadores de algodão da Companhia Industrial e Viação de Pirapora, moderna installação accionada a electricidade, podendo produzir por dia 16.000 kgrs. de algodão em pluma, provida de todos os accessorios, inclusive tubos de aspiração de algodão em caroço e ventiladores de expedição de caroços e detricetos, e de uma prensa fazendo fardos de 1,m. 20 X 0,m 80 X 0, m 60 com o pezo de 150 kgrs. seja a densidade de 260 kgrs. por metro cubico.

A installação funcionou na presença de numerosa assistência, tendo sido as machinas postas em movimento pelo pioneiro da industria algodoeira em Minas, o Sr. Coronel Caetano Mascarenhas que, com seus irmãos Antonio e Bernardo fundou a primeira fabrica de tecidos em Minas, que foi tambem a segunda do Brasil.

Estão esses descarregadores montados em edificio proprio, de dois pavimentos, tendo de um

lado um grande armazem para deposito do algodão em caroço, de outro o deposito do algodão enfiado destinado á exportação. Abi o Sr. Pearce examinou attentamente o algodão em deposito, inquerindo sobre sua procedencia, experimentando as libras, classificando as variedades, registrando todas as informações que conseguiu colher. Visitamos ainda a Fabrica de Oleo, montada com apparellhagem moderna, para a produção diaria de 2.400 kgrs. de oleo e 5.000 kgrs. de farello. Passamos em seguida ás machinas de beneficiar arroz, visitamos o Almoxarifado da Companhia, o escriptorio e a residencia do Director Gerente. Assistimos ao funcionamento dos possantes carneiros hydraulicos que fazem o abastecimento d'agua á cidade; atravessamos o Rio S. Francisco para a margem esquerda, onde examinamos os trabalhos de captação da cachoeira de Pirapora, para distribuição de forga e luz á cidade, e tivemos occasião de ver os importantes trabalhos de construcção da ponte metallica que a Estrada de Ferro Central do Brasil está construindo atravez do rio S. Francisco. Voltando á margem direita, visitamos as officinas e Armazens da Secção da Navegação da Companhia Industria e Viação de Pirapora, percorremos a cidade, tendo o Sr. Pearce conversado com os principaes negociantes, informando-se de tudo quanto se relaciona com a vida e o progresso de Pirapora, e ás 5 1/2 horas da tarde deixamos o porto a bordo do vapor "Wenceslão Braz".

Em Pirapora, o rio S. Francisco tem na estiação uma descarga de 450 metros cubicos; o desnivelamento total da cachoeira, na vazante, é de 6m,30; a largura media do rio, 500 metros; por occasião das enchentes a largura attinge 800 metros; e as aguas sobem até 10 metros nas enchentes excepcionaes, afogando completamente a cachoeira. A altitude da cidade é de 472 ms.

Pirapora, a cidade mais moderna das margens do S. Francisco, é sem contestação a mais industrial; outras levam-lhe a palma na importancia commercial e como centro de exportação agricola. Tudo faz prever que muito breve será tambem o principal emporio commercial das margens do grande rio se os seus habitantes, que são em grande parte testemunhas da sua recente fundação, se compenetrarem de que cavariam a propria ruina e a propria desgraça da cidade que viram surgir, si permittissem que se travasse ali a lucta ingloria da que já foram victimas outras cidades ribeirinhas.

Carinhonha está bem proxima para os que quizerem contemplar os effeitos da lucta: — as portas derrubadas pela violencia, a Igreja crivada de balas, casas incendiadas, e uma população de mais de 5.000 habitantes reduzida a 700 almas, tendo diante dos olhos o espectaculo acabrunhador resultante da insanica que desgraçou a todos e não aproveitou a ninguém. S. Francisco está mais proximo ainda, e os de Pirapora sabem dos horrores e tropelias que por varias vezes têm humilhado a infeliz cidade que deveria ser das mais prosperas e felizes, das mais ricas e floresentes. Pilão Arcado com sua Igreja crivada de balas, suas casas ainda desmanteladas, seus habitantes dispersos, é outro attestado berrante da miseria e da desgraça das luctas de campanario.

Pirapora já foi o seio de Abrahamo do S. Francisco, refugio dos perseguidos de outros Municipios em que imperava o arbitrio e a violencia; a ordem e a harmonia que ali reinavam foram os factores do seu rapido progresso.

A virtude dos primeiros annos precisa consolidar-se nestes dias de crescimento rapido, para assegurar, no futuro, a felicidade que tem feito de Pirapora uma cidade privilegiada entre todas as de S. Francisco.

Porventura, a cidade poderá progredir com passo firme, ou o progresso já realizado poderá subsistir sem a concordia dos habitantes?

Nuvens que se accumulam no horizonte são indicio de tormenta. Porque hão de os homens tambem toldar a serenidade da vida e provocar vendavaes quando depende d'elles dissipar as nuvens?

Permittam os que labutam pelo engrandecimento da cidade, que, daqui, deste meio civilizado, onde as opiniões mais divergentes se chocam, mas onde os individuos se respeitam, onde a primeira preocupação é a da manutenção da ordem; onde se prega e se pratica o respeito á propriedade; onde a civilização subjugua e modifica os instintos egoistas; deste centro de pensamento, onde os corações batem pelo progresso do paiz inteiro; onde as intelligencias se apuram para collaborar na felicidade do mais afastado recanto da nossa Patria; onde as actividades se multiplicam para corresponder ás necessidades dos que reclamam socorro; permittam, que, daqui, eu peça aos habitantes de Pirapora e aos Governantes de Minas, para que não consintam que se quebre, ou mesmo que se annuie a concordia e a harmonia que serão o penhor seguro e insubstituivel do progresso e felicidade da cidade eleita, para ser, na entrada do sertão, a sentinella avançada das maravilhas da civilização!

OCTAVIO CARNEIRO

Riquissima colleção de ovos de aves brasileiras

Conforme o testemunho do Sr. A. Monteiro de Carvalho, que o communicou á imprensa carioca, "existe em Arcos, districto de Formiga, Estado de Minas, uma rarissima colleção de ovos de aves brasileiras.

E' seu organizador o cientista José Caetano Sobrinho, cuja gentileza proporcionou ao Sr. Carvalho o ensejo de ver e apreciar um seu originalissimo trabalho. E' ella uma maravilha de paciencia e de perseverança.

E não é só: é um mimo de arte que o carinho formou, é uma expressão scientifica que a cultura organizou. Ao vel-a, sente-se a impressão dos ninhos, dos arvoredos, das florestas, dos rios, dos cantos e dos trinadoes, do ruflar de azas dos bandos e das infindas revoadas das aves brasileiras, que formam a mais opulenta avifauna do mundo. A variedade das formas dos ovos, a multiplicidade das cores, com seus anenubios delicadissimos, lembram o brilho das pedras preciosas, o colorido das flores e a tonalidade da plumagem das aves. Não julgue alguém que se trate de uma simples curiosidade e porque organizada no sertão possa consideral-a pejorativamente quanto a seu valor... Não! E' uma colleção organizada dentro de rigorosos preceitos scientificos, obedecendo a uma classificação racional. Para formal-a, o seu autor inventou um processo que é exclusivamente seu, e que não é inferior aos adoptados nos centros scientificos para esse genero de trabalho.

Elle a enriqueceu de tal modo, que é superior á do Museu Nacional, não só quanto ao numero de ovos, como tambem quanto á variedade dos tipos. E' representada por dous mil e quinhentos ovos de aves brasileiras, accrescida de ovos de aves do Japão, da China, de diversos paizes da Europa e da Africa, da Australia e de diversos paizes da America.

O Sr. José Caetano Sobrinho é discipulo dos professores Drs. Hermann von Ihering e Rodolpho von Ihering e do grande E. A. Geldi, naturalistas que melhor estudaram a nossa avifauna. Foi orientado pelas idéas desses sabios que elle realisono o seu magnifico trabalho imprimindo-lhe um cunho scientifico que lhe dá um alto valor e que o recommenda á estima e á consideração dos cultores da sciencia.

A colleção é uma preciosidade, e, no genero, é, talvez, a melhor do Brasil".

A EXPOSIÇÃO DE GADO DE MONTEVIDEO

Foi coroada de brilhante exito a 16ª Exposição Annual de Campeonatos, realisada na capital do Uruguay em 25 de Agosto, como se vê do interessante relatorio em que o distincto representante da Sociedade Nacional de Agricultura, Dr. Isaac Elbas, dá conta ao Sr. presidente da mesma Sociedade da incumbencia que lhe coube desempenhar.

Eis o que diz o Dr. Isaac Elbas:

"Exmo. Sr. Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.

Desobrigando-me da honrosa incumbencia que me foi conferida por esta illustre Directoria, tão sabiamente presidida pelo nosso eminente patriota, Dr. Miguel Calmon, tenho a honra de transmittir, em breves linhas, as impressões que me ficaram do grande certamen que foi a 16ª exposição annual de Campeonatos na cidade de Montevideo, em 25 de Agosto p. p., a cuja inauguração compareci como representante desta digna Sociedade.

Não foi outra minha intenção senão um dever de gratidão, e principalmente de patriotismo, cumprir as ordens dadas por meu distincto amigo, e ao terminar o acto, que esteve abrilhantado com a presença do illustre Presidente da Republica amiga, Dr. B. Brum, Ministros de Estado, representantes da Sociedade Rural Argentina, Sociedad dos Criadores de Shorthorn, de Chicago, grande numero de criadores e umas 2.000 pessoas, pronunciei algumas palavras agradecendo o amavel convite que nos fôra dirigido e ao mesmo tempo elogiando a grande concurrencia de bellos exemplares da pecuaria uruguaya.

Apezar de tratar-se de uma exposição nacional, e sendo num momento em que o mundo inteiro atravessa uma crise grave, notava-se um bello conjunto de reproductores que desfilavam, demonstrando mais uma vez o esforço realizado pelos criadores numa obra verdadeiramente patriótica, pois que não se pode classificar de outro modo expôr grandes capitães e trabalho preparando productos de tão alto valor com a certeza de não encontrar a verdadeira recompensa, dada a depreciação actual.

Entre as oitenta e tantas categorias, num conjunto de 500 animaes, mais ou menos, via-se o progresso alcançado naquella paiz, onde a pecuaria é o principal ramo de produção e onde não ha esforços poupados para a sua grandeza.

Nas vendas realisadas, verificava-se que a situação não era nada animadora, pois não se obtinham os preços tão correntemente encontrados naquelles mercados; porém, apezar dessa grave situação, merece especial attenção o grande interesse que existe pelo bom cruzamento, de que podemos dar um exemplo citando o Dr. Julio Moro, actual Presidente da benemerita Associação Rural do Uruguay e nosso grande amigo, que já tem visitado o Brasil com os seus excellentes productos, obtendo os melhores resultados, e que acaba de adquirir para sua "Cabaña" o campeão da Exposição Real da Inglaterra, pela "insignificante" somma de 60 mil pesos ouro e que em nossa moeda representam uns trescentos contos, approximadamente.

Que bello exemplo, Sr. Presidente para nossos criadores, que não tratam de adquirir reproductores de sangue puro destas raças tão importantes, do que tivemos uma triste prova na nossa ultima exposição de gado, onde os animaes zebús lograram preferencia de preço sobre os Herefords, Durham, Normando, e outras raças que deveriam occupar o primeiro lugar!

Não pretendo criticar nem julgar a opinião que estas raças podem ter os nossos criadores, primeiro, por falta de competencia, e segundo, por escarem estes senhores em melhor terreno, dada a sua experiencia; mas, após haver assistido e verificado o grande interesse que os criadores uruguayos dedicam ao melhoramento de suas já muito boas raças, sacrificando-se em adquirir reproductores por preços muito elevados e vendo depois a aceitação

dos seus productos em qualquer mercado, lamento, como brasileiro, e sabedor dos milhões de cabeças que possuímos, não estejam os nossos rebanhos cruzados com reproductores finos, permitindo-nos então uma produção que nos honrasse e que nos offerecesse probabilidades para melhor collocação nos mercados. Poderíamos então ser orgulhosos da nossa actividade, vendo os nossos productos poderem competir com qualquer desses paizes amigos.

No discurso inaugural, o Presidente da Associação Rural diz que, ao chegar áquella Instituição, aos 50 annos de sua fundação e no momento tão difficil que atravessa a pecuaria nacional, apezar de haver terminado a grande guerra e sobre vindo a normalização do consumo e do transporte maritimo, estava certo de que voltariam os mercados a dar preferencia e justa remuneração para as carnes melhores, o que, por sua vez, traria melhor recompensa para o produtor. Nessas condições, não se esqueceu de recommendar a precaução da possível abertura de novos mercados para as carnes inferiores que possam ser prejudicadas pela competencia de novos centros de produção, aconselhando a manutenção das fabricas de extractos de carne e saladeros, mesmo nesta baixa consideravel de preços; e termina dizendo que a Associação Rural nunca omitiu esforços para intensificar a mestiçagem dos gados e creê firmemente que os operarios dos campos, collocando-se na altura do momento, adquiririam reproductores finos para dar a infusão que os seus animaes requerem e que é absolutamente necessario melhorar por todos os modos os animaes inferiores, fixando os typos adiantados, aumentando as suas qualidades e começar quanto antes a obra patriótica de escolha e selecção, chegando a formar de um extremo a outro da Republica o typo ideal que os mercados consumidores exigem.

Não quero deixar despercebida tambem a presença de um grande criador da raça Hereford, Mr. William Smith que, sendo membro da Associação dos Criadores Hereford, da Inglaterra, disse que encontrou nos typos novos dos productos uruguayos e que se considera o "ideal" na Inglaterra, quer dizer o animal de perfeito aplomb, que possa resistir ao peso de um grande volume de carne, que é o typo de maior rendimento com o menor custo de alimentação, como tambem acha que para dar um franco impulso ao melhoramento desta raça seria necessario sacrificar todo o ordinario e continuar a evolução com elementos novos e que o momento actual é o mais favoravel para a compra de animaes de bom sangue, por preços relativamente baixos.

Ora, Sr. Presidente, depois destas palavras deixo aos Srs. criadores brasileiros o direito de me responderem. Não devemos, porém, deixar de cuidar do refinamento das nossas raças, dos problemas complementares das pastagens e dos transportes, pois sabemos que sem campos, e desprovidos dos meios necesarios ao perfeito escoamento da produção das fazendas, seria inutil possuímos reproductores caros das raças de eleição.

Antes de concluir estas breves impressões, conhecedor que sou da grande sympathia dos uruguayos por tudo que é brasileiro e havendo recebido as maiores demonstrações dessa amizade da parte das pessoas com quem tive a felicidade de tratar, e sendo portador de votos de franca cordialidade hypothecada pela Associação Rural do Uruguay á Sociedade Nacional de Agricultura, venho solicitar-vos relevação para a maneira simples pela qual me desobriguei do honroso encargo que me confiastes e agradecer-vos, penhorado, o agradável ensejo que me permitistes de poder, ainda mais uma vez, constatar a pureza dos sentimentos que nos unem aos operosos e progressistas irmãos do Prata.

Rio de Janeiro, 13 de Setembro de 1921. Isaac Elbas."

O segundo concurso de tractores agricolas promovido pelo Ministerio da Agricultura

Na grande cultura, a questão do tempo, principalmente no amanho do solo, constituiu-se em objecto permanente de estudos, que se têm tornado mais e mais intensos com os progressos effectuados pela mechanica applicada.

Nos Estados Unidos da America do Norte, com especialidade, onde ha areas enormes de terra entregues á cultura racional, reduzir o emprego da mão de obra e da tracção animal era problema que se impunha, nem só pelo que consentia com a indole do povo, apressurado sempre nos seus labores, — e a machina animal é lenta nos seus processos de realização de trabalho util, incompatível portanto, com as necessidades da vida moderna, — sinão tambem pelo que implicava uma consideravel economia de tempo, cujo valor monetario está em

o lavrador, tanto mais quanto em periodos de repouso, embora curtos, logo após a semeadura ou pouco antes da colheita, as alimarias tinham, do mesmo modo, que ser abrigadas e diariamente alimentadas e tratadas, sem compensação immediata.

Fazia-se mistér, pois, substituir a força muscular, a machina animada, — lenta, de duração incerta, de resistencia inferior, de conservação delicada sobre dispendiosa, e pouco efficiente, pela força motriz, a machina inanimada, mais rapida, de duração certa em circumstancias normaes, de resistencia maior, de conservação mais facil e modica, e de maior efficiencia, vantagens que compensariam bem uma aquisição mais onerosa.

Do appello feito á engenharia agraria, surgiu a lavoura mechanica.



O Dr. Simões Lopes, Ministro da Agricultura, explana ao Sr. Presidente da Republica sobre o trabalho dos tractores, por occasião da visita de S. Ex. ao local das provas do concurso. A' direita do Ministro, vê-se o Dr. Francisco Iglezias, Superintendente do Serviço de Sementeiras do M. da Agricultura

relação com determinados factores de solo, clima, cultura e mercado, variaveis de seu turno.

As operações culturais nos grandes tractos de terra exigiam a manutenção em actividade de muitos animaes de tracção, afim de que se não perdessem as épocas proprias de plantio e colheita, portanto as melhores oportunidades para uma boa produção, bem assim as condições favoraveis de mercado, oscillante com o volume dessa produção, além do maior aproveitamento da area cultivavel para o maior rendimento do capital fundiario permanente — o solo.

O custeio desses animaes com o seu tratamento racional, — abrigos, forragens, tratadores, etc., — de forma que estivessem aptos a fornecer a somma de energia requerida pelos trabalhos quotidianos do campo, era sempre um gravame para

Não é a supressão do braço, na propriedade agricola, que se visa com ella. E o temor que infunde nas populações ruraes, notadamente nos paizes de agricultura pouco civilizada, a falsa supposição de que a machina lhes venha tirar o pão, é perfeitamente injustificavel, porquanto, além de baratear-lhes a vida com a abundancia das messes, crea-lhes novas e mais remuneradoras possibilidades para o emprego dos seus talentos. A intervenção do operario é necessaria e della a machina não pôde prescindir.

Só setenta annos depois da descoberta de James Watt (1780-1850), é que a agricultura se aproveitou do concurso da machina a vapor.

Foi John Fowler quem primeiro a adoptou, de forma pratica, aos serviços da lavoura, seguindo-se-lhe Mac-Laren, Avery e outros.

A lavoura a vapor consistia, então, no emprego de duas locomotoras, collocadas uma ao lado da outra, movendo entre si um cabo de tracção alternada, que levava e trazia a charrua ao sulco. Havia uma grande economia de energia, por isso que os dois motores, sendo deslocaveis, permaneciam estacionados durante o trabalho das lavras, e toda a força se utilizava na charrua, movendo-se apenas, para transportal-a ás outras areas a revolver. Era a lavoura mechanica fixa, dupla, de tracção indirecta, alternada.

Mais tarde, uma das locomotoras era substituída pela *ancora automatica*, isto é, regularizavel pelo proprio operador ao motor, aparelho destinado a inverter a direcção do cabo de tracção. Este dispositivo appareceu, como um meio de reduzir o dispendio com a aquisição de duas locomotoras ao mesmo tempo.

Nesses systemas de lavoura a vapor, a profundidade da lavra variava de 0,25 a 0,75, e o seu

Innovaram-se, depois, as charruas polyfolias de balanço, — dois systemas de seis ferros, de face um para o outro, como dois braços fixos ao eixo de um jogo simples de rodas. Cavando de 0m, 15 a 0,30 de fundo, revolvem, de cada passio, uma superficie de 2m,15 de largura.

Com uma disposição semelhante, confeccionaram-se as charruas monofolias de balanço, com aivecas do typo combinado, proprias a rasgarem uma faixa de terra de 0m,60 de largura e 0m,50 a 0m,75 de fundura.

As charruas de disco, excusado dizel-o, acompanharam o evoluir da lavoura mechanica.

O estadio seguinte da tractocultura é representado pela creação do motor á gazolina.

Producto de distillação do petroleo, esse combustivel torna menos dispendiosa a alimentação do tractor. De custo mais accessivel que o carvão ou mesmo a lenha, dispensa o uso da agua para a producção de vapor, com o trabalho e dinheiro gas-



O tractor "Tilan" trabalhando com alcool

rendimento, em funcção dessa profundidade, ia de 1 1/2 e 8 hectares de terra diariamente, em 12 horas de trabalho.

O uso das locomotoras a vapor não se restringia somente ao amanho do solo: serviam ellas, egualmente, para a tracção de outros vehiculos, para a transmissão de movimento aapparelhos de beneficiamento das colheitas, etc.

Na terceira phase de evolução da mechanocultura, veio o tractor propriamente.

Era a locomotora, ou caminheira, sob forma de motor caminhante, puxando peças aratorias directamente atreladas.

Na tracção directa já se tornou preciso, afim de compensar a energia distrahida na locomoção do tractor, obter o maximo de aproveitamento do serviço da charrua. Atrelaram-se, então, successivamente, peças com 6, 10 e 14 ferros, arando faixas de terreno de, respectivamente, 2m,15, 3m,60 e 5m,05 de largura, com 0,25 a 0,30 de fundo, de cada vez.

tos na conducção desta, bem assim dos outros materiaes para o abastecimento constante da caldeira e da fornalha.

O tractor á gazolina presta-se, tão bem ou melhor, a todos os fins indicados para a locomotora a vapor.

E' claro que os tractores, por menor o seu comprimento, ligados ás peças de tracção, tornam-se mais ou menos incommodos no transito sobre areas occupadas por arvores proximas, nas adjacencias de cercas e outros vedamentos em terrenos de lavoura, deixando-os incompletamente trabalhos; mais difficeis de conservação e de manejo, sendo muito pesados.

Esses inconvenientes, os norte-americanos procuraram obviar grandemente ideando a auto-charrua, cujos elementos são: comprimento, 4m,27, largura, 2m,0; peso sem a peça aratoria, 3.100 kilos; percurso 3.500 a 6.000 metros por hora, segundo condições do aparelho e de lavoura. Póde atrelar-se-lhe uma charrua de 3 ferros, com aprofun-

damento de 0m,25 a 0m,30, rendendo de 4 a 8 hectares diários. O motor consome de 15 a 20 litros por hectare e é de 22 cavallos de força. Não

ferido, — o alto grão de adeantamento das indústrias e sub-indústrias siderúrgicas e metalúrgicas, a homogeneidade física e estrutural me-



O tractor "Internacional" roteando um terreno de um alto com arado de disco

requer mais que um operador, que pode manobrar o motor e a charrua ao mesmo tempo.

Em summa: na evolução dos motores, assignalam-se as phases de vapor, gaz, petroleo, alcool e electricidade.

chanica do solo, permitindo maior extensão na uniformidade dos apparatus aratorios, sem falar no factor principal — a instrucção agricola moderna das populações ruraes.

Mas, no Brasil o meio agrario, social e material,



O tractor "W. D.", systema tank

Nos Estados Unidos, foi relativamente facil a adopção e generalização da tractocultura, dado o custo barato do combustivel, — a gazolina é o pre-

é bem diferente e de alguma sorte desfavoravel, presentemente pelo menos, á percussão das conquistas da civilização. Paiz de industria agricola

iniciante, de supino analfabetismo profissional, que não comprehende ainda a necessidade e os beneficios do emprego das machinas mais elemen-

podem influir os productos de exportação em grande volume; riqueza particular e collectiva nacional, maior amor e atracção pelo campo, alegria, pros-



O tractor "Fórdson" ao lado do terreno por elle preparado

tares de exploração dos domínios ruraes, não está na altura de apreciar devidamente o concurso admiravel do tractor na produção do solo.

peridade, progresso, supremacia internacional do dinheiro e da força.

E' o tractor que, na França, esta restaurando



O tractor "Twin City" em pleno funcionamento

Com o advento da tractocultura nos Estados Unidos, veiu-lhes a maior fartura das colheitas, e todo o seu cortejo de boas consequencias: barateamento da vida no paiz, e no estrangeiro pelo que

as regiões devastadas pela guerra, calcando a miséria sob suas rodas e trazendo a bonança na charrua que elle tira.

A introduccão dos tractores agricolas entre nós,

é um assumpto que precisa ser versado com a maior attenção, delicadeza e carinho. Primeiro, porque não os construímos; si o fizéssemos seria, naturalmente, em accordo com a topographia e a natureza physica e mechanica do nosso solo, tomados em caracter regional, ou medio. As machinas que por aqui surgem são confeccionadas no estrangeiro, quasi sempre attendendo ás necessidades agricolas do paiz de procedencia; a sua adaptacão ás nossas condições existentes já constitue, portanto, um problema a resolver-se por meio de repetidos experiencias e estudos.

Esse problema se complica, ainda, com a questão do material combustivel, mais facil, pecunariamente, de obter-se no nosso paiz, sendo, entretanto, um dever de patriotismo fazermos uso do producto nacional, embora um pouco mais oneroso que o estrangeiro. E' o caso da gazolina. Só a poderemos ter, quando explorarmos as nossas jazidas petroliferas. Devemos, por isso, ensaiar, por emquanto, com o alcool, de fonte brasileira.

Quando captarmos as nossas numerosas e im-

ctores, individualmente, quer das peças roteatorias, deveriam ser aproveitadas nas modificações especiaes, para o Brasil, a introduzirem-se nos instrumentos pelos seus fabricantes.

Por ultimo, devido ao nosso meio rural um tanto refractario aos modernismos da agronomia scientifica, as demonstrações de trabalho dos tractores deveriam ser repetidas, frequentemente, nas zonas agricolas mais populosas do paiz, e procurando obter-se, nas mesmas, a presença do maior numero possivel de agricultores.

E' esse um dos meios de convertel-os, deante da verdade, de tornar crentes os incredulos, fazendo-os mais uteis á sua Patria.

E' esse programma, justamente, que se traçou e se propõe executar fielmente, — e quanto é grato annuncial-o, — a Superintendencia do Serviço de Sementeiras, do Ministerio da Agricultura, uma das recentes e felizes creações do operoso ministro Sr. Simões Lopes.

Unindo incontinente o acto á palavra, a Superintendencia realizou, o anno passado, nesta ca-



O tractor "W. D." grande em demonstracão

portantes quedas d'agua, que accumulam invejáveis thesouros, de modo que a energia transformada seja á mão em qualquer recanto do Brasil, teremos, então, a tractocultura electrica por um custo insignificante, conforme está demonstrado nos Estados Unidos, onde já é praticada, embora em pequena escala.

No nosso estudo tractológico, precisamos attender, em segundo lugar, á efficiencia do trabalho aratorio. O nosso solo é, talvez no mundo inteiro, o mais variado sob o ponto de vista agrológico: dois talhões de terra contiguos apresentam, muitas vezes, constituição e propriedades physicas e mechanicas diferentes. Ora, toda a ferramenta agricola usada no Brasil é importada de fóra; logo, são outras tantas pesquisas técnicas a realizarem-se aqui.

E as conclusões desses estudos, quer dos tra-

pital, o primeiro concurso de tractores agricolas.

Animada pelo bom exito alcançado na primeira tentativa, a Superintendencia do Serviço de Sementeiras acaba de effectuar, com resultados satisfactorios, o segundo concurso de tractores, que interessou vivamente aos representantes dessas machinas, nesta capital e em S. Paulo.

Como no anno passado, as provas do segundo concurso tiveram logar na Fazenda Federal de Santa Cruz, durante cinco dias, isto é, de 3 a 7 de outubro.

A ellas, esteve presente um grande numero de pessoas interessadas, entre agricultores, industriaes, technicos, funcionarios do Ministerio da Agricultura, representantes das classes conservadoras, e muitos outros.

Por determinacão do Exmo. Sr. ministro da Agricultura, funcionou a mesma commissão jul-

gadora do primeiro concurso, accrescida, apenas, dos Srs. Hermes Lima, Léo Esteve e Nuno do Amaral.

Compunha-se essa commissão dos Srs. Drs. Francisco de Assis Iglezias, Superintendente do Serviço de Sementeiras; Arthur Torres Filho, Director do Serviço de Inspeção e Fomento Agrícolas; Ernesto da Fonseca Costa, Director da Estação Experimental de Combustíveis; Arthur Prado, Professor da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinaria, e Alvaro Simões Lopes, do Gabinete do Sr. Ministro da Agricultura.

Osapparehos inscriptos, foram em numero de oito, das seguintes marcas:

Titan, da International Harvester Company of America, de Chicago, representada por Hasenclever & Cia.; *Titan*, movido a alcool, da mesma Companhia, idem, idem; *W. D.*, systema Catterpillar e *W. D.*, systema rigido, inscriptos por M. Hilpert & Cia.; *Fordson*, da The Ford Motor Company; *International*, da International Harvester Company of America, Inc., representada por Bettcher & Cia.; *Twin City*, inscripto por Herm Stoltz & Cia.; *Dubois*, inscripto pela Companhia Brasileira Comercio e Industria. Desses apparehos, apenas o ultimo deixou de concorrer ás provas do concurso.

Cada tractor submetido ás experiencias constantes das instrucções publicadas, opportunamente, no *Diario Official*, foi acompanhado, no correr das mesmas, por dois fiscaes, sorteados sob as vistas dos representantes das respectivas fabricas, recabindo o sorteio nos nomes dos diversos alumnos da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinaria, para isso convidados, os quaes desempenharam com muita efficiencia a tarefa que lhes foi committida.

Nas vespas do concurso, foi designado o director do Campo de Sementes de Deodoro, agronomo Luiz de Moura Brasil, para dividir e demarcar em lotes regulares, de 3 hectares cada um, os terrenos destinados ás provas. Essa demarcação, que obedeceu ao mesmo criterio seguido no anno passado, visou uniformizar o mais possivel o terreno correspondente a cada lote, que por sua vez foi estaqueado com bandeirolas, de modo a tornar perfeitamente distincto o campo de acção reservado a cada concorrente.

Os referidos lotes foram distribuidos ao respectivos concorrentes por meio de sorteio, evitando-se assim duvidas, ou preferencias favoraveis a quem quer que fosse. O criterio do sorteio se impunha tanto mais quanto os alludidos terrenos, sendo mais ou menos uniformes, eram, comtudo, cobertos de vegetações rasteiras diversas, facto esse que foi considerado no julgamento.

As provas que, conforme dissemos acima, se prolongaram por cinco dias, correram normalmente sendo obedecido á seguinte escala:

1º dia — Prova de aração. Essa prova foi realizada pelos diversos concorrentes com arados de aiveca e de discos, contrariamente ao que aconselhava a desigualdade de vegetação a que alludimos noutra parte, que seria o emprego de uma ou outra machina, segundo o criterio dos juizes, tudo convenientemente annotado, afim de se conseguir tanto quanto possivel a uniformidade do trabalho feito.

2º dia — Repetição da prova do dia anterior, afim de se conseguir maior numero de horas de trabalho observadas, permitindo conclusões mais

positivas e, portanto, um julgamento o mais approximado da verdade, quer sob o ponto de vista agricola, quer sob o ponto de vista do esforço dispendido.

3º dia — Inversão do trabalho realizado com arado de aiveca e de disco, isto é, as machinas que na vespera tinham trabalhado maior numero de horas com arados de disco passaram a trabalhar com arado de aiveca e vice-versa.

4º dia — Trabalho de cruzamento do terreno arado. Essa prova foi levada a effeito, apenas, para se tomar em consideração o comportamento do tractor, agindo sobre o terreno já arado, tal como si realizasse trabalhos complementares em terras por elle mesmo revolvidas.

5º e ultimo dia — Continuação da prova anterior, visto ter sido a mesma interrompida, por vezes, na vespera, em consequencia das chuvas constantes.

Além dessa prova, foram feitos ensaios para o julgamento da força na polia. Alguns tractores, como por exemplo, o *Titan*, tendo experimentado na vespera o alcool como materia combustivel, com o fim de ser comparado o seu trabalho com o trabalho de identico appareho gastando gazolina, continuaram essas experiencias, afim de que fosse apurado o rendimento exacto do serviço feito com o emprego de um e outro dos citados combustivéis. Outros apparehos, como o *Fordson*, ensaiaram o preparo de estradas de rodagem e outros melhoramentos ruraes, com machinas adequadas.

Todas as phases do concurso foram convenientemente documentadas, seja por meio de *films* e *photographias*, seja pelas diversas notas tomadas pelos juizes, tudo devidamente authenticado pelos respectivos concorrentes.

Alguns concorrentes, como os agentes do *Fordson*, tiveram a feliz iniciativa de expôr, no local do concurso, peças sobresalentes de suas machinas e apparehos adaptaveis, bem como de facilitar aos interessados o manejo das citadas machinas, pratica, aliás, permittida por todos os concorrentes.

Além do Exmo. Sr. Dr. Simões Lopes, ministro da Agricultura, que demonstrou o seu grande interesse pelo assumpto com as repetidas visitas que S. Ex. fez ao local das provas, é digna de registro a presença, no mesmo, do Exmo. Sr. Dr. Epitacio Pessoa, presidente da Republica, que foi especialmente a Santa Cruz assistir ás ultimas provas do concurso, com felicidade instituido pelo Serviço de Sementeiras. O chefe do Estado teve occasião de ver o trabalho executado pelos diversos apparehos postos em prova, ouvindo os detalhados informes que sobre os mesmos forneceu a S. Ex. o Dr. Francisco Iglezias, Superintendente do Serviço.

Em companhia do Sr. ministro da Agricultura, esteve, tambem, em Santa Cruz o Sr. Dr. Miguel Calmon, deputado federal e presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.

Na comitiva do chefe de Estado, foi o senador Justo Chermont, relator do orçamento da Agricultura no Senado Federal.

Foi excellentemente a impressão trazida de Santa Cruz, nem só pelo Sr. presidente da Republica, sinão tambem pelos demais visitantes.

O concurso contou, ainda, com a presença dos Srs. Antonio Estacio de Faria, representante dos tractores "International", typo 816 H. P.; H.

TRACTOR "TITAN" A ALCOOL

PREÇO: 8:500\$000

	Arado de 3 aivecas	Arado de discos	Cruzamento da lavra	OBSERVAÇÕES
Tempo de trabalho.....	5h. 41'	Este tractor só começou a trabalhar nas ultimas horas do 3º dia do concurso, porque o alcool não chegou com o devido tempo, motivo pelo qual só trabalhou com o arado de aiveca para, ao menos, fornecer dados seguros nessa prova. Sendo a prova de aiveca a mais importante sob o ponto de vista agrícola, os dados fornecidos pelo "Titan", a alcool, são suficientes para se formar um bom juizo quanto á sua eficiencia.
Tempo gasto em reparações desde a partida.....	—	
Gazolina consumida.....	1 l.	
Alcool consumido.....	96 l.	
Óleo consumido.....	5.75 l.	
Água consumida.....	Duas vezes	
Trabalho.....	0.18 a 0.20 c.	
{ Profundidade	0.38 c.	
{ Largura.....	19.581m ²	
{ Superficie.....	

TRACTOR "FORDSON"

PREÇO: 6:800\$000

	Arado de 2 aivecas	Arado de 2 discos	Cruzamento da lavra	OBSERVAÇÕES
Tempo de trabalho.....	8h. 36'	4h. 12'	3h.	A alimentação de agua se fez apenas uma vez. O factor a se tomar em consideração é o numero de vezes que o motor exige a re- novação: esta é aliás, uma observação que se applica a todos os tractores.
Tempo gasto em reparações desde a partida.....	0h. 30'	0h. 42'	0 h. 22'	
Gazolina consumida.....	2 l. ½	0 l. 50	18 l.	
Kerozene consumido.....	58 l. 50	29 l. 50	1 l.	
Óleo consumido.....	2 l.	1 l.	37 l.	
Água consumida.....	30 l.	Uma vez	12 a 17 c/m.	
Trabalho.....	15 a 17 c/m.	13 a 15 c/m.	—	
{ Profundidade	30 a 32 c/m.	30 a 32 c/m.	8.570 c m.²	
{ Superficie.....	20.281m ²	6.520m ²	
{ Largura.....	

TRACTOR "INTERNACIONAL"

PREÇO: 9:000\$000

	Arado de 2 aivecas	Arado de 3 discos	Cruzamento da lavra	OBSERVAÇÕES
Tempo de trabalho.....	4h. 35'	9h. 13'	2h. 50'
Tempo gasto em reparações desde a partida.....	0h. 45'	0h. 26'
	—	—
Gazolina consumida.....	2 l.	3 l. 50	1 l. 50
Kerozene consumido.....	47 l.	83 l.	29 l.
Óleo consumido.....	1 l.	2 l.	1 l.
Água consumida.....	Uma vez	Uma vez	—
Trabalho.....	16 a 18 c/m.	16 a 19 c/m.	12 a 19 c/m.
	36 c/m.	36 c/m.	36 c/m.
	11.687 ^{m²}	19.952 ^{m²}	18.800 ^{m²}

TRACTOR "TITAN" A KEROZENE

PREÇO: 8:500\$000

	Arado de 3 aivecas	Arado de 4 discos	Cruzamento da lavra	OBSERVAÇÕES
Tempo de trabalho.....	3h. 54'	7h. 40'	2h. 50'
Tempo gasto em reparações desde a partida.....	—
	—
Gazolina consumida.....	1 l. 25	1 l. 50	Este tractor tem a vantagem de supprimir o radiador, peça sempre delicada e de reparação, ás vezes, difficil. Ao contrario, o consumo de agua é consideravel, o que pôde, em certos casos, tornar-se um inconveniente.
Kerozene consumido.....	38 l.	73 l.	29 l.
Óleo consumido.....	4 l. 50	6 l.	3 l.
Água consumida.....	Duas vezes	Duas vezes	Uma vez
Trabalho.....	16 a 18 c/m.	16 a 18 c/m.	15 a 18 c/m.
	35 c/m.	28 c/m.
	16.302 ^{m²}	25.691 ^{m²}	(*)

(*) A superficie lavrada não foi medida, visto que esta prova só tinha por objecto saber o comportamento do tractor em terra arada.

TRACTOR "TWIN CITY"

PREÇO: 13.000\$000

	Arado de 3 atreças	Arado de 1 discos	Cruzamento da lavra	OBSERVAÇÕES
Tempo de trabalho.....	7h. 30'	7h. 33'	Este tractor deixou um tanto a descajar neste curso pelo facto de ter sido montado ás pressas, segundo as declarações do mecânico.
Tempo gasto em reparações desde a partida.....	Arado..... Tractor.....	0h. 30'	—	
Gazolina consumida.....	1h. 04'	2h. 03'	
Kerozene consumido.....	7 l.	7 l.	
Óleo consumido.....	71 l. 50	59 l. 5	
Água consumida.....	0 l. 50	0 l. 50	
Trabalho.....	Produtividade..... Largura..... Superficie.....	18 a 20 c/m. 30 c/m. 12.381m ²	18 a 20 c/m. 30 c/m. 7.210m ²	

TRACTOR "W. D." GRANDE

PREÇO: 23.000\$073

	Arado de 1 atreças	Arado de discos	Cruzamento da lavra	OBSERVAÇÕES
Tempo de trabalho.....	6 h.	4h. 52'	Os arados que esse tractor usou não são muito proprios ás nossas terras, motivo pelo qual foi muito prejudicado.
Tempo gasto em reparações desde a partida.....	Arado..... Tractor.....	0h. 10'	
Gazolina consumida.....	80 l. 50	60 l.	
Kerozene consumido.....	1 l. 50	
Óleo consumido.....	3 l. 50	1.50 l.	Este tractor não ponde tomar parte em toctis as provas porque o seu mecanismo adoeceu.
Água consumida.....	Uma vez	Uma vez	
Trabalho.....	Profundidade..... Largura..... Superficie.....	17 a 18 c/m. 30 c/m. 15.366m ²	17 a 18 c/m. 30 c/m. —	

RESULTADOS COMPARATIVOS DO CUSTO E TRABALHOS PRODUZIDOS PELOS DIVERSOS TRACTORES COM ARADO DE "AIVECAS"

MARCA DO TRACTOR	COMBUSTIVEIS, ETC.		DESPEZAS POR HORA DE TRABALHO			TEMPO E DESPEZA POR HECTARE DE TERRA ARADA		OBSERVAÇÕES
	Nome	Preço de unidade	Consumo Litros	Preço	Total	Tempo Horas	Despezas	
FORDSON	Kerozene	\$580	6.80	\$3944	<u>48377</u>	4.12	188380	O salario do mechanico foi calculado á razão de \$8000 diarios para todos os concorrentes. Dia de 8 horas.
	Gazolina	\$700	0.29	\$203				
	Óleo	\$8000	0.23	\$230				
							228580	
TITAN	Alcool	\$300	17.265	\$5180	<u>68180</u>	2.51	178613	O preço de 200 réis para o litro do alcool é uma estimativa de accordo com os dados da Junta dos Corretores da praça do Rio. O hectare custará 198156, adoptando para o alcool 220 réis o litro, cotação na praça do Rio, na semana do concurso.
	Óleo	\$8000	1.00	\$8000				
							208163	
TITAN	Kerozene	\$580	9.74	\$5649	<u>68927</u>	2.18	158922	Este tractor não poude tomar parte em todas as provas porque o seu mechanico adoeceu.
	Gazolina	\$700	0.164	\$124				
	Óleo	\$8000	1.15	\$150				
							188222	
W. D. TANK	Gazolina	\$700	6.295	\$4406	<u>48570</u>	9.12	428044	Este tractor não poude tomar parte em todas as provas porque o seu mechanico adoeceu.
	Óleo	\$8000	0.164	\$164				
							98200	
W. D. GRANDE	Gazolina	\$700	13.41	\$9387	<u>98967</u>	3.54	388871	Este tractor não poude tomar parte em todas as provas porque o seu mechanico adoeceu.
	Óleo	\$8000	0.58	\$580				
							38900	
							428771	
INTERNACIONAL	Kerozene	\$580	10.21	\$5922	<u>68443</u>	3.36	238195	Este tractor não poude tomar parte em todas as provas porque o seu mechanico adoeceu.
	Óleo	\$8000	0.217	\$217				
	Gazolina	\$700	0.434	\$304				
							38600	
							268795	

RESULTADOS COMPARATIVOS DO CUSTO E TRABALHOS PRODUZIDOS PELOS DIVERSOS TRACTORES COM ARADO DE "DISCOS"

MARCA DO TRACTOR	COMBUSTIVEIS, ETC.			DESPEZAS POR HORA DE TRABALHO			TEMPO E DESPEZA POR HECTARE DE TERRA ARADA			OBSERVAÇÕES
	Nome	Preço de unidade	Consumo Litras	Preço	Total	Tempo Horas	Despezas			
FORDSON	Kerozene	\$580	5.395	\$3245	48061	6.27	Salario.. 268193	O salario do mecanico foi calculado á razão de 88900 diarios para todos os concorrentes. Dia de 8 horas.		
	Gazolina	\$700	0.48	\$336						
	Oleo	18000	0.48	\$480						
TTAN	Kerozene	\$580	9.70	\$5626	68530	2.54	Salario.. 188937			
	Gazolina	\$700	0.164	\$124						
	Oleo	18000	0.78	\$780						
TWIN CITY	Kerozene	\$580	9.47	\$5492	68458	6.04	Salario.. 398200			
	Gazolina	\$700	0.685	\$466						
	Oleo	18000	0.5	\$800						
W. D. TANK	Gazolina	\$700	7.91	\$5558	58938	8.18	Salario.. 498285	O trabalho realizado com esse tractor ficou prejudicado por se ter quebrado o arado, durante a prova.		
	Oleo	18000	0.38	\$880						
INTERNACIONAL	Kerozene	\$580	9.02	\$5230	58576	4.36	Salario.. 258650			
	Oleo	18000	0.10	\$100						
	Gazolina	\$700	0.38	\$246						

A organização commercial dos productores riograndenses

A estas horas, está já sendo subscripto o capital com que funcionará no Rio Grande do Sul a Sociedade Mercantil Agro-Pastoril Rio Grandense Limitada, incorporada por iniciativa do Dr. Jacintho Luiz Gómes.

Trata-se de uma iniciativa felicissima, que consta do seguinte projecto, organizado por esse infatigavel batalhador da prosperidade gaúcha, e que elle submettu a grande numero de agricultores e criadores, representantes de quasi todos os municípios e associações rurales riograndenses, por occasião das exposições de Porto Alegre e Bagé, em Setembro e Outubro do anno passado:

"Não é meu intuito — diz o autor — tratar dos importantes assumptos que constituem os programas das diferentes Associações Rurales do Estado; não pretendo me occupar do ensino agrícola, da defeza sanitaria, do código rural, do registro genealogico e outras momentosas questões intimamente ligadas ao desenvolvimento da nossa pecuaria e da nossa agricultura.

O meu intuito é outro. E' despertar entre vós a discussão da necessidade da união commercial das classes agrícola e pastoril e dos meios de bem organizal-a.

Todos nós, criadores e agricultores, trabalhamos e despendemos isoladamente procurando attingir sozinhos os nossos pontos de vista. Não reparamos que ao nosso lado outros procuram o mesmo ponto de vista, fazendo os mesmo gastos de intelligencia e de dinheiro; chegados ao fim da nossa tarefa annual, cada um de nós procura collocar o seu producto sem dependencia do vizinho e na ignorancia deste, e entregamos este producto ao comprador sem nenhum conhecimento da sua situação nos mercados. Quer dizer que, para comprarmos o que precisamos e para vendermos o que produzimos, estamos fóra da verdadeira e moderna orientação das clases, especialmente as produtoras de cada paiz.

A recente guerra tornou mais viva a lucta pela existencia, e mais intensa a pressão dos paizes mais velhos, e por assim dizer capitalistas, sobre os paizes mais novos, onde a riqueza ainda não está accumulada, mas onde os productos da terra, especialmente de alimentação, são abundantes. *Aquelles procuram valorizar a sua moeda, desvalorizando a produção destes.* A nossa obrigação é, portanto, defender o nosso producto contra os ataques á sua valorização feitos pelo estrangeiro que delle precisa. Devemos crear um justo entendimento entre productores e compradores que garantam os justos lucros para cada parte, e evitar na medida do possível a tyrannia de uns sobre os outros.

Resumindo os meus intuitos, desejo despertar entre vós a idéa da criação duma sociedade commercial com aspectos cooperativistas, que nos levaria ao fim de alguns annos a attingir a realização do ideal expresso na phrase de um creador argentino, o Sr. Gomez: "Ao comprador unico anteponha-se o vendedor unico".

O meu fim é, pois, propor-vos a fundação d'uma sociedade mercantil que tem por objectivo praticar todas as operações commerciaes que se relacionam com a pecuaria e agricultura.

Essa sociedade teria um programma que, *começando simples*, se tornaria cada vez mais complexo á medida que sua administração fosse conquistando a confiança dos accionistas, criadores e agricultores, e que estes fossem comprehenden-

do que reciprocamente o seu empenho em valorizar a sociedade lhes augmenta o resultado do proprio trabalho.

Assim, esta sociedade teria no seu primeiro periodo *unicamente por objectivo a criação de um bureau de informações, propaganda, etc.*, conforme vae explicado no fim desta exposição.

No segundo periodo se trataria da criação de um estabelecimento especial para o preparo das lãs e do couro para exportação e consumo no paiz, costume e fição, e da centralização desses productos e outros em armazens geraes com a criação de "Warrants".

O terceiro periodo seria o da criação do Banco Rural.

Esse Banco reuniria em si, ampliando-os, todos os serviços existentes e crearia novos. E' o nosso objectivo ultimo, a nossa grande aspiração, e como não póde ser feito só com palavras e desejos, temos que preparar as suas bases. Essas são os actos do primeiro e segundo periodos que são preparativos do terceiro. *Esse Banco será o comprador unico e o unico vendedor.* Elle será a maior e mais efficaz prova da cooperação da classe e a garantia da sua força e do seu bem estar.

Não sou um competente, sou um convencido; apresentando este projecto, estou certo da sua oportunidade, pois é urgente amparar o productor e defender o producto.

Apresento o projecto, porque é tempo de começar a ensaiar os meios de proteger a carne, a lã, o couro, os laticinios e as gorduras, para não falar senão nos productos de origem animal, e sobre elle os profissionaes aqui presentes podem externar opinião, porque todos têm competencia.

Repito: não desejo neste momento provocar a criação de um banco. Atrevo-me, porque da sua necessidade estou convencido, *a provocar a criação apenas dos serviços que constituem o primeiro periodo de que já fui acima como precursores da criação do banco.*

A sociedade seria em resumo uma sociedade anonyma por acções, com o capital inicial de dois mil contos, com chamadas semestraes de 10%, resolvidas sempre pela Directoria, Conselho Fiscal e um Conselho Economico Especial.

A sua organização será resolvida por vós — a sua oportunidade, porém, me parece apontada pela necessidade de *associar e amparar o productor, uniformizar o producto, unificar o vendedor.*

O Escriptorio Commercial, *primeiro objectivo da sociedade*, seria organizado com um pessoal da maior competencia e idoneidade, dispondo de:

Um tecnico commerciante,

Um tecnico mechanico,

Um tecnico industrial (industria de productos animaes e vegetaes).

O fim desse bureau seria ensaiar a vida em comum de todos os productores, mostrando-lhes as vantagens do esforço collectivo — estabelecendo o conhecimento e as relações entre todos — descobrindo as aptidões onde ellas estivessem e criando a confiança que seria o cimento dos futuros empreendimentos e da grandeza dos productores e, portanto, do Rio Grande.

Para isso, o bureau se encarregaria:

a) — de colleccionar, registrando-as e catalogando-as, as descrições de todas as propriedades do Rio Grande, fornecidas pelos seus proprietarios, com a indicação de todas as suas aptidões, extensão, utilização presente, etc., de modo a ficar o

escriptorio habilitado a prestar em qualquer momento e a qualquer interessado as informações necessárias para uma transacção ou um empreendimento.

b) — receber de todas as partes do mundo, directamente ou por via official, informações dos mercados dos productos que nos interessam e fornecer mensalmente um boletim com todos os dados que devem interessar aos produtores, com apreciações e conselhos praticos.

c) — fazer uma estatística cada vez mais perfeita do gado de cria e do gado invernoado, de modo que se possa ter sempre uma base segura não só para o preço do gado de desfrute, como para o calculo de transformação e valorização dos rebanhos. Mesma coisa em relação a todos os productos, não só de origem animal, como vegetal, etc.

d) — estudar, por intermedio dos seus technicos, sempre com o objectivo de bem orientar o producer, a organização da empresa de seguros para animaes — da empresa de beneficiamento de couros e lãs, dos depositos e warralagem dos productos — e da organização das caixas rurales, cujo funcionamento facilitará em momento opportuno a fundação do Banco Rural.

e) — facilitar ao estancieiro todas as installações que desejar em sua estancia, sempre por intermedio dos seus technicos, que irão ás estancias estudar condições locais, fazer orçamentos, etc.

f) — organizar compras em commum, como as de arame, etc.

g) — fazer-se intermediario entre os estancieiros e os grandes Bancos, as grandes casas commerciaes e importadoras.

h) — enfim, praticar todos os actos commerciaes que facilitem ao estancieiro a sua vida de trabalho, produzindo o maximo resultado com o menor esforço."

Enviado este projecto á Sociedade Nacional de Agricultura, foi nomeada uma commissão para dar

parecer, concluindo ella por applaudir e encarecer a idéa propugnada pelo Dr. Jacintho Luiz Gomes. Como dissemos, o parecer foi, a seu turno, unanimemente approvedo pela Directoria da Sociedade, cujo presidente, Dr. Miguel Calmon, dirigiu ao auctor o seguinte officio:

"Rio de Janeiro, 30 de junho de 1921. — Exmo. Sr. Dr. Jacintho Gomes, Porto Alegre. — Temos o prazer de transmittir a V. Ex., com as nossas vivas congratulações, a cópia do parecer da commissão nomeada por esta Sociedade para estudar o projecto que V. Ex. se dignou submeter á nossa apreciação.

Ao communicarmos a V. Ex. que o referido parecer foi unanimemente approvedo por esta Directoria, empre-nos declarar-lhe que a Sociedade Nacional de Agricultura está certa de que o problema que se põe para o Rio Grande do Sul é semelhante ao que se verifica nos demais Estados em relação aos principaes generes de sua produção, sendo, na maioria das vezes, como V. Ex. bem assignala, a desvalorização dos productos nacionaes causada pela existencia de multiplos vendedores, sem accordo entre si, em face de poucos compradores, quasi sempre combinados.

Estamos, entretanto, convencidos de que, para certos casos, teremos que estabelecer accórdos entre produtores de varios Estados, e a Sociedade Nacional de Agricultura sentir-se-á ufana de promover a realização dos mesmos, como já teve, aliás, oportunidade de fazer por occasião da ultima conferencia assucateira.

Formulando os mais ardentes votos para que, em cada Estado, as classes productoras estudem, com sincero espirito de união, o importante problema, apresentamos a V. Ex. os nossos protestos de cordial estima e elevada consideração. — (assignado) M. Calmon, Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura."

Os couros brasileiros nos Estados-Unidos

Uma salutar advertencia ao governo e aos productores

O Dr. Helio Lobo, que, como consul geral do Brasil em Nova York, tem, innegavelmente, o alto senso das nossas conveniências economicas, remetteu ultimamente ao Ministerio das Relações Exteriores um importante memorandum, que, a seu pedido, lhe apresentou a Pan American Hide Co. daquela cidade, e que achamos do maior interesse transplantar para as nossas columnas, na traducção portugueza:

"O Brasil, paiz onde a industria pastoril tem sempre progredido, é hoje um dos campos mais importantes para a criação e matança de gado.

O producto aproveitavel mais importante que fica da matança do gado, é o couro.

Os couros dividem-se em tres classes:

Salgados verdes — Salgados seccos — Seccos espichados.

Os couros salgados verdes são preparados nos frigorificos, matadouros, xarqueadas e campos.

Quanto ao manejo, tiragem, preparo e salgadura dos couros, o trabalho dos frigorificos é dentre todos o melhor; de facto, esta classe de couros é quasi igual aos couros de frigorificos da Argentina, os quaes são considerados como os mais bem cuidados do mundo.

Os couros de matadouros não são geralmen-

te bem tirados, nem cuidados como devem. A razão principal é que todos os matadouros no Brasil estão sob a direcção municipal e, por essa razão, os marchantes não se importam de cortar o couro como convem; o que não fariam, se se tratasse de firmas particulares.

Por exemplo: os couros vindos do matadouro do Rio de Janeiro são conhecidos como tendo mais cortes e marcas de faca, do que quaesquer outros couros vindos de cidades importantes de outros paizes.

Esses cortes no couro o desvalorizam muito, como bem se pôde imaginar, e essa falta poderia ser eliminada em grande parte pelo treinamento dos operarios que fazem esse trabalho, e por um systema de multas sobre obra imperfeita e premios á perfeita.

E' um facto bem conhecido que os couros tirados em outros matadouros no Brasil, taes como S. Paulo, Bahia, Pernambuco, Curitiba, Porto Alegre, etc., são mais bem cuidados do que os couros do Rio de Janeiro, embora melhoramentos consideraveis se pudessem fazer nessas localidades, não sómente quanto a remocão, mas tambem quanto ao preparo.

Os couros de xarqueada variam muito. Em al-

guns dos estabelecimentos, principalmente no Estado do Rio Grande do Sul, os couros são perfeitamente tirados, bem curados e salgados com sal limpo e essas xarqueadas obtêm bons preços para seus productos. Entretanto, algumas das xarqueadas, particularmente nos Estados de Minas Geraes e Rio de Janeiro, produzem couros muito mal tirados, os quaes, em alguns casos, nem igualam os couros de matadouro.

Os couros de campos não offerecem grande importancia: as quantidades são pequenas e elles são geralmente comprados pelos curtidores locais.

Os couros salgados brasileiros são tão abundantes, que a industria brasileira de cortume, a qual se vae desenvolvendo gradativamente, pôde usar uma pequena percentagem apenas da produção. Portanto, o Brasil deve exportar o excesso de seus couros e, assim fazendo, deve enfrentar a concorrência de outros países exportadores, taes como Argentina, Uruguay, Paraguay, etc.

Neste ponto, o Brasil soffre grandes desvantagens, não sómente devido ao facto de que seus matadouros e algumas de suas xarqueadas são mal montados, como ainda mais, por causa de defeitos muito serios na parte externa e interna do couro. No Brasil, mais do que em outro qualquer país, o gado soffre dos ataques de insectos que causam damno mais ou menos grave ao couro. Os productos do Brasil geralmente trazem marcas de carrapatos. Essas marcas deixam seus signaes na parte lisa dos couros e reduzem o seu valor.

Nos Estados do Rio de Janeiro, Minas Geraes, S. Paulo, Goyaz, Matto Grosso, tambem em parte dos Estados da Bahia, Espirito Santo e Paraná, o gado soffre grandemente com o berne, que damifica muito os couros. Esse insecto põe seus ovos geralmente nas costas do animal, desenvolvendo-se ahi em vermes. Esses vermes atravessam os couros, deixando buracos, algumas vezes ás duzias, e em outros casos infeccionam o couro, de modo que grandes protuberancias se formam nas costas do animal. Essas protuberancias são duras e aquella parte do couro por ellas attingida não pôde ser devidamente curtida, occasionando assim grande defeito.

Devido a isto os couros bichados perdem consideravelmente o valor. Não é de mais recomendar ao governo brasileiro que tome serias providencias, afim de procurar combater esses insectos, certo de que a valorização dos couros e tambem da carne pagaria com lucro, em curto tempo, as despesas e esforços empregados na eliminação de taes inconvenientes.

Os couros salgados verdes e secos espichados não são tão abundantes no Brasil, como os salgados verdes.

A maior produção delles vem dos Estados do Rio Grande do Sul, Matto Grosso, Goyaz, Minas Geraes, Bahia; tambem uma quantidade limitada procede dos Estados de Norte: Ceará, Rio Grande do Norte e Pará. Os couros brasileiros secos espichados e salgados secos têm boa procura nos Estados estrangeiros, porque são geralmente bem cuidados e secos; os principaes defeitos são as marcas; e a não ser que os couros sejam bem envenenados, tornam-se verdadeiros ninhos de vermes. Os que extrahem esses couros no interior do Brasil têm observado que é de vantagem o envenenamen o e, devido a isso, couros estragados não são tão abundantes hoje, como nos annos anteriores.

O Brasil, com seus vastos e ferteis pastos, está em condições de ser o país mais importante do mundo na industria pastoril, mas, antes de o ser, ha muita coisa a fazer, não sómente na melhoria da raça do gado, mas tambem no sentido de acabar por completo com a praga dos insectos, tão commum hoje e que tanto estrago fazem.

Antes da guerra, os couros salgados brasileiros eram exportados principalmente para a Europa, mas, durante a guerra, uma grande quantidade de couros foi comprada pelos Estados Unidos, por causa da escassez de materia prima neste país.

Agora, que melhores qualidades de couros podem ser obtidas de outros logares, os couros do Brasil não têm procura aqui, excepto a preço muito reduzido, comparado com de outros países.

E' tambem um facto que a maioria das casas de cortume não podem usar o couro brasileiro devido a sua qualidade inferior, e, a não ser que se melhore muito essa qualidade, será difficil encontrar-se bom preço para esse producto."

Industria Nacional de Nitratos

Os Drs. Mario Bernardino de Campos e Lourenço Granato apresentaram ha pouco ao Congresso Legislativo de S. Paulo um pedido de concessão para a installação de grandes fornos electricos, destinados ao aproveitamento do azoto atmosferico na fabricação de nitratos utilissimos á agricultura e indispensaveis á defesa nacional.

Como é sabido, são os nitratos os adubos de maior valor na agricultura, tanto que da sua applicação racional dependerá não só o augmento da produção dos nossos cafezaes, mas bem assim a reconstituição das velhas fazendas que se acham quasi abandonadas em vista de sua escassa produção.

Pensam os Drs. Campos e Granato aproveitar a força hydraulica e a energia electrica de uma parte da faixa do pauperrimo littoral norte de São Paulo para a fabricação desses nitratos e de alguns de seus derivados, utilizando-se parte da energia disponivel para a installação de salinas, em que serão empregados novos processos de fabricação.

A grande guerra fomentou a importante industria da fabricação dos nitratos extrahidos do ar atmosferico, industria que está tomando vulto nos principaes países do mundo. E' assim que vemos a Alemanha favorecer a multiplicação de taes obras as usinas destinadas á produção de nitratos, em parte ha pouco destruidas, e os Estados Unidos votarem para isso a verba de cem milhões de dolares, ou seja cerca de 750 mil contos, enquanto que a pequena Noruega, que já tem mais de seiscentos mil cavallos-vapor de força hydraulica aproveitados para esse fim, vae-se tornando, de país pobre, num grande centro industrial, com o emprego desse processo.

Nosso Café na Alemanha

Por intermédio do Ministerio das Relações Exteriores, o nosso governo foi informado de que a Alemanha vae fixar em 160 marcos os direitos por 100 kilos de café importado.

Era pensamento do governo allemão elevar esses direitos de 150 para 200 marcos por 100 kilos. Devido porém, á intervenção da nossa chancellaria e tambem, certamente, aos esforços dos proprios importadores, o augmento foi apenas de 30 marcos, em vez dos 70 projectados.

O governo brasileiro trabalha, entretanto, para que a redução seja ainda maior.

A lavoura do algodão no Brasil

A conferencia do Sr. Arno Pearse em S. Paulo

Tivemos ensejo de inserir "in extenso" em nosso numero passado a conferencia proferida pelo Sr. Arno A. Pearse na Sociedade Nacional de Agricultura; hoje estampamos n.º "A Lavoura" a importante conferencia que realison o illustre chefe da missão algodoeira na capital de S. Paulo, em 17 de Maio, a convite da Sociedade Rural Brasileira.

Eil-a na integra:

Convidado pela Sociedade Rural Brasileira para fazer esta conferencia sobre as impressões colhidas na excursão que acabamos de realizar pelas culturas de algodão de vosso Estado, hesitei um pouco, primeiro, porque não estou ainda familiarizado com a lingua portugueza, depois, porque não tive tempo para escrever um relatorio em regra a respeito da excursão interessantissima que acabamos de fazer. Em todo caso, preciso começar afirmando que estamos maravilhados, eu e os meus companheiros, com a fertilidade das terras deste Estado, com a indole laboriosa e emprehendedora do seu povo. Estamos impressionados não só com a cultura, como tambem com a industria do algodão.

E' pena que os grandes centros industriaes dos paizes estrangeiros ainda não conheçam bem a capacidade productora deste grande Estado, assim como a magnifica materia prima que pode fornecer ás suas fabricas.

Embora esteja assim maravilhado com a pujança da cultura, acho que cumprirei um dever de bom amigo fazendo algumas observações a respeito da organização dessa cultura e do tratamento da fibra, confiado na longa pratica que tenho tido sobre o assumpto; observações que poderão ser de utilidade e de valor constructivo e pratico para esta nova riqueza que se prepara para o futuro deste Estado. A nossa observação no interior foi muito dedicada e conscienciosa. Percorremos muitas zonas algodoeiras e estudamos cultura por cultura, examinando, observando, indagando e consultando todos os interessados, industriaes, plantadores, prefeitos municipaes, os proprios roceiros e trabalhadores agricolas. Estivemos em Villa Americana, São Carlos, Sampaio Vidal, Santa Gertrudes, Campinas, Piracicaba, Sorocaba, Campo Largo, Votorantim, Itapetininga, Atarradinho, Tatuhy, Baurú, Biriguy, na Noroeste. Visítamos plantações a pequena distancia de estrada de ferro e a seis e oito kilometros de distancia, em automoveis e a cavallo.

A impressão predominante do nosso espirito após a excursão foi uma verdadeira surpresa, pensando no futuro brilhante que está reservado ao Brasil e principalmente ao Estado de São Paulo na produção em larga escala dessa fibra tão importante no commercio mundial.

A produção por alqueire ou hectare, que acabamos de observar nas culturas de São Paulo, é realmente surpreendente. Nos Estados Unidos, a produção é de 185 libras por acre (o alqueire paulista tem 5 acres e seis decimos). Na India não chega a 160 libras; no Egypto, com a afamada riqueza do Nilo, o rendimento, que nos ultimos annos tem diminuido, não é hoje superior a 250 libras por acre. No Estado de São Paulo igual area de terreno dá 360 libras de felpa, o alqueire dando em média 180 arrobas em carogo, havendo zonas que dão — 300, 400 e até 500 arrobas. Note-se que nesses paizes citados a cultura é intensiva, com ricos adubos e irrigação. Em São Paulo é a força da natureza que dá essa produção. Só isso deixa ver bem claro o futuro que está reservado a este Estado, se souber organizar systematicamente a sua cultura e o tratamento da fibra. Posso afirmar essas coisas com segurança e com muito prazer, porque já percorri

e estudei as culturas da America do Norte, Egypto, India, Sudão, e outros paizes e em alguns desses já estive mais de uma vez em estudos especiaes sobre o assumpto. Por isso mesmo a nossa admiração foi muito grande, verificando pessoalmente em vosso Estado essa estupenda produção de 800 libras de felpa por carogo (400 arrobas de algodão em carogo por alqueire).

Tivemos o prazer de examinar fibras de excellente comprimento, brancas, sedosas e muito resistentes. Tivemos occasião de medir fibras de 30 milímetros, e que podem dar fios até o numero 36.

Estas observações são da maior importancia para o futuro de São Paulo na cultura algodoeira. Um povo que possui essa riqueza não pode desprezal-a, não pode e não deve desanimar diante de algumas difficuldades removiveis que se apresentam para embarçar temporariamente a acção dos plantadores. Pelo que observei na minha excursão, difficilmente outros povos poderão competir com S. Paulo nessa produção. Ha neste Estado um conjunto de condições tão favoraveis para um grande desenvolvimento da cultura—terras ferteis, clima com estações regulares, chuvas, excellentes vias ferreas, porto de mar bem aparelhado, emfim, taes condições, que collocam S. Paulo em situação de não temer concorrência alguma na produção algodoeira.

Como o Estado de S. Paulo revela em todas as suas coisas que aqui tem havido previsão de estadistas que têm cuidado muito dos seus destinos — cumpre despertar a atenção dos seus homens publicos e dos seus agricultores para esta brilhante oportunidade, que se offerece, de apparellhar o Estado para ser um grande productor de algodão e colher os mais compensadores fructos dentro em pouco. Para isso é preciso que se cuide de organizar a cultura em bases solidas e de dar um bom tratamento á fibra produzida.

Antes da guerra havia no mundo cerca de 140 milhões de fusos nas fabricas, trabalhando em algodão. Hoje estão parados cerca de 60 milhões de fusos. O mundo inteiro ainda não voltou do estado de desorganisação causado pela guerra. Mas, forçosamente, ha de voltar. E agora, com os ultimos acontecimentos da Europa, parece que vaee iniciar-se uma era de trabalho mais tranquillo. O tecido de algodão é o mais elementar que existe para o vestuario. Logo que a vida social dos differentes povos entre numa prase mais normalizada, o consumo do algodão tomará proporções inesperadas, desde o vestuario até as mais variadas applicações: pneumaticos, capas de automoveis, telas de aeroplanos, correias para machinas, em substituição do couro. Digno de especial menção é o futuro dos tecidos mercerizados de algodão, para substituir a seda em centenas de applicações nos artigos de modas.

Quando esses 60 milhões de fusos voltarem a trabalhar, talvez dentro de um anno ou pouco mais, seguramente não houvera algodão que baste para o consumo das fabricas. Os Estados Unidos reduzem cada vez mais as suas culturas de algodão. O caruncho das maçãs ("boll-weevil") alastra-se de modo assustador naquelle paiz e a propria lagarta rosada tenta novas invasões nos suas culturas. Os esforços para o augmento da produção na India e no Egypto infelizmente não têm sido coroados de resultados satisfatorios, apesar das enormes despesas feitas com processos de irrigação e fertilisação do solo.

Diante disso, é facil calcular a riqueza que tem nas suas mãos um povo como o de S. Paulo, com

esta produção extraordinária da terra, servida por um conjunto de elementos favoráveis que podem tornar o Estado um produtor que não deve continuar tributário de outros Estados. S. Paulo poderá produzir milhões de fardos e com as sobras das fabricas nacionais abastecer muitos países estrangeiros com as fibras de sua produção. O seu extraordinário rendimento cultural e as boas qualidades de sua fibra garantem um lucro privilegiado no futuro, entre os grandes produtores mundiaes.

Para se fazer uma idéa da capacidade productora do Brasil, basta lembrar que a sua area de cultura algodoeira é muito maior que a area propria para o algodão nos Estados Unidos.

Neste momento o algodão passa por uma verdadeira crise em toda parte do mundo, e em São Paulo, além desse effeito da crise geral, dois outros factores têm contribuido para causar o desanimo entre os plantadores: a falta de bragos e as pragas, segundo me informam. Esses factores não têm muita importancia. A falta de bragos é passageira. Na Europa ha mais de 20 milhões de pessoas ansiosas por emigrar para a America. A questão é organizar os meios de trazel-as. Quanto ás pragas, basta lembrar a um povo forte, e destemido como o paulista, que a America do Norte tem produzido 12, 14, 15 milhões de fardos de algodão debaixo das pragas. Essas pragas, portanto, não devem constituir uma difficuldade que determine o abandono de uma riqueza tão grande.

O desejo sincero de ser util a este povo tão emprehendedor e hospitaleiro me obriga a usar de franqueza e a dizer que são muito brilhantes as suas esperanças nesta cultura, mas ha aqui muitas falhas na exploração que devem ser sanadas sem demora. Ha uma serie de medidas que se impõem para a perfeita organização da cultura e tratamento da fibra. Se S. Paulo quer tirar o partido que por direito lhe compete como grande produtor de algodão na proxima e auspiciosa opporrtunidade que o mundo breve vai offerecer — é essencial que se apparelle desde logo tratando de organizar a cultura em bases solidas.

I A importante questão da semente — Fazendas de sementes — Esta é a base de tudo. Sem uma rigorosa organização que garanta a pureza da semente, é impossivel uma exploração de grandes e duradouros resultados. O algodão é uma malvacea muito sujeita a variar e degenerar. É essencial um esforço constante e systematico para assegurar as boas sementes para as plantações. Isto depende de uma organização muito disciplinada. Se abandonarmos a questão da semente, a cultura entrará numa phase desordenada, a miscellanea das variedades desvalorizará completamente a fibra produzida no Estado. Não conseguiremos fibra longa, sedosa, resistente. Tudo se transformará num lamentavel mistiforio de produção de todas as variantes de fibras. Para assegurar a pureza da semente, devemos pensar na fundação de "fazendas de sementes", destinadas a esse fim superior e especial. Quem organizará essas fazendas — o Estado ou os particulares? É uma questão a resolver. Eu não não posso dar minha opinião pessoal a esse respeito. Mas ouvi opiniões de brasileiros competentes no assumpto. Essas opiniões, porém, divergem. Alguns pensam que essas fazendas deviam ser organizadas e mantidas pelo proprio Estado. Isso evitaria a ganancia de grandes lucros e as mais lamentaveis fraudes, vendendo-se como seleccionadas sementes ordinarias e provenientes de pontos diversos desconhecidos, como consta que já tem acontecido.

Outros entendem que a acção do governo é falha, tem o grande mal da falta de continuidade e esta é essencial para se manter uma rigorosa disciplina na selecção e no fornecimento de sementes puras. Dizem: "hoje ha um governo que cuida, amanhã outra que se desinteressa".

Seja como for, isto é, a fazenda de sementes organizada e mantida pelo governo ou por empresa particular fiscalizada, o que parece fora de

duvida é que o fornecimento das sementes para as plantações deveria ser feito exclusivamente por esses estabelecimentos. Seria uma limitação á liberdade do commercio, mas essa limitação seria de maior alcance para a cultura geral feita no Estado. É facil comprehender que a liberdade nesse assumpto, por assim dizer sanitario da cultura, seria igual á liberdade de abusar da saúde publica. Se o Estado, como orgão supremo e legitimo da collectividade, tem o maximo interesse nessa riqueza representada pelo algodão, não deve abandonar a semente, que é exactamente a base dessa riqueza, ao arbitrio desordenado dos particulares. Isso seria a porta aberta para a franca invasão das pragas e da desordem completa na questão da qualidade das fibras. A pureza da semente, a uniformidade da fibra (longa, sedosa e resistente) são elementos fundamentais da cultura algodoeira e representam, portanto, um interesse geral e superior da collectividade.

Além de seu fim principal de fornecer sementes puras, perfectamente seleccionadas, aos plantadores — as fazendas de sementes seriam verdadeiros campos de demonstração, não só dos processos mais adiantados de cultura por machinismos aperfeccionados, tractores e outros instrumentos modernos, como também demonstrariam as vantagens da rotação das culturas, os melhores meios de combater ás pragas, a melhor organização dos serviços, a contabilidade agricola, enfim seriam verdadeiras escolas practicas destinadas a demonstrar as vantagens de uma cultura feita debaixo de todas as regras, mediante processos que assegurassem o maior lucro com a menor despesa. Comprehende-se bem que uma organização destas seria uma excellent propagação para a cultura do algodão. Os lavradores de cada zona que fossem verificar os processos e os lucros seriam outros tantos plantadores de algodão a enriquecer a economia do Estado. Por sua vez, os directores officiaes encarregados de cada uma dessas fazendas deviam visitar sempre as culturas da zona para ministrar gratuitamente todas as instrucções necessarias sobre processos culturais, combate ás pragas, beneficio, etc., residir no estabelecimento, fazer elles proprios os trabalhos de selecção e só seriam mantidos enquanto bem servissem.

Não falei aqui dos campos de experimentação propriamente ditos. Estes institutos devem ser officiaes, como os de Piracicaba e Campinas. A estes compete experimentar as variedades novas, acclimatá-las, estudar bem as suas vantagens para depois entregar ás fazendas as sementes para que estas desenvolvam a cultura, seleccionem e forneçam as respectivas sementes ao publico. Infelizmente, sobre todos estes assumptos notei poucos trabalhos nos estabelecimentos officiaes de Campinas e Piracicaba. Nesta escola ha só 1 1/2 alqueire destinado ao algodão, e além disso o processo de selecção não existe. Na bibliotheca da escola apenas encontrei 5 obras sobre algodão e todas antigas. E assim os estudantes da escola não têm á sua disposição os trabalhos mais recentes sobre o algodão, quer nacionaes, quer estrangeiros.

Vimos um bom trabalho do Sr. professor Carlos Teixeira Mendes sobre a esterilisação do carogo de algodão exposto ao sol com areia e carvão. Em seu conjunto e organização, a Escola de Piracicaba é um estabelecimento que honra muito ao Estado de São Paulo e poderá prestar grande serviço á cultura algodoeira, uma vez que sejam organizados bons campos de experimentação.

II Defeza contra as pragas — Esta organização é essencial. Mas, em grande parte, ella deve competir ao Estado, que tem os meios coercitivos necessarios. Além disso o governo deve facilitar por preços muito módicos o fornecimento de insecticidas, e propagar os machinismos e processos mais aperfeccionados para a applicação nas plantações. Claro é que o governo deverá ter uma organização muito completa para o estudo das pragas, de modo a fornecer aos interessados instrucções e providencias immediatas. A este proposito não

posso deixar de mencionar aqui um entomologista de muito valor que possui o Estado, o Sr. Manoel Lopes de Oliveira Filho, meu companheiro de excursão, cuja competência e verdadeiro amor ao assumpto muito me impressionaram.

Uma das pragas que mais têm desanimado os plantadores em São Paulo, segundo me informaram, é a "alabarna argilacea" (curuquerê). Mas contra essa praga ha insecticidas e processos da mais completa efficacia que talvez não sejam ainda bem conhecidos e applicados até agora. Franeamente, esta praga não deve embarçar o desenvolvimento da cultura. Sobretudo a applicação preventiva dos insecticidas evita os desastres dessa praga. As plantações com variedades precoces eliminam-na.

Os paulistas não devem esquecer que os Estados Unidos produzem uma grande colheita apesar destas pragas. A questão é organizar a defeza.

Quanto á celebre lagarta rosada — as fazendas modelo podem resolver o problema, fornecendo sementes puras. Os outros processos de defeza nas culturas, queimando arbustos, etc., completarão a obra.

III — O cuidado rigoroso nas colheitas — Esta é tambem uma medida de grande importancia. Quem vê as maçãs abertas nos algodões de São Paulo observa que a fibra é muito branca e de bellissimo aspecto. Mas infelizmente, quem vai observar o algodão colhido e armazenado assiste a um espectáculo lamentavel, vendo um monte de fibras sujas, manchadas, misturadas com folhas, detritos diversos, fibras mortas. A falta de cuidado nas colheitas, estraga assim um producto de primeira ordem. Naturalmente não vi isto em todas as fazendas, mas observei em diversas. É facil calcular a diferença entre fibras puras e fibras manchadas e misturadas com impurezas de toda a sorte. Os industriaes não têm feito valer bem ainda esta diferença. Mas seria de toda a vantagem que estabelecessem verdadeiro premio para os productos bem limpos, livres de impurezas.

A este proposito lembro uma idéa que poderá dar os melhores resultados: a criação de mercados officiaes em cada municipio algodoeiro, com uma boa e simples organização, regulamento, cotações diarias de todas as pragas, para esclarecer os interessados. Esses mercados poderiam funcionar uma ou duas vezes por semana. Para ali levariam os plantadores os seus productos que seriam classificados e expostos á venda, obtendo naturalmente bons preços. Mas, o fim superior seria praticamente a vantagem de melhorar o preparo do algodão para assegurar assim os melhores preços no mercado. Isso representaria um passo importante para a classificação do algodão do Estado na Bolsa de Mercadorias. Nestes mercados pode-se tambem distribuir facilmente as sementes produzidas nas fazendas de sementes.

Nos meus relatórios da India e do Egypto, existem photographias dos estabelecimentos desse genero, assim como os respectivos regulamentos. Esse systema tem dado muito bons resultados. Os inspectores agricolas deverão frequentar esses mercados para dar todas as informações aos plantadores.

Cada anno, no inicio das colheitas, a Municipalidade promoveria uma exposição de productos, distribuindo o Estado e os municipios premios para estimular os agricultores, não só em dinheiro, como em pequenos descarregadores para os que têm poucos recursos para comprar-os.

Outro ponto importante está em não apanhar o algodão enquanto está humedecido pelo orvalho ou pelas chuvas. A humidade estraga muito as fibras. Mas, a exposição demasiada ao sol tambem é prejudicial. Abertas as maçãs, não se deverá deixal-as mais de tres dias expostas ao sol que estraga a fibra. Todos sabem como é afamado o algodão do Egypto. Um dos segredos está no esmero com que são feitas as colheitas. O apanhador tira até com a bocca as impurezas da fibra de modo que ella vai para os lençóis perfeitamente limpa.

IV — Processos imperfeitos no beneficio ou des-

caroamento—Pelo que observamos na maior parte das machinas, o algodão não é beneficiado, é antes maleficiado. Quem conhece a delicadeza da fibra do algodão facilmente comprehende os estragos que essas machinas causam, trabalhando assim sem o devido cuidado. Fibras de primeira ordem ficam rebentadas e damnificadas.

E não é somente isso. Esses engenhos ou machinas de descarçar são tambem a origem de muitas desordens na cultura do algodão, pela mistura e venda de sementes as mais impuras.

Nossa opinião é que essas machinas deviam trabalhar debaixo de severo regulamento para evitar as fraudes e para garantir a boa qualidade da fibra, o que é de interesse geral do Estado. Seria cassada a licença do engenho que violasse as disposições regulamentares. Para isso seria essencial que a vigilancia dos inspectores fosse rigorosa. Como se vê, esta questão do beneficio tem tambem muita importancia para firmar bem perante a industria nacional e a estrangeira a excellencia da fibra do Estado de São Paulo.

Como observação geral, devo dizer que S. Paulo, cuidando com todo o rigor da questão da semente, da uniformidade da fibra, quer quanto ao comprimento e resistencia, tratando de esmerar mais o serviço da colheita, livrando as fibras das impurezas, velando pelo melhor funcionamento das machinas ou engenhos de descarçar, para evitar o estrago das fibras, estou certo que não precisará de importar mais para as suas fabricas nem um fardo do Norte. Com essas providencias, as fabricas de S. Paulo poderão trabalhar quasi sómente com algodão produzido no Estado.

A este proposito basta lembrar a despesa que faz um fardo do Norte até S. Paulo, para ver a vantagem de não mais importar algodão para as suas fabricas. Tudo depende sómente de melhorar os processos.

A respeito de transporte, eu pediria permissão para ponderar que parecem muito elevados os fretes para o algodão, tratando-se de uma cultura que deve ser animada por todos os meios para facilitar a sua expansão.

Principalmente as zonas extremas são muito victimadas pelos fretes. Assim é que de Biriguy a S. Paulo o algodão paga 708790 por tonelada em caroço e 1218230 por tonelada em felpa. Sobretudo seria conveniente organizar uma tarifa muito favoravel para o algodão limpo enfardado, em fibra, e assim estimular a apanhação limpa.

Diante de tudo quanto tenho observado, diante do progresso extraordinario da capital e do interior, onde por toda a parte se encontram as manifestações de uma civilização superior, diante de um aparelhamento geral tão grande e completo para produzir e enriquecer, diante dos elementos economicos notaveis que possui este Estado assombrosamente rico, permittam-me dizer que os paulistas não terão cumprido o seu alto dever perante o mundo, se não introduzirem reformas praticas que venham *levantar a posição economica de todo o país* até agora baseada quasi exclusivamente na sua grande produçáo de café. Não me cabe demonstrar as vantagens da polycultura a um povo tão empreendedor. Mas, lembro que o algodão, com rotaçáo de culturas, é um dos mais ricos elementos da polycultura.

Regularmente, perante os bons principios agromomicos, o algodão deve fazer a rotaçáo com as principaes plantas de alimentação: feijão, milho, canna, alfafa e outros. Desta forma, sendo um bom elemento na rotaçáo de culturas uteis — o algodão seria uma das mais fortes columnas da riqueza do Estado de S. Paulo e, portanto, do Brasil.

A phase critica que atravessa actualmente o algodão é passageira. Mais de 300 milhões de russos, allemães, austriacos, turcos, slavos, balkamicos e outros povos da terra estão com a vida mais ou menos paralyzada, com os seus negocios suspensos. Mais de 60 milhões de fusos estão para-

dos nas fabricas do mundo. Mas, é intuitivo que isto absolutamente não pode continuar. Ha uma força superior nos homens civilizados que ha-de arrancar-os desta situação. Todos os povos estão fazendo supremos esforços para pôr as suas coisas em ordem. Quando chegarmos a esse estado, não haverá algodão que baste para o consumo.

Resumindo finalmente tudo o que tenho dito, recommendo-lhes mais uma vez as medidas seguintes:

- a) criação de fazendas de sementes
- b) defeza contra as pragas
- c) estabelecimento de mercados regionaes
- d) fiscalização severa das usinas de desearoamento;

e posso garantir-lhes que da applicação destas medidas resultará o enriquecimento da lavoura, pelo augmento da produção, e os melhores preços serão obtidos pelo algodão; de outro lado, o governo será recompensado "a juros de usurário", das pequenas importancias despendidas com a execu-

ção desse plano, porque todas ellas darão rendas directas e grandes; a unica que poderia onerar os cofres publicos seria a defeza contra as pragas, assim mesmo, perfeitamente indemnizada pelos beneficios que produzirá.

Aproveito a occasião para agradecer ao Exmo. Sr. presidente do Estado e ao seu digno secretario da Agricultura, o acolhimento generoso que têm dispensado á missão algodoeira. Cumpro tambem o dever de agradecer muito ao povo paulista as provas de fidalga hospitalidade que nos dispensou por toda parte da nossa excursão, nos diferentes estabelecimentos, nas prefeituras e mais repartições officiaes. Devo salientar tambem o reconhecimento aos dignos representantes do Ministerio da Agricultura, especialmente ao Sr. Roberto Rodrigues, que tem sido infatigavel, como excellente companheiro, na sua qualidade de inspector federal, em toda a nossa excursão. Finalmente agradeço sinceramente a todos os senhores que me honraram com a sua presença nesta conferencia."

A Sociedade Nacional de Agricultura e a Produção Nacional

Pelo Sr. Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura foram feitas, entre outras, as seguintes communicações e representações:

"DEFEZA PERMANENTE DO CAFÉ. — Exmo. Sr. Dr. Epitacio Pessoa, M. D. Presidente da Republica:

Temos a honra de apresentar a V. Ex. as effusivas congratulações da Sociedade Nacional de Agricultura pela brilhante mensagem que V. Ex. acaba de enviar ao Congresso Nacional reclamando do mesmo a votação de medidas de amparo e defeza permanente do café, das quaes advirão, certamente, os maiores proventos para a economia nacional.

Permitta-nos, entretanto, Exmo. Sr., que, ao manifestarmos os nossos ardentes applausos a V. Ex. por tão patriótica iniciativa, declaremos seria do maior alcance para o paiz, a adopção de identicas medidas de protecção a outros importantes productos nacionaes ora desvalorizados.

Bem sabemos nós que a extensão dessas providencias aos demais factores ponderaveis da nossa riqueza economica, não é possível realizar de prompto, dadas as condições financeiras da Nação.

Sem embargo, permitimo-nos a liberdade de, esposando as idéas sabias do Sr. Affonso Vizeu, lançadas em brilhante e recente discurso pronunciado no seio da Associação Commercial do Rio de Janeiro, affirmar a V. Ex. a nossa convicção de que seria de summa conveniencia a criação, no Banco do Brasil, de uma carteira de credito agricola, á semelhança da de redescontos, regulamentada de sorte que a lavoura nacional podesse haurir

Submettendo ao esclarecido espirito de V. Ex. esse alvitre, que tão de perto interessa á classe que esta Sociedade se ufana de representar, esperamos que V. Ex. nos honrará com favoravel acolhimento, pelo que, antecipadamente, hypothecamos a nossa profunda gratidão.

Queira V. Ex. aceitar os protestos de nossa muí subida consideração."

ESTUDO DE FIBRAS NACIONAES. — Exmo. Sr. Dr. Idefonso Simões Lopes, DD. Ministro da Agricultura, Industria e Commercio:

Em obediencia ao voto unanimemente approvedo na ultima reunião desta Directoria, por proposta do nosso prezado consocio, Dr. Luiz Felipe Sampaio Vianna, temos a honra de apresentar a V. Ex. as nossas congratulações pelo excellente serviço que prestou á Nação, mandando estudar na Europa o aproveitamento industrial das fibras nacionaes de cuja patriótica iniciativa resultados flagrantes nos foram transmittidos, nessa occasião, pelo Sr. José Raynal, em boa hora encarregado por V. Ex. de tão importante missão.

Manifestando a V. Ex. esse voto, esperamos que tão felizes esforços terão a conveniente prosecução, de modo que, a breve tracho, esteja instituida, sobre alicerces firmes, essa nova e rendosa industria, e, assim, se aproveite uma importante riqueza nacional, cuja exploração esta Sociedade de ha muito tempo vem aconselhando.

Queira V. Ex. aceitar os protestos de nossa muí subida estima e elevada consideração."

IMPORTAÇÃO DE ANIMAES REPRODUCTORES. — Exmo. Sr. Dr. Homero Baptista, DD. Ministro da Fazenda:

A União dos Criadores do Rio Grande do Sul, fundada em 1913 com a organização de syndicaró agricola, na conformidade do decreto n. 979, de 6 de Janeiro de 1903, com séde em Porto Alegre, tem entre os mais importantes dos seus intuitos facilitar aos profissionais da industria pastoril, naquelle Estado, a aquisição de reproductores estrangeiros e de tudo quanto possa ser util ao aperfeicamento das suas industrias.

Em execução de seu programma, a referida instituição tem attendido aos pedidos de associados e importado, varias vezes, animaes reproductores recolhidos para o melhoramento das raças indigenas e a constituição de rebanhos seleccionados.

Assim é que, no anno passado, adquiriu na Inglaterra os seguintes animaes reproductores que, embarcados em Liverpool, no vapor inglez "Murillo", chegaram ao porto do Rio Grande em 19 de Setembro: 7 touros Devon, Holstein e Shorthorn, 2 porcos de raça Berkshire e Yorkshire e uma ovelha Suffok.

Em 21 de Setembro de 1920 foram os dnos animaes despachados na Alfandega do Rio Grande pelo Intendente Municipal Dr. Alfredo S. do Nascimento, a pedido da União dos Criadores.

Sabendo, porém, que o Inspector daquella Alfandega, por excesso de zelo e sem duvida por má interpretação das disposições legais em vigor, exigiu o pagamento ou deposito de direitos pela introdução dos dnos animaes, como consta do documento junto, a União dos Criadores, surpreendida com semelhante exigencia, tanto mais que em encomendas anteriores não teve de fazer tal deposito, acaba de dirigir-se a esta Sociedade, pedindo providencias a respeito.

A Sociedade Nacional de Agricultura, acudindo ao appello que recebeu, vem solicitar de V. Ex. a expedição de ordem á Alfandega do Rio Grande do Sul, não só para que seja restituída á União dos Criadores, em Porto Alegre, ou ao seu representante, Dr. Alfredo S. do Nascimento, intendente Municipal do Rio Grande, a importancia indevidamente recolhida, como tambem no sentido de cessar de futuro a cobrança de direitos de introdução de animaes reproductores "ex-vi" do artigo 4º § 31 da lei orçamentaria em vigor.

Valho-me do ensejo para reiterar a V. Ex., Sr. Ministro, os meus protestos de alta estima e distincta consideração."

"Sr. Presidente da União dos Criadores do R. G. do Sul — Porto Alegre — Rio Grande do Sul. — Temos a honra de levar ao conhecimento dessa illustre Direcçõria que, attendendo ao appello que nos dirigiu o nosso mui presado amigo Cel. Delphin Riet, digno vice-Presidente dessa prestigiosa co-irmã, transmittimos ao Exmo. Sr. Ministro da Fazenda a representação, cuja copia annexamos á presente, reclamando providencias no sentido de cessarem as descabidas exigencias da Alfandega do Rio Grande do Sul em relação á introdução de animaes reproductores.

Convencidos de que as nossas ponderações merecerão do illustre titular daquella pasta o melhor acolhimento, compromettemo-nos a dar a essa Direcçõria immediato conhecimento de sua resolução.

Valemo-nos da oportunidade para apresentar a V. Ex. os protestos de nossa subida consideração."

"SALARIOS AGRICOLAS. — Exmo. Sr. Dr. Chrisantõ de Britto:

Attendendo a que acaba de ser apresentado ao Congresso Federal um projecto autorizando a creação de um Conselho dos Salarios Agricolas, em que se estabelecem medidas que profundamente interessam á lavoura nacional, resolveu esta Direcçõria nomear V. Ex. e os Srs. Drs. João Cabral e Leopoldo Teixeira Leite, para examina-rem, em commissão, o alludido projecto e habilitarem, assim, esta Sociedade a se manifestar sobre tão palpitante assumpto.

Junto encontrará V. Ex. copia do projecto em questão para seu immediato conhecimento.

Esperando mais uma vez o efficiente concurso de suas luzes, agradecemos de antemão esse bom servico, renovando os protestos de nossa mui cordial estima e subida consideração."

O MAL DOS CAFEZAS PARAHYBANOS. — Exmo. Sr. Dr. Hedefonso Simões Lopes, DD. Ministro da Agricultura, Industria e Commercio;

A Sociedade Nacional de Agricultura attendendo ao appello que lhe dirigiram agricultores seus

associados, residentes no Estado do Ceará, vem, com vivo empenho, solicitar de V. Ex. a bondade de mandar tornar extensivo aos demais Estados productores de café, e principalmente ao Ceará, a prohibição da exportação de mudas e sementes daquella planta, provenientes do Estado da Parahyba, onde um terrivel mal ataca, actualmente, os caféeiros.

Esta medida é necessaria e urgente, relativamente ao Estado do Ceará e aos do Norte, pois, sendo Estados ligados por uma estrada de rodagem e limitrophes, o commercio, entre elles, se faz livremente, sem nenhuma restricção, o que poderá acarrear grande prejuizo para a lavoura de café daquella Estado, se se propagar o mal que se receia seja trazido.

Na certeza de que V. Ex., com a costumada solicitude, acautelará os interesses daquelles nossos consocios, apresentamos, de antemão, os nossos agradecimentos, de envolta com os protestos de elevada estima e mui distincta consideração."

"O PÃO MIXTO BRASILEIRO. — Exmo. Sr. Dr. Luiz de Souza Dantas, DD. Embaixador do Brasil em Roma. — Italia:

A Sociedade Nacional de Agricultura, que vem acompanhando com o maior interesse e os melhores applausos a patriótica campanha em que V. Ex. se tem empenhado no intuito de demonstrar a alta conveniencia economica, e até social, de se adoptar o uso da farinha de mandioca para, de mistura com o trigo, produzir-se um pão sadio, saboroso e economico; e está sinceramente impressionada com o facto de vivermos na effectiva dependencia do estrangeiro, no que respeita ao trigo e á farinha, cuja importação, de 48.000 contos de réis, em 1901, ultrapassa, actualmente, de réis..... 221.000:000:000, com tendencia accentuada a subir; resolveu promover activa propaganda, visando solucionar, praticamente, esse magno problema.

Nestas condições, esta Sociedade vai promover o incremento da cultura do trigo nos Estados que lhe são convinhaveis e procurará demonstrar, pelos meios efficazes, a conveniencia e a facilidade de produzir um ou mais typos de pães mixtos, compostos de trigo e outra parte de não pequena, da farinha dessa preciosa raiz brasileira.

Para que a sua propaganda impressõne o maior numero de pessoas, entretanto, prepara a Sociedade Nacional de Agricultura uma exhibição especial, que se realizará no recinto da Exposição Internacional de 1922, e que constituirá a "Secção do Pão Mixto Brasileiro" figurando ali tudo quanto possa concorrer para a consecução do nosso desideratum: apparatus, machinismos proprios para a panificação e outros fins, monographias, quadros graphicos, productos panificaveis, plantas mortas e vivas, etc... realizando-se ainda demonstrações praticas da fabricação de taes pães, para cujo exito contamos, além de outros, com o concurso tecnico do projecto scientista Dr. Arthur Neiva.

Dando a V. Ex. conhecimento desta iniciativa, temos por objectivo solicitar-lhe os seus altos e bons officios para que nos sejam fornecidos todos os dados, formulas e quanto mais V. Ex. poder conseguir de proveitoso para a solução desse importante problema nacional.

A Sociedade Nacional de Agricultura só tem motivos para crer, dado o accendrado patriotismo de V. Ex., que o presente appello será acolhido com a sympathia merecida, e, por isso, antecipa

os seus agradecimentos pela valiosa collaboração que se dignar dispensar-lhe.

Queira V. Ex. aceitar os protestos de nossa mui subida consideração."

"AS HORAS DE TRABALHO AGRICOLA. — Exmo. Sr. Dr. José Manoel de Azevedo Marques, DD. Ministro das Relações Exteriores:

Temos presente o aviso que V. Ex. nos dirigiu, sob o n. 143, em 9 de Setembro ultimo, acompanhando uma copia do officio n. 60.152, de 28 de Maio deste anno, do Presidente do Instituto Internacional de Agricultura, relativo á regularização de varios problemas agricolas de interesse internacional, e solicitando nosso parecer a respeito.

Attendendo, com especial agrado, ao pedido de V. Ex., a Sociedade Nacional de Agricultura sente-se satisfeita pela oportunidade que V. Ex. lhe proporcionou de manifestar-se a respeito de um assumpto de interesse vital para as classes ruraes do Brasil: a regulamentação das horas de trabalho na agricultura.

O parecer desta Sociedade sobre este assumpto consta da exposição que com o presente officio temos a honra de passar as mãos de V. Ex. e estamos certos de que nesse parecer se reflecte a opinião de toda a classe agricola do Brasil.

Como V. Ex. verá, procuramos demonstrar quão prejudicial será a limitação das horas de trabalho na agricultura e criação, assignalando não só os effeitos desastrosos que de tal medida provirão, como a disparidade entre o trabalho agricola e o trabalho industrial.

O operario agricola merece, sem duvida, toda a protecção por parte dos legisladores, mas o estudo desta questão de grande complexidade caberia mais em seus numerosos detalhes ao Poder Legislativo Nacional. Uma vez, porém, que tenha de ser encarado em suas generalidades, o exame

do assumpto merece ser commettido a uma instituição especial para isso organizada e aparelhada para deliberar sem prejuizos para os paizes interessados.

Seria medida anarchizadora a uniformização de regras para o trabalho rural em todas as nações, por isso mesmo que condições naturaes e economicas differem muito de uma para outra, e até de uma outra região, como succede em paizes de grande extensão territorial, como o Brasil.

O Instituto Internacional de Agricultura, junto ao qual todos os grandes paizes agricolas mantem representantes officiaes, reivindica, entre as suas attribuições fundamentaes, o estudo do que concerne á protecção de trabalhadores ruraes e melhoramento das condições de vida dos habitantes do campo em geral.

O art. 24 do pacto da Liga das Nações reconhece, implicitamente, as organizações internacionais funcionando desde época anterior a elle, como succede com o Instituto Internacional de Agricultura.

E' a esse Instituto que cabe examinar o problema do trabalho rural e propôr medidas a respeito; e não ao Bureau Internacional de Trabalho, cujas attribuições, segundo o Tratado de Versailles, na sua parte XIII, interessam ao trabalho industrial, nada tendo a haver com a agricultura.

Assim opinando, a Sociedade Nacional de Agricultura muito estimará e considerará de relevancia para os interesses da agricultura nacional que V. Ex. se digne transmitir o parecer junto ao Instituto Internacional de Agricultura e copia ao representante do Brasil perante o Bureau da 3ª Conferencia Internacional do Trabalho.

Temos a honra de reiterar a V. Ex., senhor distincto Ministro, nossos votos de subida estima e mui consideração."

CONSULTAS E INFORMAÇÕES

A palha do milho para cellulose

O Sr. Dr. João C. de Paiva, Administrador dos Correios de Minas Geraes, pede respondermos aos seguintes quesitos:

- Presta-se a palha do milho á produção de pasta para o fabrico de papel?
- E é de grande acceitação essa pasta?
- Qual o preço que alcança no mercado essa pasta?
- Que machinas são indispensaveis e qual o seu preço?

Por indicação do Sr. Dr. Sampaio Vianna, industrial nesta praça, procurámos ouvir a palavra autorizada do Engenheiro J. F. de Alencar Lima, que já foi fabricante de papel e grande estudioso e pesquisador do assumpto.

Damos aqui a sua resposta aos quesitos formulados acima:

a) A palha presta-se mais do que o bagaço ou sabugo do milho, servindo ambos para a fabricação de papeis fortes de embrulho, sem branqueamento; prestando-se, tambem, para fabrico de papelão de primeira qualidade.

b) Não ha nesta, nem noutras praças do paiz, compradores para pasta para papel ou papelão.

Os fabricantes de papel compram cellulose importada, de sorte que o fabricante, que dispuzer de palha de milho em quantidade, deverá fazer papel ou papelão para venda directa.

c) As machinas necessarias a esse fim são, além das precisas para o fabrico do papel ou papelão, as de desintegração da palha ou sabugo e seu corte preliminar, consistindo, ellas, em desintegradores rotativos, cortadores de palha, digestores ou autoclaves e refinadores hollandezes.

d) Preços de taes machinas: depois da guerra, só com pedido directo aos seus fabricantes, que existem de primeira ordem na Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos.

Ainda como informação, acrescentamos a summa abaixo do que, sobre o bagaço do milho no fabrico de pasta para papel, diz o Dr. Pio Corrêa no seu livro "Fibras textis e Cellulose".

O colmo, ou o bagaço do milho é considerado excellente materia prima no fabrico de papel para impressão e cartas e de uma infinidade de outros artigos mais finos que requerem cellulose pura e granulada, com applicação no preparo de

tecidos absorventes, revestimento de tubos de descarga, materiaes á prova de fogo e de agua, etc., bem assim para altos usos nas artes e para muitas outras applicações, desde o collodio até á polvora sem fumaça.

Os paizes que mais se têm preocupado com a utilização industrial do bagaço do milho, são os Estados Unidos e Hungria. Ao primeiro, deve-se o processo Stewart, que foi a causa principal de todo esse movimento; mas, além da "*Maize Sugar & Cellulose Company*", fundada em Pittsburgh para explorar as patentes de F. L. Stewart, outros trabalharam com afino no aproveitamento do mesmo material e o proprio governo americano, pelos seus varios institutos technicos (*Bureau of Plant Industry, Bureau of Chemistry, Bureau of Standards, Forest Service*), não negligenciou as investigações, que chegaram já a um resultado definitivo.

Este bagaço, após á extracção de assucar e alcool, ou apenas dos solidos soluveis, dá polpa refinada ou cellulose propria para papel das melhores qualidades e para muitas outras applicações. As fibras são longas; sua porcentagem va de 12 a 18 %, variando com a variedade do milho, suas condições de crescimento e seu tratamento chimico.

Calculando-se a produção por hectare em 160.000 kilogrammas de colmo de milho, obter-se-á:

Assucar	26.000	ks.
Cellulose	32.000	"
Pastas (tortas)	1.400	"
Alcool	3.000	litros

Si desprezarmos todos esses sub-productos e to-

marmos, apenas, em consideração a cellulose, vemos que esta, nos Estados Unidos, representa menos de 25 % da materia tratada, o que é pouco; mas, ha tudo a esperar da selecção das variedades do milho, visto que já se obteve em França, na Escola de Papelaria annexa á Universidade de Grénoble, 50 % de cellulose, embora no tratamento industrial não deva contar-se com mais de 40 %. Os colmos experimentados foram da variedade conhecida pelo nome de "*Milho gigante da Servia*". Ha outras variedades que os grandes estabelecimentos hortícolas obtiveram com o fim principal de fornecer cellulose.

Segundo o Dr. Charles J. Brand, physiologista incumbido das investigações sobre plantas fibrosas na repartição das Plantas Industriaes, dos Estados Unidos, o colmo do milho fornece, principalmente, os tres productos seguintes:

1 — Fibras longas, que, devido á sua resistencia e outras qualidades desejaveis, servem para papel de abras, cartas e outros papeis superiores;

2 — Polpa para especialidades em papel (isoladores, caixas, papeis impermeaveis e numerosas outras applicações);

3 — Extracto dos solidos soluveis que, entre outras applicações, tem a de servir para o preparo da boa pasta forrageira. (Em condições normaes, uma tonelada de colmo dá uns 100 kilos de extracto solido e este contem de 8 a 12 % de proteina e, mais ou menos, 25 % de assucar de canna e invertido e outros 25 % de assucars da classe pentose e pentosana).

Emfim, a utilização immediata e remuneradora do colmo ou do bagaço de milho na fabricacão de pastas chimicas, pertence já ao dominio industrial e não admite controversia scientifica. O bom exito depende, simplesmente, da capacidade dos technicos.

NA DATA DO CENTENARIO

O 3º Congresso Nacional de Agricultura e a Conferencia Internacional Algodoeira

A Sociedade Nacional de Agricultura, que foi a organizadôra dos dois memoraveis congressos de agricultura realizados, em nosso paiz, no regimen republicano, além de muitos outros certames e comicios da maior relevancia, taes como, por exemplo, as conferencias assucareiras, algodoeira, de cereaes e de pecuaria, e as exposições nacionaes de gado, de milho, de algodão, de aparelhos a alcool, etc., desejando concorrer effizantemente para maior brilho da comemoração do centenario da Independencia do Brasil, que se verificará no anno vindouro, resolveu reunir, nesta Capital, o 3º Congresso Nacional de Agricultura e Pecuaria, sob os auspicios do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio e da Commissão Executiva da Exposição Nacional, e um Conferencia Internacional Algodoeira, sob o patrocínio do Serviço do Algodão e da alludida Commissão Executiva.

O futuro congresso, que é um commettimento de relevancia incontestavel, servirá de inquerito completo ao que temos feito num seculo de independencia em relação á agricultura e á pecuaria, além do que dictará a orientação que deve-

mas seguir para a conquista de nossa emancipação economica.

Lançando essa patriotica iniciativa, a Sociedade Nacional de Agricultura está convencida de que ella será acolhida pelo paiz com os melhores applausos e que do futuro comicio promanarão os mais fecundos proventos para a economia nacional.

Aliás, o prognostico não encerra nenhum exagero, visto que, apenas annunciado esse pensamento da Sociedade, a ella hypothecaram, desde logo, sua franca adhesão os governos federal, estaduais e municipaes, nossas associações agricolas e commerciaes, além de um já crescido numero de lavradores e criadores, naturalmente interessados na solução dos varios problemas economicos que o Congresso estudarâ.

A commissão organisadôra, cuja presidencia recai sobre o nome acatadissimo do Dr. Augusto Ramos, Vice-Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura e da Associação Commercial do Rio de Janeiro, e uma das mais brilhantes intelligencias do nosso paiz, que lhe deve incalculaveis serviços, já vem tomando as providencias prelimina-

res indispensáveis para a realização do grande Congresso, que tem como presidente de honra o Sr. Dr. Ildefonso Simões Lopes, Ministro da Agricultura.

Serão membros do futuro Congresso, segundo ficou estabelecido, os delegados dos governos Federal, Estaduais e Municipais; os membros da Sociedade N. de Agricultura; os representantes das sociedades, instituições e associações de agricultura e pecuária; os membros das comissões de agricultura e finanças do Senado Federal e da Câmara dos Deputados; os membros da Comissão Executiva da Exposição Nacional de 1922; os directores e chefes de serviço do Ministério da Agricultura e das repartições de agricultura dos Estados; os representantes das associações commerciaes e de estabelecimentos bancarios nacionaes, cooperativas e caixas rurais; os agricultores, criadores e interessados na lavoura, pecuária e industrias connexas, e os representantes das empresas de transporte, que se inscreverem, desde já, até a vespera da installação do Congresso.

O Congresso Nacional de Agricultura e Pecuária realizar-se-á no correr do mez de Setembro do anno vindouro.

Em Outubro, verificar-se-á a reunião da Conferencia Internacional Algodoeira, que, como o Congresso, tem merecido o apoio espontaneo daquelles a quem interessa.

Como se deprehende do titulo emprestado a esse comicio, elle terá um caracter internacional.

Preside a comissão organizadora da Conferencia, o Sr. Dr. Miguel Calmon, Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.

Inspira-se a iniciativa da Sociedade, que nunca, aliás, descurou do problema do algodão brasileiro, na convicção segura, em que está, de que o Brasil pôde bem ser, em época muito proxima, o maior productor dessa valiosa fibra, cujo consumo tende a augmentar no mundo, ao mesmo tempo que se ampliam as applicações industriaes dos sub-productos obtidos da preciosa malvacea.

De facto, o nosso paiz não pôde descurar desse magno problema, pois que o algodão interessa visceralmente á nossa riqueza; de que é, já, factor importantissimo, sendo até o unico producto agricola brasileiro capaz de emparelhar com o café, que é o principal.

Accresce que a situação em que nos encontramos é a mais animadora, podendo-se prevêr para o nosso paiz uma posição excepcional como grande productor dessa materia prima, que escasseia presentemente, ante as multiplas necessidades do consumo. Acontece ainda que a produção do algodão no Egypto e nos Estados Unidos, que nos tomam a dianteira, com grande vantagem, vae soffrendo uma sensivel diminuição, que, nesse ultimo paiz, foi computada, no anno passado para o fluente, na razão de 24,75 %.

As causas dessa diminuição são varias e essa situação perdurará, certamente, o que justifica o interesse com que os grandes centros manufactureros acompanham o desenvolvimento e aperfeiçoamento da cultura do algodoeiro no Brasil.

Uma prova evidente está na recente visita que nos fez o Sr. Arno S. Pearse, Secretario Geral da Federação Internacional de Algodão, de Manchester.

Para nós, entretanto, não vale só produzir: é indispensavel que adoptemos as novas e proficuas praxes culturaes; que cuidemos seriamente da selecção da semente, do beneficiamento da fibra, da standardização dos typos de algodão brasileiro, etc.

E' o que, de certo, estabelecerá a Conferencia Internacional Algodoeira.

Defesa nos nossos cannaviaes

No intuito de evitar que se propague em nossas culturas a grave molestia conhecida pelo nome de "doença de Figi", que grassa com intensidade nos cannaviaes das ilhas da Oceania, o Sr. Ministro da Agricultura pediu providencias ao seu collega da Fazenda, no sentido de não ser permitido, nos portos da Republica, o desembarque de canna de assucar, ou de sementes da mesma planta, procedentes das citadas ilhas.

Conforme informações prestadas ao Sr. ministro da Agricultura pelo director do Instituto Biologico de Defesa Agricola, a molestia em questão é considerada a mais terrivel dentre todas as que atacam as plantações de canna de assucar.

Os novos socios da Sociedade Nacional de Agricultura

De Janeiro a Maio do corrente anno, foram admittidos os seguintes socios:

Jacyntho de Carvalho Leal, Nictheroy; Antonio de Vasconcellos Filho, Triunpho, E. de Alagoas; Mario Amaral Duim, Linhares, E. E. Santo; Francisco Morgante, Ouro Fino, Minas Geraes; Dr. Belisario Soares de Souza, Capital Federal; Intendencia Municipal de Guarahy, Rio Grande do Sul; F. H. Lowndes, Capital Federal; Joaquim Benedicto de Paiva, Villa de Pedra Branca, Sul de Minas; Jordano Alves Nogueira, Livramento de Ayruooca, Minas; Antonio Silvestre da Cruz, Codó, Maranhão; Joseph Girond, Sacra Familia do Tinguá; Sociedade Maranhense de Agricultura, S. Luiz do Maranhão; Dr. João Leopoldo Moreira da Rocha, Capital Federal; Josué Puccini, Cruzeiro S. Paulo; Theophilo Guilherme Street, Lagôa Vermelha, B. G. do Sul; Maciel Richer, Rio Branco, Minas; Geraes; Dr. Oswaldo Goulart Monteiro, Itapemirim, Espirito Santo; Geraldo de Lage, Fazenda S. Geraldo, Livramento de Ayruooca, Minas Geraes; João Dias Guimarães, Aquidabam, Sergipe; Coronel Olegario Hora, Aquidabam, Sergipe; Coronel Genis Góes, Aquidabam, Sergipe; Guimarães & Leite, Aquidabam, Sergipe; Coronel Antonio Alves Cardoso, Aquidabam, Sergipe; Coronel Manoel Tourinho Moraes, Sitio do Meio, Aquidabam, Sergipe; Miguel Amelio, Therzopolis, E. do Rio; Dr. João Augusto Rodrigues Caldas, Capital Federal; Engenheiro Alberto de Andrade Pinto, Capital Federal; Brandão Franco & Cia., Capital Federal; Trajano Vaz, Bomsuccesso, Irajá, Distrito Federal; Societê Belge de Plantations au Brésil; Palane & Cia., Conde, Bahia; Antonio Joaquim de Almeida, Duas Pedras, S. Pedro, Minas; Coronel José Affonso Fontainha Sobrinho, E. do Rio; Ernesto Augusto Faro, S. Gonçalo, E. do Rio; Dr. Arthur Ramos Leal, Cantagallo, E. do Rio; José Martins Sobrinho, Cordeiro, E. do Rio; Coronel João de Moraes Martins, Visconde de Imbé, E. do Rio; Coronel Alfredo Lopes Martins, Visconde de Imbé, E. do Rio; Capitão Jovino de Lima Pinheiro, Itaocára, E. do Rio; Dr. Osorio

Tavares, Cordeiro, Cantagallo, E. do Rio; Dr. Anthero Aranha, Porto Alegre, R. G. do Sul; Balthazar de Bem, Porto Alegre, R. G. do Sul; Delphino M. Riet, Porto Alegre, R. G. do Sul; Francisco de Macedo Couto, Porto Alegre, R. G. do Sul; Francisco Martins de Carvalho, Porto Alegre, R. G. do Sul; Feliciano Gonçalves Vieira, Porto Alegre, R. G. do Sul; G. Echenique Filho, Porto Alegre, R. G. do Sul; George L. Waltzel, Porto Alegre, R. G. do Sul; J. A. Martins, Porto Alegre, R. G. do Sul; José Fernandes Porto, Porto Alegre, R. G. do Sul; José Carlos Ferreira, Porto Alegre, R. G. do Sul; João Prati Filho, Porto Alegre, R. G. do Sul; Dr. João V. de Macedo, Porto Alegre, R. G. do Sul; João Baptista da Camara Couto, Porto Alegre, R. G. do Sul; João Luiz Lima, Porto Alegre, R. G. do Sul; José Lopes Arnaní, Porto Alegre, R. G. do Sul; Luiz Acylyno Palmeiro, Porto Alegre, R. G. do Sul; Luiz G. Gomes de Freitas, Porto Alegre, R. G. do Sul; Oswaldo Lara Palmeiro, Porto Alegre, R. G. do Sul; Oscar Carneiro Fontaine, Porto Alegre, R. G. do Sul; Octacilio Macedo, Porto Alegre, R. G. do Sul; Paulino Sá Dornelles, Porto Alegre, R. G. do Sul; Parmenio Palmeiro, Porto Alegre, R. G. do Sul; S. C. Echenique, Porto Alegre, R. G. do Sul; Sociedade Avícola do R. G. do Sul, Pelotas, R. G. do Sul; Trajano Antonio da Silveira, Porto Alegre, R. G. do Sul; Dr. Vicente José de Miranda, Belém, Pará; Wolny Rasnier, Porto Alegre, R. G. do Sul; Dr. Antonio do Prado Lopes Pereira, Districto Federal; Coronel Esequiel Baptista da Silva, S. Salvador, Bahia; Coronel Ottoni Diniz Manso Monteiro, Porto Novo do Cunha, Minas; Emilia Corrêa, Porto Alegre, R. G. do Sul; Collares & Irmãos, Porto Alegre, R. G. do Sul; Candido Canion, Porto Alegre, R. G. do Sul; Carlos Riet, Porto Alegre, R. G. do Sul; Dr. An-

tonio Simões Cantera, Porto Alegre, R. G. do Sul; Aristides Guerra, Porto Alegre, R. G. do Sul; Adolpho Etzberger, Porto Alegre, R. G. do Sul; Alipio Sant'Anna Saldanha, Porto Alegre, R. G. do Sul; Alovindo Fernandes, Porto Alegre, R. G. do Sul; Adalberto Corrêa, Porto Alegre, R. G. do Sul; Alnizio Escobar, Porto Alegre, R. G. do Sul; Albito Bins, Porto Alegre, R. G. do Sul; Armando de Alencar, Porto Alegre, R. G. do Sul; Anselmo Garrastazu, Porto Alegre, R. G. do Sul; Antonio Maria Martins & Filhos, Porto Alegre, R. G. do Sul; Antonio Pimentel Magalhães, Porto Alegre, R. G. do Sul; Antonio O. Macedo, Porto Alegre, R. G. do Sul; Tupy Silveira, Porto Alegre, R. G. do Sul; Vicente Lucas da Lemos, Porto Alegre, R. G. do Sul; Martins Pous & Filhos, Porto Alegre, R. G. do Sul; Dr. Martins Soares, Porto Alegre, R. G. do Sul; Manoel Alves Sarmiento, Porto Alegre, R. G. do Sul; Manoel Candido Xavier, D. Pedrito, R. G. do Sul; Leonidas de Assis Brasil, São Gabriel, R. G. do Sul; José Osorio Marques, Porto Alegre, R. G. do Sul; José Galvão Paiva, Porto Alegre, R. G. do Sul; José Pimentel de Magalhães, Porto Alegre, R. G. do Sul; José Alves Vieira, Porto Alegre, R. G. do Sul; José Maglie, Porto Alegre, R. G. do Sul; Rodolpho Maglie, Porto Alegre, R. G. do Sul; Viuva Dr. Lauro Dornelles & Cia, Porto Alegre, R. G. do Sul; Joaquim Pimentel Magalhães, Porto Alegre, R. G. do Sul; Sebastião Brandão, Capital Federal, Erich Lundh, Capital Federal; Martiniano Monticiez Ribeiro, Codó, Maranhão; Coronel Adolpho Sá, Theophilus Ottoni, Minas Geraes; Dr. Godofredo Maciel, Capital Federal, Dr. Segisfredo Alves Ribeiro, Jabotão, Pernambuco; Jesus Gonçalves, Capital Federal; Dr. J. Stockler Coimbra, Rio Casca, Minas Geraes; Delphim Barbosa, Porto Alegre, R. G. do Sul.

As semanas da Sociedade

DISCUSSÕES E DELIBERAÇÕES

SESSÃO DE DIRECTORIA — 1 DE JULHO DE 1921

Presidência do Sr. Miguel Calmon. Convocação especial para tratar da baixa do cambio e da sua repercussão na agricultura. O Sr. presidente, aprovada a acta da sessão anterior, transfere para a próxima reunião ordinaria o volumoso expediente, destacando apenas tres cartas, por tratarem de assumptos connexos ao que era objecto dos trabalhos do dia.

A primeira dessas cartas, firmada pelo Dr. Jacyntho Gomes, autor de um projecto para a organização commercial dos productores riograndenses, — sobre o qual a Sociedade já emittira parecer, approvando-o, por meio de commissão especial — informa a Sociedade acerca dos felizes resultados da sua propaganda naquella sentida, alludindo á fundação da Cooperativa Cachoeirense dos plantadores de arroz e á União Cooperativa dos criadores da zona pastoril de Cachoeira, no R. G. do Sul.

A segunda carta, do Dr. Sylvio Penteado, faz á Sociedade uma longa exposição relativa á organização da exportação nacional, considerando-a como preliminar á solução da nossa crise economico-financeira, tendo se resolvido que a alludida exposição seja examinada sem demora pela commissão já nomeada, que orientará a Sociedade sobre o modo como deverá manifestar-se a respeito da materia.

A terceira carta, do Centro Commercial e Pastoral de Barretos, reitera o pedido feito á Sociedade para intervir junto aos poderes publicos no sentido de serem tomadas diversas providencias urgen-

tes em favor do commercio de gado no referido municipio paulista.

Esta carta dá ensejo a animados debates, em que tomaram parte, entre outros oradores, o Sr. Presidente, declarando já se haver desempenhado de grande parte da incumbencia recebida do Centro de Barretos, e tratando tambem da iniquidade do imposto de exportação de gado, e, ainda, do credito necessario á pecuaria, e o Sr. Henrique Silva, que advoga os interesses dos criadores goyanos e mattogrossenses.

A BAIXA DO CAMBIO E A DEFESA DA PRODUÇÃO

Seguidamente a esses debates, o

Sr. Presidente retoma a discussão do assumpto da ordem do dia da sessão anterior, que fôra interrompida para se realizar a conferencia sobre a pecuaria nos Estados Unidos, presidida pelo Sr. Ministro da Agricultura.

Reporta-se ás suas ultimas palavras naquella sessão, em que concluiu dizendo que, em vista da depreciação exaggerada dos nossos productos, que fez passar o preço medio em ouro da tonelada exportada este anno a menos de metade do que era o anno passado, ficando pela primeira vez abaixo do valor medio da tonelada importada, impunha-se uma politica severa de restricção das importações, sobretudo das mercadorias que pudessem encontrar succedaneos no paiz. Passa, depois, a tratar da baixa do cambio e da sua repercussão na lavoura, assignalando, desde logo, que, sem ella, a quasi fo-

talidade dos nossos productos não se poderia actualmente exportar.

Hoje — continúa — os economistas são accordes em reconhecer que a baixa do cambio é o maior incentivo a exportação, como se verificou em varios paizes da Europa depois da guerra. Ainda agora, a Allemanha é um espantinho na concurrencia com as outras nações, devido a depreciação do marco. Não ha muito, na Sociedade de Economia Política da França, se observava que a grande vantagem daquelle paiz em relação aos outros productores decorria de circumstancia de ter sido a depreciação da moeda, alli, na razão de 1 para 17, ao passo que o custo da vida variava na razão de 1 para 12. Isso não quer dizer que advogue uma taxa de cambio muito baixa, pois é o primeiro a reconhecer que a vida financeira e a vida commercial do paiz não podem supportar impunemente uma excessiva depreciação da moeda, principalmente tão rapida e accentuada, como a que tivemos de um anno a esta parte. Mas os paizes que mantêm os seus cambios á taxa alta cuidaram seriamente de amparar a produção, de que são exemplo typico os Estados Unidos. Sem esse amparo efficaz, nos casos de crise de preços, é o cambio baixo a unica protecção dos productores e o correctivo ao desequilibrio da balança commercial.

Embora — prosegue — considere de effeito ephemero qualquer intervenção do Governo no mercado de cambio, acha que não pode deixar de ser acompanhada, caso se dê, de medidas excepcionaes de auxilio em favor da produção exportavel. Ainda mesmo que a alta se viesse a dar em virtude do bom exito da valorização do café, não poderiam ficar os demais productos nacionaes desamparados. Por isso, propõe que a Directoria apoie as conclusões relativas ao amparo da produção nacional, apresentadas na grande reunião do commercio, da industria e da lavoura, promovida pela Associação Commercial do Rio de Janeiro.

Pede, em seguida, a palavra o Sr. Augusto Ramos, que, não tendo lido a acta da reunião anterior, e comparecendo á mesma com um certo atraso, não podendo pois, ter tido conhecimento das razões que tiveram os Srs. Ozorio de Almeida e Silva Telles para se opporem a idéa de utilizar a reserva metallica existente na Caixa de Conversão, solicita-lhes esclarecimentos.

O Sr. Silva Telles toma, então, a palavra, para, mantendo a sua opinião, ler uma contestação ao que publicara o "Jornal do Commercio" em relação ao assumpto. Eis a contestação lida:

"Estamos diante de uma situação de desespero, que não comporta mais protelação... A necessidade é de providencias immediatas e não de exhibição de pontos de vista diversos segundo o criterio de cada um" (Jornal do Commercio). Não obstante, sinto de meu dever dizer o que penso. Pouco adianta realmente remontar ás causas da afflictiva situação do momento, mas como se pôde pretender resolver a crise de hoje sem pensar no amanhã? Nenhum presente se pode divorciar do futuro. Como medida de momento, em sua efficacia, capaz de tirar o Brasil da imminencia de uma catastrophe, pede-se ouro para acudir ás necessidades imperiosas, para "atalhar e impedir a qualquer preço a baixa do cambio, assumpto principal, que só comporta dous temas: — Café e cambio — (Do Jornal do Commercio).

"Temos o café em regimen de valorização e, diz-se "cujo preço nos mercados consumidores poderemos soberanamente ditar, e aconselha-se tirar todo partido possível da valorização em andamento para conjurar a tremenda crise que nos assoberba" (Do Jornal do Commercio)

"Cifra-se tudo em substituir o ouro do fundo de garantia por café, "hoje em alta progressiva e segura" (Do Jornal do Commercio).

"Com esse ouro "impedir a descida do cambio

e elevar de alguns pontos a tabella" (Do Jornal do Commercio).

"Sem pretender protelar discussão sobre thema tão delicado, ousou dizer com franqueza minha opinião, movido só por interesse legitimo das nossas cousas publicas. Em primeiro lugar, não considero tão seguro o valor do café, para que se lhe attribua o poder do ouro. O valor do café está sujeito a oscillações, por mais que artificialmente se lhe esteja attribuindo uma alta cotação. Ninguem pode assegurar até que limite chegará o sacrificio a fazer para manter o artigo em alta nos mercados.

"Não compreendo como se poderá evitar nos mercados consumidores a impressão incommoda desse grande deposito de café aqui valorizado e que poderá de repente ser lançado, inundando as praças, e, então, a que preços? Quem não se lembra de quanto esteve perturbado o curso geral dos preços do artigo na grande valorização de 1906? Quem não se lembra do que, para essa valorização, teve S. Paulo de empenhar? Só de um emprestimo... 15.000.000 esterlinos! E, dahi, para cá, quantas valorizações? E, ainda, serão acaso sufficientes os 7.000.000 Lib. do fundo de garantia para custear a valorização e tambem para salvar dos apuros o mercado de cambio?

"Ainda uma pequena consideração: O ouro guardado ahi se conserva intacto, immovel... A qualquer momento ahi se o encontra com seu valor inalterado; o café exige grandes armazens, cuidados na conservação, reensaques, etc., etc. despesas constantes; num momento de necessidade premente... qual o seu valor? E quem nos pôde assegurar que, pela acuidade do momento, não teremos amanhã dias de novas e talvez mais dolorosas afflicções? E então?

"Não! Esse pequeno fundo de garantia deve ser respeitado. Ahi está o que penso no tocante ao ouro de nossa reserva.

Nem se diga que o Brasil está na imminencia da ruina e só tem salvação nesses minguaos 7.000.000 esterlinos."

Falou depois o Sr. Ozorio de Almeida, que declarou estarem perfeitamente bem synthetizadas suas idéas na acta da sessão anterior. O orador não é um especialista; discutiu o assumpto para attender a uma amavel solicitação do Sr. Silva Telles, cuja opinião no momento esposara, mantendo-se ainda no mesmo ponto de vista.

Lê-se, então, para o Sr. Augusto Ramos, a summa do discurso do Sr. Ozorio de Almeida. O Sr. Augusto Ramos toma depois, a palavra e, antes de ler o seu trabalho sobre a influencia do cambio na produção, combate a opinião do Sr. Silva Telles em relação á valorização do café, fazendo um longo estudo retrospectivo das valorizações desse producto.

Com a palavra, o Sr. Augusto Ramos põe em evidencia a differença que existe entre a situação actual e a de 1906. A terceira valorização que o orador propõe é motivada por um estado anormal dos mercados do mundo e da economia dos povos. O lemma geral é importar muito menos e exportar o maximo. Occorrem, além disso, outros factores, cumprindo-lhe salientar que o café, que no anno passado estava a preços razoaveis, cahiu de 24 centavos em 1919 para 6 centavos actualmente. Entretanto, o orador acha que a situação desse producto não é desoladora. Ao contrario, antevê para elle um futuro promissôr, visto que não ha recio de superprodução, tudo levando a crêr que a sua situação melhorará em breve, o que é absolutamente opposto ao occorrido quando das outras valorizações.

Feitas essas considerações, o orador lê a sua brilhante exposição, finda a qual é cumprimentado, estabelecendo-se depois a annunciada discussão em torno da crise economica e financeira do paiz, sobre a qual tambem se pronuncia o Sr. Presidente que, depois de consultar a casa, declara que a

Sociedade Nacional de Agricultura assegura os seus applausos ás suggestões que se referem ao amparo da producção nacional, apresentadas pela Associação Commercial.

Em seguida, suspende os trabalhos, agradecendo a collaboração dos seus collegas.

SESSÃO DE DIRECTORIA — EM 5 DE JULHO DE 1921

Presidência do Sr. Miguel Calmon. Aberta a sessão e approvada a acta da anterior, tem a palavra o Sr. Beniamin H. Hunnicutt, director da Escola Agrícola de Lavras.

EXPOSIÇÃO REGIONAL DE LAVRAS — COMMUNICANDO À SOCIEDADE A PROXIMA REALIZAÇÃO, EM LAVRAS, DE UMA EXPOSIÇÃO REGIONAL, PROMOVIDA PELA RECENTE-FUNDADA ESCOLA AGRÍCOLA DO MUNICÍPIO DESSE NOME, O ORADOR FAZ A APOLOGIA DAS EXPOSIÇÕES DESSE NATUREZA, MOSTRANDO COMO COM DIMINUTA DESPEZA SE PODEM LEVAR A EFFECTO TAES EMPREHENDIMENTOS, CUJA UTILIDADE ESTÁ JÁ NA CONSCIÊNCIA DE TODOS. TERMINA O ORADOR PROPONDO À SOCIEDADE QUE ELA ENCRETÉ UMA PROPAGANDA NO SENTIDO DE SEREM GENERALIZADAS AS EXPOSIÇÕES REGIONAES, APPELLO QUE O SR. PRESIDENTE ACOLHE COM O MELHOR APREÇO, POR ISSO QUE AS IDÉAS DO SR. HUNNICUTT ESTAVAM EM PLENO ACORDO COM AS QUE, A RESPEITO, ADOPTÁRA A SOCIEDADE, QUE JÁ TÊM PROMOVIDO TAES CERTAMENS E NUNCA LLES NEGOU SEUS APPLAUSOS.

O Sr. Presidente tem, então, occasião de referir-se aos excellentes resultados oriundos das exposições regionaes que se têm realizado nos Estados, salientando os seus beneficos effectos. Refere-se especialmente ás exposições regionaes do Rio Grande do Sul e á recente, levada a effecto em Cordeiro, Estado do Rio.

O Sr. Victor Leivas, alludindo ás exposições rio-grandenses, exalta as virtudes dessa iniciativa, pondo em realce o papel que desempenhára, em tal assumpto, como propagandista, a Sociedade Agrícola e Pastoral.

Proseguindo no seu commentario, pede o Sr. Presidente ao Sr. Hunnicutt que represente a Sociedade na Exposição Regional de Lavras, sobre a qual desejava obter as mais completas notas, que procuraria divulgar, para exemplo dos outros municipios.

A CRISE DA AMAZONIA — Propõe, em seguida,

o Sr. Presidente um voto de congratulações com o Sr. Bento Miranda, pelo projecto que acabára de apresentar á Commissão de Finanças da Camara dos Deputados, em relação á grave crise da Amazonia, recordando, a proposito, que S. Ex. apresentára á Sociedade, poucos dias atraz, uma brilhante exposição a esse respeito, tendo sido intuito da casa mandal-a á Camara, para seu detido estudo. Acõrree, porém, que a Sociedade, tempos atraz, enviára ao Congresso uma representação sobre o assumpto, tendo sido a mesma distribuida áquelle deputado para dar parecer. S. Ex., fazendo-o, formulou o projecto em questão, a que a Sociedade deve dar todo o apoio, visto consultar os grandes interesses da região amazonica. Nessas condições, o Sr. Presidente propõe ainda que a Sociedade leve á Camara uma moção de applausos a esse projecto, insistindo junto ao Congresso por que o mesmo se transforme em lei.

O assumpto desperta grande interesse e dá lugar a demorada discussão.

Fala, em primeiro lugar, o Sr. Alberto Moreira, que pede o prestigio da Sociedade em favor do projecto do deputado Figueiredo Rodrigues, contendo medidas de defeza á região em crise. O orador estende-se em considerações referents á situação angustiosa dos Estados do extremo-norte, de-

pois do que o Sr. Presidente diz que o appello formulado pelo seu collega era inteiramente justo; pensa tambem que a situação premente da Amazonia requer socorro immediato. Entretanto, é de parecer que o auxilio a ser prestado, no momento, para occorrer ás necessidades daquella região faminta, escassa de recursos, deve ser reduzido ao mínimo, devendo-se, entretanto, dotal-a de outros recursos de caracter duradouro, permanente, pois cumpre não descurar do seu futuro. E, por isso mesmo, a Sociedade, sem modificar a sua anterior resolução relativamente ao projecto Bento Miranda, acolhe a proposta do Sr. Alberto Moreira e envidará esforços por que seja levado á Amazonia o auxilio que ella reclama.

Em seguida, fala o Sr. Augusto Ramos, já por vezes — disse — na Associação Commercial, onde tambem repercutiu a crise amazonica, requereu medidas de protecção para os brasileiros que nessa região vivem. Na Sociedade, voltava a falar sobre o assumpto, com grande tristeza. Mas não pôde calar-se, como brasileiro que é, e assim declara que o projecto do Sr. Bento Miranda é digno dos melhores applausos, mas é um projecto de resultados lentos. E' que a situação da Amazonia requer solução immediata, e o projecto em questão apresenta certas difficuldades de execução, que a agudeza da crise não comporta. O orador aponta, então, essas difficuldades, para dizer que o que se verifica naquella região é um caso de calamidade publica e por isso não vê que se possa fazer outra cousa sinão o que se tem feito e se faz em taes oportunidades em favor das populações flagelladas. Parece-lhe que só um estudo local determinaria a forma conveniente de prestar auxilios, mais ou menos remotos, aos seringueiros. Isso, porém, repete, demandaria longo tempo, o que seria sobretudo condemnavel. Dá com toda sinceridade o seu apoio ao projecto Bento Miranda e á proposta Alberto Moreira, principalmente a esta, e, terminando, appella para todos os brasileiros, no sentido de que promovam o socorro immediato aos seus irmãos do norte.

Fala depois o Sr. Bento Miranda. Diz que o Governo não tem totalmente descurado da Amazonia. O Pará, por exemplo, já recebera 15 mil contos de réis, dos trinta mil contos votados para allivio da situação desse Estado e do Amazonas. Além disso, o Pará teve mais 2.500 contos de réis, que lhe foram cedidos, para a fundação de colonias em certas zonas, afim de localizar as populações que abandonaram os seringaes, tocadas pela miseria. Mas, não é tudo. Precisamos levar áquelles brasileiros outros recursos, imprescindiveis. E justifica as medidas que representam a essencia do seu projecto.

A seguir, o Sr. Miranda Jordão recorda toda a accção da Associação Commercial do Rio de Janeiro em prol da Amazonia, hypothecando, por ultimo, sua solidariedade aos esforços da Sociedade, expendidos no mesmo sentido.

O Sr. Osorio de Almeida faz tambem considerações a respeito, lembrando que a Sociedade deveria pedir ao Governo que, ao envez de emprestar aos Governos dos Estados, despenda, por conta da União, um auxilio directo até 15.000 contos.

Todos esses alvitres foram tomados na devida consideração e serão objecto de representações da Sociedade ao Congresso e ao Sr. Presidente da Republica.

O ALCOOL INDUSTRIAL Terminados os debates sobre a crise da Amazonia, o Sr. Presidente chama attenção dos seus collegas para os recentes actos do Sr. Ministro da Fazenda, isentando de imposto o assucar triturado e creando facilidades com relação ao alcool destinado a fins industriaes, providencias essas que, pelos beneficos que vão levar aos produtores do norte, merecem os louvores sinceros da

Sociedade. Salienta a importancia da decisão no que respeita ao alcool, cujas applicações industriaes muito contribuirão para o alargamento do consumo desse producto entre nós, sem prejuizo da saúde das nossas populações.

A Sociedade — prosegue — ha tempos já solicitára dos poderes publicos a adopção de medidas capazes de generalizar o consumo desse artigo nos motores de explosão, no aquecimento e na iluminação. No momento, essas medidas se impõem, pois estamos numa situação — já o tem dito muitas vezes — em que é preciso restringir as importações e, no caso, hem poderíamos substituir, em parte, por esse producto nacional, o petroleo e a gazolina que nos vêm do estrangeiro. O momento é azado, repete ainda, por que os preços baixos em que se encontra o alcool facilitam a propaganda em favor de sua utilização.

A Sociedade, ha alguns annos, fez essa propaganda, mas não se chegou a um resultado definitivo pelas flutuações de preço do alcool. Não havia, então, o imposto actual pezando sobre o producto destinado a bebidas, e do qual hem se poderia applicar uma boa parte no estimular por todos os meios aquellas variadas applicações. Foi o que se fez na Allemanha e na França em relação ao alcool carburetado.

Estabelece-se, nesse ponto, ligeiro debate, tendo o Sr. Carlos Lyra evidenciado as difficuldades com que lutam os uzineiros de Pernambuco em face dos preços baixos do alcool nos mercados locais, além de ser um producto que não tem saída. O Sr. Lyra acha providencial o amparo a esse artigo e dá os seus applausos ás palavras do Sr. Miguel Calmon.

A INDUSTRIA ASSUCAREIRA EM SERGIPE

Depois de agradecer a offerta, feita pelo Sr. Tybirigá, de um exemplar da Brazilian Business, publicação da Camara Americana de Commercio, e após ter transmittido as suas impressões sobre a recém-encerrada Exposição Avicola, em que a Sociedade se fez representar, o Sr. Presidente passa ao expediente, e lê um telegramma do Sr. Presidente do Estado de Sergipe, dirigido ao deputado Graccho Cardoso, pedindo o amparo da Sociedade Nacional de Agricultura ás pretensões dos industriaes e agricultores daquelle Estado, expostas em telegramma endereçado á mesma pela Sociedade Sergipana de Agricultura.

O Sr. Presidente informa os seus collegas acerca do desejo dessa Sociedade, que são: fixação de preços mínimos para o assucar e abertura de mercados estrangeiros. E refere, em seguida, as providencias que a Sociedade tomara, dirigindo-se ao Sr. Presidente da Republica, no sentido dos votos emittidos por aquella co-irmã. Parece-lhe urgente e imprescindível a concessão de facilidades de credito aos productores, para que não venha a periclitár a industria assucareira de Sergipe, alicerce da sua riqueza economica.

Como o assumpto é muito interessante — continua — mas demanda uma solução definitiva, a Sociedade deve formular um plano de defezo do assucar, para ser apresentado ao Governo. Para isso, nomeia a seguinte commissão: Augusto Ramos, Luiz Guaraná, L. Corrêa de Brito, Graccho Cardoso e Carlos Lyra, que se reunirá na proxima semana, juntamente com a commissão que estuda as causas da diminuição das nossas exportações.

G CACA'O Depois de lidas numerosas cartas pedidos, communicações e agradecimentos á Sociedade, o Sr. Presidente lê uma carta do Sr. Henrique Devoto, a qual despertou grande interesse, versando sobre a falta de defezo do produtor de cacao bahiano e a difficuldade de o trazer ao regimen cooperativista, devido, principalmente, á ganancia dos intermediarios.

Approvadas, depois, varias propostas para socios, e despachado o expediente, o Sr. Presidente encerra a sessão.

SESSÃO DE DIRECTORIA PRESIDENCIA DO SR. MIGUEL CALMON, 12 DE JULHO DE 1921

Procedida a acta da sessão anterior, tem inicio a leitura do expediente, sendo, em primeiro lugar, lido um telegramma do Sr. Ervidio Velho, inspector agricola federal na Bahia, communicando á Sociedade que, terminada a safra de cacau de 1920-1921, se verificára ter o Estado attingido o seu primeiro milhão de saccas, no valor official de 64.000 contos.

A casa acolhe com effusiva sympathia a noticia, a proposito da qual declara o Sr. presidente que a Sociedade se congratulava com os lavradores bahianos pelo auspicioso acontecimento.

OBRAS DO JEQUITINHONHA —

Procede-se, em seguida, á leitura de um telegramma do Sr. Hermelino de Assis, intendente do municipio de Belmonte, Bahia, pedindo á Sociedade intercedesse junto ao Sr. presidente da Republica afim de ser dada sancção á lei que autoriza o Executivo a despender mil contos de réis para occorrer ás obras do rio Jequitinhonha.

Dando o melhor acolhimento a esse appello, diz o Sr. presidente que a Sociedade assim o fazia, porque conhecia sobejamente a necessidade e urgencia de taes obras, que representam a segurança da existencia da cidade de Belmonte que, ainda no anno passado, em consequencia das cheias do rio Jequitinhonha, quasi foi devastada, e continua ameaçada de destruição.

Alías, a Sociedade já naquella occasião amparara pedido identico, não podendo, pois, deixar de aquiescer ao presente appello, que levará ao Sr. presidente da Republica, convencida de que S. Ex. não vetará projecto de tão grande utilidade.

OS JAPONEZES E O ARROZ —

Depois de lida uma communicação da Sociedade Avicola do Rio Grande do Sul sobre a proxima realisação da 5ª Exposição Annual promovida pela mesma, o Sr. presidente lê uma carta da Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha, companhia japonesa de colonisação e agricultura, recentemente estabelecida em S. Paulo, pedindo, para experiencias em sua colonia de Iguape, o fornecimento do arroz cultivado no norte do paiz, ou a indicação de quem, no commercio, o possa fornecer. Salientando o cuidado e o empenho que os japonezes põem na cultura e selecção do arroz, o Sr. presidente declara que a Sociedade procurará attender, com a maior brevidade, ao pedido em questão.

Por fim, lêem-se numerosos papeis, constituidos por telegrammas, cartas, officios de communicações; pedidos, agradecimentos, etc.

SOCIOS NOVOS — São propostos e acceptos: coronel Manoel Augusto Brasileiro, Amelio Alegria e Silva, Nemesio Gomes da Cunha e José Travassos Vieira, de Nietheroy; José F. Faria e Dr. R. de Freitas Lima, desta capital; Murillo Ferreira Sampaio, de Pinheiro.

O ZEBU" E A PESTE BOVINA Passando-se á ordem do dia, tem a palavra o Sr. Joaquim Luiz Ozorio, que lê o parecer da commissão incumbida de estudar o zebu em face da peste bovina, e cujas conclusões são as seguintes:

1ª — Applauda o acto do Poder Exeuntivo Federal que suspendeu temporariamente a importação e a entrada, no Brasil, do gado zebu, por qualquer dos portos e fronteiras da Republica;

2ª — Julga que tal importação deve ser autorizada pelo Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, subordinada ás condições estabelecidas no Regulamento do Serviço de Industria Pastoral, approvedo pelo decreto n. 14.711, de 5 de Março de 1921, e depois da construcção de um unico laza-

reto veterinario especial, que deverá ser em uma das filhas do porto do Rio de Janeiro, onde serão feitas as devidas provas scientificas, durante o tempo julgado necessario pelo Serviço de Industria Pastoral, de modo que ampare a defeza dos nossos rebanhos;

3ª — Lembra a conveniencia do Poder Executivo Federal estender a observancia de rigorosas medidas de defeza sanitaria a quaesquer outros artigos, capazes de transmitir ou vehicular a peste bovina, de procedencia da Asia, Africa e de outras regiões suspeitas.

O parecer e as conclusões ficam para ser discutidos na proxima sessão de Directoria, em vista da extrema importancia do assumpto.

OS FRIGORIFICOS E OS IMPOSTOS

Trata seguidamente, o Sr. Carlos Monteiro de Barros da situação da industria de frigorificos perante os impostos excessivos que a gravam, lendo, a respeito, cartas que esclarecem o assumpto.

O Sr. presidente occupa-se tambem da materia, evidenciando que a situação exposta pelo Sr. Carlos Monteiro de Barros é realmente critica, tanto mais quanto a nova industria de frigorificos acaba de soffrer incalculaveis prejuizos com a irrupção da peste bovina. Entretanto, julgada esta, como parece estar—prosegue S. Ex.—poderiam os criadores e industrias confiar em melhores dias. Infelizmente, estão disso impedidos pelo exaggero dos onus que pesam sobre o commercio de gado e os frigorificos.

E' de lamentar que, nas circumstancias presentes, em que devemos augmentar as exportações para minorar as nossas difficuldades financeiras, não possamos restabelecer desde logo, e estimular por todos os meios, a exportação dos productos animaes, destinados a supprir o "deficit" verificado em nossa balança commercial.

Eis porque a Sociedade assegura o seu apoio aos dos impostos e impedindo-se, dess'arte, o imminente reclamamos que lhe traz o Sr. Monteiro de Barros e promete enviar todos os esforços para que se modifique tal estado de cousas, obtendo-se a redução fechamento dos frigorificos.

Nesse sentido, desde logo, a Sociedade solicitará do governo federal intervenha junto aos dos Estados interessados no desenvolvimento dessa industria, por isso que se trata de productos da maior importancia no nosso intercambio commercial.

CREDITO BANCARIO — Após ter o Sr. Augusto Ramos explicado as razões porque não apresentára ainda seu parecer á commissão incumbida de examinar o projecto do Sr. Sylvio Penteadado sobre a defeza permanente do café, o Sr. presidente concede a palavra ao Sr. Carlos Inglez de Souza, que lê importante conferencia sobre a situação cambial, da qual se destacam estes trechos de grande acuidade no momento:

"Basta ver o colossal encaixe do "Banco de La Nacion", para ajuizar-se de sua influencia bancaria. Em 31 de dezembro de 1920 o numerario disponivel, em caixa, attingia a 420 milhões de pesos, enquanto o mais importante dos bancos estrangeiros não passava de 60 milhões! Por isso, aquelle estabelecimento é o orgulho dos argentinos. E' um banco que auxilia de verdade as classes productoras. E para prova apresento-me como testemunha. Fui alguns annos estabelecido em Buenos Aires e com o mesmo tive contacto. Por indicação de um amigo, recorri pela primeira vez ao Banco. Informavam-me que essa casa de credito ordenava nos seus estatutos o amparo a pequenos e grandes. Custei a acreditar, mas lá fui, falei ao sub-gerente, que me perguntou se eu era estabelecido no paiz. Respondendo-lhe affirmativamente, pediu-me que arranjasse uma carta de apresentação de pessoa conhecida do Banco. E se assim me aconselhava, assim tratei de obtela. As condições do empréstimo do "Banco de La Nacion" eram: prazo de um an-

no, juros de 7 % e amortizações trimestraes de 25 %. Uma vez satisfeitas com pontualidade as duas primeiras prestações, isto é, quando já se saldou a metade da divida, renova-se o emprestimo. Dessa forma, a divida se torna permanente e o Banco vai ampliando o credito á medida do desenvolvimento dos negocios do cliente. E' sufficiente um balanço de suas transacções, que o estabelecimento examina.

Foi desse modo, senhores, que um simples brasileiro como eu, começando por obter dous mil pesos, foi subindo a cinco mil, a dez mil, etc. E' preciso frisar que eu levantava sempre o dinheiro sómente com a minha unica firma, como é de praxe no "Banco de La Nacion Argentina". Eis ali o que se chama um estabelecimento de credito, de onde usufruem proventos seguros e inestimaveis as classes que produzem".

Despachado o expediente, é encerrada a sessão.

SESSÃO DE DIRECTORIA Presidencia do Sr. Lyra Castro, por doente o Sr. Miguel Calmon.

Approvada a acta anterior, lê-se o expediente, que é copioso e encerra materia de importancia.

SOCIOS NOVOS São propostos e acceitos: Municipalidade de Annapolis, Municipalidade de Campo Fomoso, Sr. José Gomes Souza, Dr. Joel de Oliveira Monteiro, D. Luiza Francisca de Souza, Francisco Xavier, Arlindo Costa, Lafayette Teixeira Franca, Abelardo Ignacio Rodrigues, Claudio Bertholdo de Souza, Antonio Felix do Sacramento Junior, Major José Candido de Souza, Manoel Pereira de Souza, Dr. Barthazar de Souza, Arlindo da Silva Bailão, D. Antenorina Sant'Anna, Dr. Faustino Placido Nascimento, Egerineu Teixeira, Lauro de Souza Castro, Coronel João Pereira de Souza Dutra, José Gomes de Souza Junior, Coronel Joaquim José da Silva, Eulydes Tolentino Brotas, Eustorgio Borges, Virgilio Regis, Major Terencio Pereira Cardoso, Dr. Ayrosa Alves de Castro, Coronel Felismino de Souza Vianna, Coronel Francisco de Assis Moraes, Coronel Pio José da Silva, todos do Estado de Goyaz e propostos pelo Sr. Moysés A. de Santa Anna; Sr. Jacques Muller, de Passaquatro; Sr. J. Mello Filho, desta capital; deputado Jadyr Andrade, de Recife.

Entra-se a seguir, na ordem do dia, que, como ficára deliberado, deveria constar da leitura de pareceres elaborados pelas diversas commissões e da discussão do parecer da commissão incumbida de opinar sobre o zebú em face da peste bovina.

A DEFESA DO ASSUCAR — O Sr. presidente faz ler as conclusões da commissão nomeada para formular um plano de defeza permanente do assucar, e que estão assim redigidas:

"O governo entrará immediatamente em accordo com o Banco do Brasil para emprestar aos productores de assucar a importancia de quinze mil réis por sacco de assucar de usina e oito mil réis por sacco de assucar de bangue, pelo prazo de um anno e sob penhor da safra, de accordo com a média de produção de cada estabelecimento nos ultimos tres annos.

A taxa de juro do emprestimo será de 7 % ao anno.

Os titulos do emprestimo acima autorizado serão redescontados com o simples endosso do Banco do Brasil".

A DEFESA DO CAFE' Em seguida, o Sr. presidente procede á leitura do parecer do Sr. Silva Telles, em relação ao projecto de defeza permanente do café, submettido á apreciação da Sociedade pelo Sr. Sylvio Penteadado. O parecer é do teor seguinte:

"Vencerá quem tiver melhores municações e tambem superioridade na tactica".

E' verdade que perfeitamente se applica no embate em que se empenha a sorte da nossa produçãõ cafeeira; têm-nos faltado sempre as munições e nunca desenvolvemos tactica alguma nesse campo de acção.

O mais palpitante dos nossos interesses economicos tem andado sempre conduzido á simples lei do acaso; dahi, em grande parte, as constantes crises que tanto entorpecem a vitalidade do paiz. De todo ponto louvavel e digno de attenção é o esforço do Sr. Silvio Penteado, suggerindo um plano tendente á possível estabilisação das boas condições em que se desenvolva o commercio do grande producto brasileiro, commercio este que se mantem na incomprehensivel pratica de ter a produçãõ seu valor, seu preço soberanamente feito e imposto pelo comprador! E dizer que somos os quasi exclusivos productores do artigo, entrando por todos os mercados do mundo...

O Sr. Silvio Penteado colloca seu plano de defeza permanente de café sobre tres termos:

— Regularizaçãõ do supprimento de café aos dous grandes entrepostos de exportação, Santos e Rio de Janeiro;

— determinaçãõ de um preço remunerador;

— provimento dos meios adequados a estabilisaçãõ das exportações do café na proximidade desse preço.

A regulamentaçãõ dos supprimentos é evidentemente necessaria e conveniente; o consumo do café se distribue regularmente pelos doze mezes do anno e, pois, é sempre perturbador o abarrotamento nos mercados com a expediçãõ do grosso das colheitas numa só quadra do anno.

A determinaçãõ do preço remunerador é ponto tratado engenhosamente pelo Sr. Silvio Penteado. Realmente, não se comprehende que só o comprador faça e imponha preço á mercadoria. E' isso anomalia que constitue attestado deprimente da nossa capacidade de oppôr qualquer elemento de resistencia ás manobras baixistas.

Com razão, acha o Sr. Silvio Penteado funesta heresia economica pretender organisar a defeza do café com emissões de papel moeda.

Preconiza o illustre economista a vantagem de um instrumento financeiro "sui generis", novo titulo de credito, a que denomina "bonus de defeza do café", considerado com a virtude de "estabilisar o valor do café, como o da nossa moeda".

Caracteriza este titulo de credito uma "synthese do café, da moeda e da cambial".

Esse instrumento de credito, garantido pelo café em deposito, endossado pelos Thesouros dos Estados cafeeiros associados e ainda com o resgate garantido pelo governo federal, resgate que sempre se effectuaria em curto prazo, esse titulo teria accoitaçãõ nos bancos, que assim poderiam movimentar encaixes, com vantagem para o commercio.

Não ha contestar. A suggestãõ é seductora.

Recapitulando:

A effectividade no regular supprimento do café aos entrepostos de exportação, não parece impossivel conseguirl-a, e, positivamente, convem organisa-la.

A fixaçãõ do preço remunerador, com base no dollar, levará a considerar sempre a relaçaõ dessa com a nossa moeda, o que é variavel conforme o cambio; isto influirá inevitavelmente sobre o valor do bonus da defeza do café e, pois, na sua qualidade de moeda, em sua movimentação e seu resgate.

A necessidade do endosso dos Estados cafeeiros associados e ainda a garantia do resgate dos bonus emitidos, assegurado pelo governo federal, é de recear que encontrariam séria resistencia.

Feitas estas ligeiras considerações, suggeridas pela leitura da brilhante exposiçãõ do Sr. Silvio Penteado, justo é reconhecer o real valor do estudo ahi feito, que poderá abrir caminho largo para se chegar á soluçãõ do primeiro dos nossos pro-

blemas economicos — a defeza permanente do café.

Nunca ahi chegaremos procurando resolver cada crise com palliativos de occasião".

O Sr. presidente, de accordo com a praxe adoptada pela Directoria, deixa ficar sobre a mesa, para exame dos interessados, esses pareceres, cuja discussãõ se fará na proxima reuniãõ.

Annuncia, a seguir, que consta da ordem do dia o parecer da commissãõ que estudou a questãõ do zebu em face da peste bovina.

E declara então, que, dado o máo tempo, não haviam podido comparecer á reuniãõ alguns membros da alludida commissãõ e mesmo outros consocios interessados no assumpto. Parece-lhe, pois, que se não deve discutir tão palpitante materia sem mais ampla consulta á opiniãõ daquelles, pelo que indaga dos seus collegas se não concordariam no adiamento da discussãõ desse parecer.

A opiniãõ unanime é de approvaçãõ ao alvitro proposto, ficando, então, determinada essa materia para ordem do dia da sessãõ vindoura.

Despachado o expediente, é, logo após, encerrada a sessãõ.

SESSÃO DE DIRECTORIA Presidencia do Sr. MIDE 26 DE JULHO DE 1921

presente o representante do Sr. Ministro da Agricultura.

O **ALGODÃO** Approvada a acta da sessãõ anterior, o Sr. presidente inverte a ordem dos trabalhos, para dar a palavra ao Sr. J. Simão da Costa, que realisa importante conferencia, subordinada a este titulo: "O algodão e a forma pratica de augmentar a sua produçãõ no Brasil".

Terminada a conferencia, o Sr. Miguel Calmon agradece a valiosa contribuiçãõ do Sr. J. Simão da Costa e faz considerações sobre o que se tem feito no Brasil, em favor do algodão, desde a primeira Conferencia Algodoeira realizada pela Sociedade, sob os auspicios do governo.

A proposito da conferencia do Sr. Simão da Costa, na qual, são feitas apreciações sobre a Missãõ Pearse, que nos visita, e sobre o modo de ser orientada pelo governo a questãõ do algodão, pede a palavra o Sr. Alberto Jacobina, com a devida venia dos representantes do Ministerio da Agricultura presentes á reuniãõ e entre os quaes destaca o respeitado mestre Dr. Dias Martins, director geral de agricultura, para dizer que, tendo acompanhado a Missãõ Internacional Algodoeira em grande parte de sua excursãõ, cumpre-lhe o dever, como antigo director da casa, de esclarecer a Sociedade quanto á verdadeira orientaçãõ della. Diz que, longe de estar preocupado em fazer resurgir a cultura algodoeira nas regiões administradas pela politica ingleza á custa de informaçoẽs aqui obtidas, achase, pelo contrario, o Sr. Pearse, espirito liberal e bom britannico, embora nascido no centro da Europa, convencido de que a industria europeia não pode mais esperar muito da produçãõ algodoeira do Oriente.

Proseguindo, adianta que a materia prima brasileira parece aos membros da Missãõ destinada, ella só, a solver as necessidades da Europa. A Missãõ tem procurado tão somente obter essa materia prima nas condições de classificaçãõ e preparo adequadas ás fabricas europeas, insistindo, sempre que pode, na questãõ da separaçãõ das qualidades no plantio e seleccãõ das sementes. O Sr. F. Iglesias, em aparte, diz que para isto existe um servico organizado e bem dirigido, entre nós. O Sr. Jacobina agradece o aparte, que versa justamente sobre o ponto onde ia chegar, isto é, a confiança que a todos merece a acçãõ do nosso Departamento do Algodão, acçãõ apenas iniciada, abrangendo todas as medidas suggeridas pelo conferencista. Diz ainda que a Missãõ Internacional, que, entre parenthesis, podia, para nós, brasileiros, ser chefiada tanto por um inglez, como por um allemão ou por um russo, não se tem interessado, durante a excursãõ, senão pela questãõ da cultura. A todos que a têm acompanhado não pare-

ceu dedicar ella a menor attenção ás questões referentes á fição ou á tecelagem. Muito pelo contrario, os itinerantes, que tantos e bons conselhos têm dado a um por um dos sertanejos com quem falam, recusam systematicamente perder um momento que seja no exame de machinas ou quaesquer installações fabris. Lemma delles é: "de machinas estamos fartos". Faz tambem o orador varias considerações sobre a expressão do Sr. Simão da Costa "fraqueza innata do nosso sertanejo" e conclue pelo heroismo da nossa gente do interior, que se impoz durante a excursão ao respeito dos nossos visitantes. Referindo-se ao prego baixo dos nossos algodões, diz que é em parte motivado pelo mau preparo e pela mistura das qualidades. O fabricante sabe de antemão que tem 50 % de perda no peso da fibra que compra, offerecendo por isso a metade do preço que teria a fibra separada.

Continuando, diz S. S. que o Serviço de Algodão terá de futuro grande alcance e, como minimo auxiliar desse Departamento, affirma ao Sr. Simão da Costa, em seu nome e no dos seus collegas, representados por um dos mais distinctos, que está presente, o Sr. Alcides Franco, que a dedicação de todos elles não faltou até hoje e não faltará no futuro.

O ZEBU' E A PESTE BOVINA Em seguida, o Sr. presidente lê a portaria do Sr. ministro da Agricultura declarando extincta a peste bovina, e revogando a que prohibiu a exportação internacional e interestadual de animaes e productos de origem animal, e congratula-se com seus collegas da Sociedade pelo resultado mais brilhante que a administração brasileira poderia obter, felicitando, por isso, o governo.

Pede depois a palavra o Sr. Carlos Lyra, que submete á casa a seguinte proposta:

"Proponho que a Sociedade Nacional de Agricultura represente aos poderes competentes pedindo a eliminação immediata da ordem que prohibe o embarque do gado indiano existente nos portos da India e já adquiridos por alguns patrios nossos;

Que seja suspensa desde já a quarentena imposta a qualquer especie de animaes de raça de qualquer procedencia.

Que sejam creadas comissões de competentes para percorrer as regiões do paiz onde existem rebanhos de cruzamento de zebú, computando-se as condições de vitalidade, profleração e desenvolvimento, com sua porcentagem minima de natalidade e maxima de mortalidade, em confronto com outras raças e com os antigos rebanhos;

Que, finalmente, se dê ampla liberdade aos fazendeiros e criadores na escolha da raça ou raças preferidas, mantendo-se os auxilios e facilidades para o transporte de reproductores de todas as especies".

A respeito da proposta apresentada, o Sr. presidente declara haver a Sociedade nomeado uma comissão para dizer sobre o assumpto, tendo sido redigido um parecer a respeito, o qual faz parte da ordem do dia para ser submettido á discussão e votação. Antes, porém, de fazel-o, vae lêr uma carta em que seu prezado collega Sr. Augusto Ramos, não podendo comparecer á reunião, manifesta seu modo de vêr sobre o assumpto.

Esta communicação do Sr. Augusto Ramos, já está publicada "in extenso" no numero da "A Lavoura" immediatamente anterior a este).

Sobre a proposta Carlos Lyra estabelece-se longo debate, fazendo-se ouvir em primeiro lugar o Sr. Dias Martins, que diz não ser contrario ao zebú pelas razões que expende, no tocante ás providencias tomadas, acha serem ellas medidas de prophylaxia uteis para os proprios criadores.

Em seguida falam sobre o importante problema os Srs. Carlos Lyra, João Cabral, Julio Cesar Lutterbach e Landulpho Alves, dizendo este ser assumpto já discutido na Sociedade a utilidade do zebú mas opinando contrariamente á proposta Carlos Lyra.

A proposito, o Sr. Bento Miranda expõe a questão em seus minimos detalhes, fazendo referencias ao que fôra decidido no Congresso de Paris sobre o zebú, considerado como o portador da peste.

Tambem sobre a materia volta a falar o Sr. presidente, que faz interessantes ponderações, encarecendo o cuidado que deve haver na adopção de medidas que possam prejudicar a suspensão, por parte dos governos estrangeiros, da prohibição da importação de carnes brasileiras e productos animaes.

Ainda sobre a questão em debate fala o Sr. Joaquim Osorio, que não tem duvida em affirmar ser o gado zebú depositario do virus da peste bovina, julgando, por isso, que a importação desse gado só devera ser autorisada, observadas rigorosas medidas prophylaticas. Até então, diz S. Ex., as fronteiras e os portos brasileiros têm estado abertos a todas as epizootias, pela falta de defeza sanitaria; mas hoje ja estão postas em pratica medidas de defeza, graças á acção governamental.

Passa, então, o Sr. Joaquim Osorio a lêr o parecer da comissão de que foi relator.

(Tambem este trabalho se acha publicado na integra no numero da "A Lavoura" referente a agosto-setembro ultimos).

Finda a leitura, pede a palavra o Sr. Lyra Castro para fazer considerações sobre alguns pontos da carta do Sr. Augusto Ramos, lida á casa pelo Sr. presidente. Passa, então, a defender o parecer da comissão, de que é presidente, no tocante á construcção de um lazareto veterinario especial em uma das ilhas do porto desta cidade. Justificando o local indicado no parecer, diz que se fez o alvitre, devido á facilidade de fiscalisação immediata pelo Ministerio da Agricultura e autoridades federaes. Expende varios argumentos e termina sua longa exposiçào, esclarecendo outros topicos da carta Augusto Ramos, fazendo, a proposito, menção de uma recente publicação do Sr. Ruffier.

Logo após pede a palavra o Sr. Ozorio de Almeida que, depois de se manifestar sobre a materia em debate, propõe que, pela relevancia da mesma e por ser a proposta Carlos Lyra contraria ás conclusões do parecer da comissão, a qual será estudada, fosse adiada a votação das conclusões para a proxima reunião.

O Sr. presidente submete a proposta Ozorio de Almeida a apreciação da casa, que a approva.

Em seguida pede a palavra o Sr. João Cabral que, referindo-se ás medidas de emergencia adoptadas na comissão de financeas da Camara, allude ao suggerido adiamento da Exposiçào, projectada para comemoração do Centenario da nossa Independencia; e, sendo contrario ao adiamento, pelas considerações que apresenta, pede que a Sociedade se manifeste nesse sentido.

O Sr. presidente submete o assumpto á consideração da casa, havendo pedido a palavra o Sr. Joaquim Luiz Ozorio, que alvitra seja a proposta discutida na proxima reunião.

Ao ser encerrado a sessão, usa da palavra o Sr. Lyra Castro, communicando á casa o regresso do Sr. Hannibal Porto, que fez parte da comissão que representou o Brasil na Exposiçào de Borracha e Outros Productos Tropicacs realisada em Londres. Faz elogiosas referencias á obra do Sr. Hannibal Porto, dizendo ter sido de muita valia para o brillantismo da representação do nosso paiz. Herois de congratular-se com a Sociedade pela volta do seu operoso director, propõe sejam lançados em acta um voto de boas vindas e outro de louvor pelos seus relevantes serviços e brillante cooperação naquelle certamen.

Ambo os votos são approvados, havendo o Sr. presidente secundado as palavras do Sr. Lyra Castro, dizendo que convidaria o Sr. Hannibal Porto para expôr as suas impressões a respeito do certamen e da incumbencia que desempenhara.

Approvadas varias propostas de novos socios, é encerrada a sessão.

Commercio mundial de gado e seus derivados

As alterações que a guerra produziu no commercio internacional de gado e seus derivados ressaltam de uma documentação do mais alto interesse recentemente publicada pelo Departamento de Estatística do Instituto Internacional de Agricultura, de Roma, sob a denominação de "Commercio internacional de gado e seus derivados".

Todos os paizes para isso contribuíram com informes relativos à importação e à exportação, no periodo quinquenal de 1915-1919, mencionando as diversas especies de animais vivos, carnes, gorduras, leite, manteiga e queijo, pelles, couros e lãs.

E' assim que a exportação de cavallos dos Estados Unidos attingiu a 450.000 cabeças em 1915, contra menos de 30.000 durante os annos anteriores à guerra. O trafico de animais para matadouro diminuiu sensivelmente, ao passo que tomou grande impulso o commercio de carnes congeladas.

A Argentina, o Brasil, o Canadá, a União Sul-Africana e a Nova Zelandia registraram fortes augmentos nas suas exportações de carnes bovinas; o Uruguay e a Nova Zelandia nas de carnes ovinas; o Canadá e os Estados Unidos nas de carnes porcinas.

Nota-se igualmente um forte acrescimo nas exportações de gorduras animais, toucinho e cebô, nas quaes tomam parte a Argentina, o Brasil, os Estados Unidos, a China e a Nova Zelandia.

As exportações de manteiga das Americas septentrional e meridional accusaram um augmento continuo, sem todavia, compensar a enorme diminuição verificada na exportação da Dinamarca, Hollanda, Russia e Suecia. Em relação aos queijos, a diminuição foi sensível em todos os paizes produtores da Europa, especialmente na Hollanda, na Suissa, na Italia e na França.

O commercio internacional de couros desenvolveu-se activamente. Quanto à lã, nota-se durante os annos de 1916, 1917 e 1918 uma accentuada queda nas exportações, seguida de consideravel surto em 1919, sobretudo em relação aos productos da Australia e da União Sul-Africana.

Movimento da secretaria da S. N. de Agricultura em Setembro de 1921

CORRESPONDENCIA

Recebida	
Officios	23
Cartas	89
Pedidos	16
Telegrammas	11
Propostas	9
Diversos	22
Total	170
Expedida	
Cartas	48
Officios	137
Telegrammas	184
Total	369

PEDIDOS ATENDIDOS

Vaccinas

Destinatarios	Doses
Alfredo José Nogueira	320
Edward Carneiro Junqueira	50
Francisco Morgante	200
Leodovico Salles	100
Tarcilio Fabião	24
João Gonçalves Sobrinho	50
Virgilio Antunes	150
Vicira & Irmão	400
Total	1.274

MACHINAS E OUTROS OBJECTOS (212 unidades)

5 rolos de arame farpado, 5 kilos de grampos, 81 kilos de drogas diversas, 16 latas de formicida, 2 machinas agricolas e 100 litros de sarnol, destinadas aos Srs. Antonio Silvestre da Cruz, Codó, Maranhão; Domingos José Freire, Campo Bello, Minas Geraes; Henrique A. Leite Guimarães, Barra Mansa, Estado do Rio e Alfredo José Nogueira, São Joaquim, Estado de São Paulo.

Attendidos verbalmente — 96 socios.

Nome dos lavradores registrados por intermedio da Sociedade no Ministerio da Agricultura (8):

Antonio Geraldo da Costa — Barbacena, Minas Geraes.

Antonio Silvestre da Cruz — Codó, Maranhão. Alfredo Garcia Bastos — Itaperuna, Rio de Janeiro.

Domingos da Silveira Leal — Victoria, E. Santo. Lindolpho Dutra Escobar — Barra do Pirahy, Rio de Janeiro.

Leocadio Martins — Nova Iguassú, Rio de Janeiro.

Martinho Corrêa da Veiga Filho — Inhaúma, Distrito Federal.

Oity Lage — Rezende, Estado do Rio.

RELAÇÃO DOS SOCIOS PROPOSTOS (12)

Carlos de Campos Pantoja, Eugenio Bartholomeu dos Reis, Lindolpho Dutra Escobar, Manoel Coelho, Felix Joaquim de Araujo, Chas. W. Gilbert, Marcello Piano, Dr. Placido de Mello, Dr. Eurico Gonçalves Guerra, Dr. Joaquim Sampaio Ferraz, Dr. Isaac Elbas e Dr. Hugolino de Albuquerque Mello Mattos.

CONFERENCIAS REALIZADAS (5)

Léo Estêve, sobre: "O serviço d'Agrotopologia, suas razões de ser, seu fim e seus meios de acção".

Delphim Riet, sobre: "O futuro da nossa pecuaria em face da crise actual".

Alberto Moreira, sobre: "A situação economica da Amazonia".

Raymundo Pereira Brasil sobre: "O Pará economico".

30 de Setembro de 1921 — R. Dias Ferreira, Chefe da Secretaria.

MOVIMENTO DA SECRETARIA EM OUTUBRO DE 1921

Papeis recebidos	
Cartas	87
Officios	44
Telegrammas	38
Propostas	20
Diversos	30
No mez de setembro	219
Diferença para mais no mez de outubro	170
Papeis expedidos:	
Cartas	150
Officios	200
Telegrammas	280
Total	630

No mez de Setembro

Diferença para mais no mez de outubro

Conferencias realizadas — 3:

Adelino Costa — "A castanha e a sua importancia no Norte do Brasil".

Antonio da Silva Neves — "Impressões da India".

João Raynal — "O aproveitamento das fibras nacionaes".

Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1921. — R. Dias Ferreira, chefe da Secretaria.

Carneiro, Maciel & C.

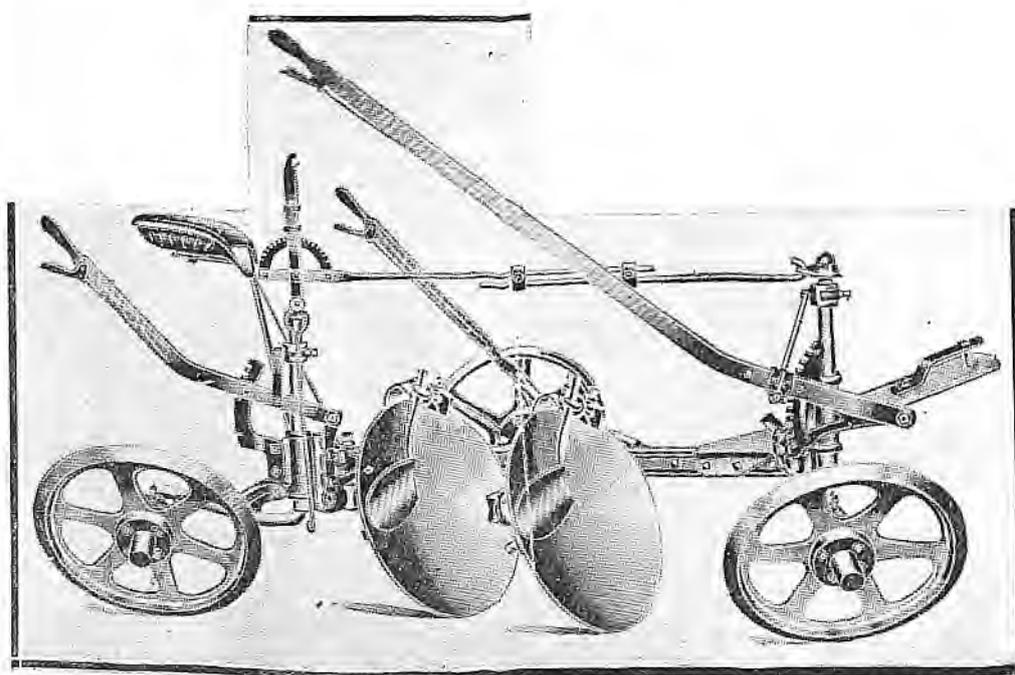
RUA 13 DE MAIO N. 57

End. Tel. Solange

Código Ribeiro

CAMPOS (Estado do Rio de Janeiro)

Automoveis e Accessorios
Material para usinas, Lavoura, construcção e ele-
ctricidade



STOCK de cimento, zinco, chapas de ferro, mancaes, eixos, correias, pello de camello e Balata Dicks, zarcão e tintas, arame farpado, pixe, oleos e graxas, turbinas, borracha em lençol, baldes, balanças, carrinhos de mão, etc., etc.

REPRESENTANTES DOS ARADOS E MACHINAS AGRICOLAS DA AFAMADA MARCA "JOHN DEER"

Agentes e depositarios do chocolate e "bonbons" marca BHERING